

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Adeus Professoras...O Curso de Magistério Acabou.

Autor: Luísa Emília Lima de Moraes
Orientador: Profª Drª Agueda Bernardete Bittencourt

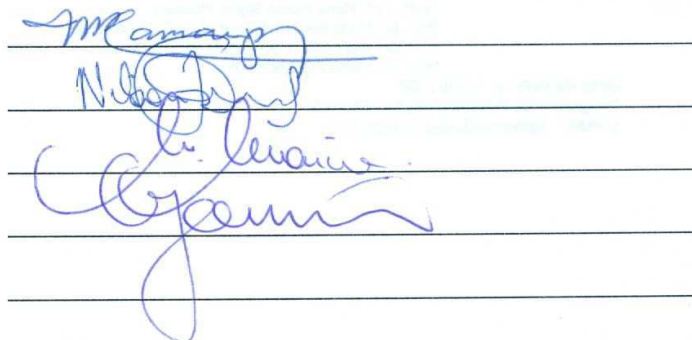
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por
Luísa Emília Lima de Moraes e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data: 29 de agosto de 2008.

Assinatura:.....



Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



2008

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M791a Moraes, Luisa Emilia Lima de.
Adeus professores...o curso de magistério acabou / Luisa Emilia Lima de Moraes. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador : Agueda Bernardete Bittencourt.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Magistério. 2. Formação de professores. 3. Pedagogia. 4. Escola Normal. I. Bittencourt, Agueda Bernardete. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-168/BFE

Título em inglês : Goodbye teachers...the course of just teaching

Keywords : Teaching ; Training of teachers ; Pedagogy ; Normal School

Área de concentração : Educação , Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação : Doutora em Educação

Banca examinadora : Prof^a. Dr^a. Agueda Bernardete Bittencourt (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Márcia Sigrist Malavasi

Prof. Dr. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Prof. Dr. Wencesláo Machado de Oliveira Junior.

Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis.

Data da defesa: 29/08/2008

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail : luisaemilia33@yahoo.com.br

Para meus pais, Nilse e Anízio, com gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram presentes em minha vida nestes cinco anos. Algumas mais tempo, outras menos, mas todas foram muito importantes. A vocês dedico a alegria de chegar e agradeco pelo tempo em que estivemos nesta travessia...

Para a professora Doutora Agueda Bernardete Bittencourt, orientadora competente e amiga, que me ensinou a encontrar o meu caminho com esta pesquisa.

Para a Professora Doutora Maria Márcia Sigríst Malavasi e o Professor Doutor Guilherme do Val Toledo Prado, pelas importantes contribuições e orientações na qualificação. Muito obrigada mesmo!

Para o Professor Doutor Wenceslão Machado de Oliveira Junior, pela sugestão do álbum de fotografias, que só me deu alegrias.

Para as alunas formadas na Escola Oscar Villares, especialmente Silvia, Lúcia, Luciana, Marisa, Débora e Natália, que me ajudaram a construir este trabalho e a conhecer um pouco mais sobre o eu-mesmo e os outros eus...

Para as formandas de 1957 da Escola Normal de Mococa, especialmente Aparecida, Annete, Marina e Odete, pela sapiência e jeito bom de ver a vida. Valeu a pena!

Para o Professor Jorge e Dona Isabel, exemplos de luta e esperança, em dias tão desleais...

Para o Sr. Mario Zamarian, pelo amor à cidade, à sua história, sua memória. Historiador nato. Alegria.

Para meu irmão João Carlos, pelo estímulo, pela preocupação e pelo amor.

Para meu namorado Caetano, pelo companheirismo, pela paciência e ajuda nas horas mais difíceis com seu jeito prático de encarar a vida. Aprendizado, amor.

Para meus amigos Gê, Paty*, Roma e Fê: engraçados, divertidos, inteligentes. Gente assumida, gente feliz!

Para os amigos que fiz no Grupo FOCUS e nas reuniões de pesquisa com a Professora Agueda, pelas sugestões e discussões valiosas, pelos cafezinhos "filosóficos", saudades...

Para a Nadir, da Pós Graduação da FE, pela educação e atenção comigo e com os alunos. Gente boa, difícil de se encontrar.

Para a Fabiana Lopes Binda Graci, que me mostrou o quanto é importante saber olhar.

Para as Professoras Esther Schapochnik e Ana Silvia Fonseca, pela leitura cuidadosa de meu texto, pela revisão precisa, pelas professoras que são.

Para o Tobias, a Miriam e a Vanessa Jerozolimsk, pelo "socorro técnico", nos momentos finais do trabalho.

Para a direção, os professores, secretários e funcionários da Escola Estadual Oscar Villares, por terem me permitido pesquisar na escola e também por terem agüentado minhas perguntas por tantos anos.

A todos vocês, tudo de bom nesta vida e muito obrigada!

Mas é que a verdade nunca me fez sentido. A verdade não me faz sentido!

É por isso que eu a temia e a temo. Desamparada, eu te entrego tudo - para que faças disso uma coisa alegre. Por te falar eu te assustarei e te perderei? Mas se eu não falar eu me perderei, e por me perder eu me perderia.

(Clarice Lispector, *A Paixão Segundo G. H.*)

Resumo

Este trabalho discorre sobre o fim do Curso de Magistério em Mococa (SP). Ele se propõe a discutir, partindo das entrevistas com as alunas da última turma, ou seja, as que se formaram no ano de 2004, o movimento que levou ao encerramento deste curso em nível médio e a trajetória destas alunas no ensino superior. Discute, também, a falta de prestígio desses cursos, em nível médio e superior, e o lugar social da professora no Brasil, hoje.

Palavras- chave:

Escola Normal, Magistério, Formação de Professores, Pedagogia

Abstract

This paper is about last year public school teacher training in Mococa, São Paulo state, Brazil. A discussion is proposed from interviews with graduating students, the one who graduated at the end of 2004. The facts that led to the ending of this course and the students further paths towards higher education. It also covers the lack of prestige of such courses at secondary and university levels and the social status of school teaching in Brazil, today.

Keywords:

Normal School, Teaching, Training of Teachers, Pedagogy

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	XIII
------------------------	------

INTRODUÇÃO	01
Andanças	01
Da Escola Normal à Escola Estadual Oscar Villares	05
O Caminho para a Escola	09
As Leituras - A Travessia	11
Organização dos Capítulos	17

CAPÍTULO 1

Três Momentos Fotografados: O Passado, As Pessoas, O Olhar.....	19
1.1 Sobre a Escola	19
1.2 Sobre Professoras	32
1.3 Sobre o Vazio	47
1.4 Sobre as Imagens.....	58

CAPÍTULO 2

Os Primeiros Passos e o Lugar: A Escola Normal de Mococa.....	63
---	----

2.1 Uma Escola Normal: Para que? Para quem?.....	67
2.2 Ensino Superior: A Nova Fase de Formação de Professores em Mococa	88

CAPÍTULO 3

Trajetórias de Formação: da Última Turma às Normalistas de 1957.....	97
3.1 A Turma de 2004	102
3.2 Boa Mãe, Boa Esposa, Boa Dona de Casa? As Formandas de 1957.....	122
3.3 Futuras Professoras: de Normalistas a Pedagogas	136

PALAVRAS FINAIS.....	151
-----------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.....	157
--------------------------	------------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto da Fachada da Escola Estadual Barão de Monte Santo (Primeiro Grupo Escolar) Fonte: Museu Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios".....	21
Figura 2 - Primeiro Grupo Escolar Barão de Monte Santo Fonte: Arquivo Biblioteca Municipal de Mococa.....	22
Figura 3 - Construção da Escola Normal de Mococa em (Quatro momentos) Fonte: Arquivo Oscar Villares e Mario Zamarian.....	23
Figura 4 - Escola Normal de Mococa meses antes de sua inauguração Fonte: Arquivo Oscar Villares - dezembro de 1938.....	24
Figura 5 - Inauguração da Escola Normal de Mococa - Ano 1939 Fonte: Arquivo Mário Zamarian.....	25
Figura 6 - Fotos da Fachada da Escola Estadual Oscar Villares Fonte: Arquivo Oscar Villares e Arquivo Pessoal.....	26
Figura 7 - Fachada da Escola Estadual Oscar Villares - 2007 Fonte: Arquivo Pessoal.....	27
Figura 8 - Fachada e Praça da Escola Estadual Oscar Villares Fonte: Arquivo Pessoal.....	28
Figura 9 - Convento São José- Sede da Primeira Faculdade de Pedagogia e Biblioteconomia em Mococa Fonte: Arquivo Pessoal.....	29

Figura 10 - Convento São José- Sede da Primeira Faculdade de Pedagogia e Biblioteconomia em Mococa	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	30
Figura 11 - Novo prédio da Faculdade de Pedagogia de Mococa -2007 (FUNVIC- Fundação Vida Cristã)	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	31
Figura 12 - Normalista da Escola Normal de Mococa- Década de 1950	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	34
Figura 13 - Diretor e alunos do Grupo Escolar Barão de Monte Santo - Confraternização ao final do ano, 22 de dezembro de 1928	
Fonte: Arquivo Mário Zamarian.....	35
Figura 14 - Diretoria da Sociedade Mocoquense Auxiliadora de Instrução com normalistas no Colégio Maria Imaculada	
Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	36
Figura 15 - Normalistas com as Irmãs Concepcionistas no Colégio Maria Imaculada	
Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	37
Figura 16 - Ginásio Municipal de Mococa, 9 de junho de 1932	
Fonte: Arquivo Mario Zamarian.....	38
Figura 17 - Ginásio Municipal de Mococa - Diretor e parte dos alunos matriculados, setembro de 1930	
Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	39
Figura 18 - Turma de 1957- Escola Normal de Mococa	
Fonte: Dona Aparecida.....	40
Figura 19 - O Grande Encontro - 50 anos de Formatura da Turma de 1957	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	41
Figura 20 - Normalistas da Escola Normal de Mococa em comemoração cívica	

Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	42
Figura 21 - Normalistas da Escola Normal de Mococa	
Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	43
Figura 22 - Formanda do Curso de Magistério no ano de 2004	
Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	44
Figura 23 - Formandas do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares - Ano 2004	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	45
Figura 24 - Alunas do Curso de Magistério com o professor de teatro na Escola Estadual Oscar Villares- 2003	
Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	46
Figura 25 - Álbum de fotos da Escola Normal de Mococa - de 1939 a 2005	
Fonte: Arquivo Oscar Villares.....	51
Figura 26 - Foto de alunas caminhando em direção da sala do curso de magistério da Escola Estadual Oscar Villares	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	52
Figura 27 - Corredor vazio da Escola Estadual Oscar Villares, após o encerramento do Curso de Magistério no ano de 2004	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	53
Figura 28 - Porta da sala de aula do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	54
Figura 29 - Foto da sala vazia do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares - momento 1	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	55
Figura 30 - Foto da sala vazia do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares - momento 2	
Fonte: Arquivo Pessoal.....	56

Figura 31 - Foto da sala vazia do Curso de Magistério da Escola Estadual
Oscar Villares - momento 3
Fonte: Arquivo Pessoal.....57

INTRODUÇÃO

Andanças

Sou professora.

Leciono há sete anos no curso de Pedagogia, em duas instituições: a Faculdade da Fundação de Ensino de Mococa - FaFEM -, localizada na cidade de Mococa, no estado de São Paulo; e o Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé - UNIFEG -, na cidade de Guaxupé, em Minas Gerais.

Na graduação em História interessei-me pela área de educação, principalmente em função de monitorias e pesquisas junto ao Departamento de Fundamentos da Educação, da UNESP. Estas discutiam a formação de professores e suas práticas docentes na cidade de Franca, interior de São Paulo, e aguçaram meu interesse pela História da Educação.

Quando estudei, no mestrado, a sistematização do ensino no Brasil na gestão de Gustavo Capanema¹, durante o Estado Novo (1937-1945), ou

¹ O período em que Gustavo Capanema esteve à frente do Ministério da Educação caracterizou-se pela obrigatoriedade da instrução primária e pelas possibilidades de mulheres de classe média darem continuidade a seus estudos por meio da abertura de um maior número de escolas normais, por ocasião da reforma do ensino secundário de 1942.

seja, na ditadura de Getúlio Vargas, meu objetivo foi uma análise do ensino secundário, voltado especificamente, segundo Badaró (2000, p. 29), "para as elites condutoras da nação". As leituras que fiz no tocante a esse período, principalmente sobre as Leis Orgânicas do Ensino, atreladas à minha função docente, alertaram-me a respeito de como se organizou um outro tipo de ensino, realizado numa instituição educativa chamada Escola Normal, cuja função específica era formar professores.

Ao iniciar meu doutorado, em 2003, estabeleci como projeto inicial o estudo da Escola Normal de Mococa. Movia-me a ausência de pesquisas sobre essa instituição, considerando-se sua importância local, principalmente na primeira metade do século XX.

Reconheci nessa instituição uma possibilidade de maiores informações acerca do que já há alguns anos despertava em mim interesse para a pesquisa. Além disso, naquele momento, ela ainda habilitava moças e rapazes para o magistério.

Com o ingresso no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp comecei a desenvolver este projeto, que me permitiu uma abertura de horizontes sobre meu objeto de pesquisa.

Parti para a pesquisa, procurando conhecer um pouco mais sobre a escola que formou gerações de normalistas em Mococa e onde muitas alunas que cursam o nível superior dessa cidade estudam. Na escola, ao entrar em contato com professores, com a direção e ao observar o dia-a-dia dos alunos, tomei conhecimento da possibilidade de encerramento do Curso de Magistério. E, em 2004, o que parecia ser apenas um "boato"

resultou na última turma de professoras formadas por aquela instituição de ensino.

A partir de então comecei a pesquisar sobre o que teria acontecido para que o Curso de Magistério dessa Escola Normal viesse a encerrar suas atividades e voltei meu olhar para outras perspectivas. Interessei-me por sua história, suas características arquitetônicas e as razões para sua instalação em Mococa. Tratava-se do único curso da cidade com a função específica de habilitar professores para o magistério. Outras iniciativas haviam acontecido, mas não foram adiante.

Com o desenvolvimento deste trabalho, comecei a perceber que havia, além da escola citada, aspectos importantes da história da educação no Brasil que precisavam ser esclarecidos e, na travessia, mudanças foram inevitáveis.

Assim sendo, esta pesquisa buscou numa instituição formadora de professores as possíveis respostas para o que se conheceu nas últimas décadas como a "decadência" do Curso de Magistério. Meu objetivo tornou-se estudar, a partir do encerramento de tal curso, em Mococa, os rumos tomados por esse tipo de ensino de formação de professores para a Educação Infantil e para as séries iniciais do Ensino Fundamental, no Brasil.

Optei por estudar a escola e contar, também, as histórias individuais de suas normalistas, relacionando-as com a história da formação dos professores primários a partir de uma literatura específica sobre esse assunto, sem perder de vista o movimento internacional em torno da universalização da escola.

Algumas questões impuseram-se com insistência: O que foi a Escola Normal e o que ela se tornou? Por onde "andavam" as normalistas? Qual seria hoje o seu "uniforme" e a sua "imagem" no álbum de formatura?

Cabe aqui lembrar que as escolas normais, no Brasil, foram responsáveis pela formação de muitos jovens envolvidos na tarefa de se tornarem professores primários. Além disso, segundo a literatura, caracterizavam-se pelo rigor no aprendizado e pela excelência na formação de seus mestres. Assim, de acordo com Monarcha (1999), a Escola Normal da Praça da República, por exemplo, na cidade de São Paulo, iluminada, representou o auge de tal nível de ensino.

A importância desses espaços escolares aconteceu no Brasil em meados do século XIX, na transição do Império para a República. No entanto, delimitar esse período não é suficiente, pois é importante caracterizá-lo como uma fase de intensas tentativas de organização do sistema educacional brasileiro, acirradas na década de 1920 e com sua primeira implementação em nível nacional em meados dos anos 1930.

O século XX, especificamente em os seus últimos vinte anos, consolidou uma maneira de se apreender a história das instituições escolares no Brasil, fruto dos distintos modos de se compreender a história e o significado da educação. A historiografia passou a valorizar mais as conjunturas, o processo e o movimento dos fatos (tempo e espaço). A educação passou a compreender, além da formação integral da personalidade, o desenvolvimento de potencialidades dos alunos, as condições de socialização anteriores à escolarização, a política educacional, entre outros temas.

O período de criação da escola de Mococa é o de implantação e expansão do ensino, em todos os níveis, com o aumento do número de escolas e de alunos atingidos pela educação nacional. Além disso, a educação, ultrapassando a sala de aula, "invade" o pátio, o refeitório, a biblioteca e até as adjacências da escola. O pensamento educacional desenvolveu-se alimentado pela bibliografia importada da Europa e, depois da Segunda Guerra (1939-1945), também dos Estados Unidos, e tinha como destino privilegiado as escolas normais, respeitados centros de educação e de cultura.

As leituras que fiz sobre instituições escolares trouxeram-me novas perspectivas de abordagem histórica e tornaram minha pesquisa mais atraente. Um novo olhar sobre as fontes ampliou minhas possibilidades de análise e mostrou a singularidade de meu objeto de pesquisa: um espaço escolar.

Da Escola Normal à Escola Estadual Oscar Villares

Conforme já explicitado, a idéia para o desenvolvimento desta pesquisa veio de minha prática cotidiana e dos estudos que realizei em minha dissertação de mestrado.

Muitas imagens estiveram presentes neste percurso. Conheci pessoas envolvidas tanto com o Curso de Magistério quanto com a preservação da memória da antiga Escola Normal de Mococa. Pesquisei fotos, tive longas conversas sobre aquelas imagens em preto e branco ou

coloridas. Observei pessoas "ocupando o seu lugar", assim como outras "em movimento", declarando o tempo, tentando saber quem são, onde estão. Havia nelas o desejo de mostrar o lugar social do grupo de pessoas retratadas compartilhando a mesma experiência profissional.

Em meu primeiro contato com a Escola Normal de Mococa, atual Escola Estadual Oscar Villares², procurei a direção para obter autorização e dar os primeiros passos na pesquisa. Em seu arquivo morto, aparentemente, não havia nada de diferente, mas percebi que lá havia mais fontes do que eu poderia esperar e que acabaram modificando os rumos desta pesquisa.

No arquivo morto, aqueles papéis confusos e desordenados sinalizavam o caminho que eu iria percorrer. Eram de fato informações, mas todas ainda muito desconexas. A única quase certeza que eu tinha era de que há muito tempo ninguém entrava ali, o que reforçava as "conversas" espalhadas pela cidade sobre a falta de interesse das pessoas pela escola.

Depois de ácaros, alergias infundáveis em meus braços e encontros com baratas, consegui organizar tudo, mas a direção da escola, inesperadamente, resolveu mudar o arquivo de sala. Aquela atitude provocou em mim um incômodo que acabou sendo providencial.

Notei que meu trabalho havia sido em vão e que a possibilidade de organização causou, na verdade, um desconforto na direção da escola, que parecia inquieta com a minha presença. Eu era uma estranha e estava

² Oscar Villares não nasceu em Mococa, mas foi para essa cidade por ocasião da transferência de seu pai, funcionário municipal. Iniciou sua vida política no Partido Republicano Paulista e, após 1945, presidiu o Partido Social Democrático. Foi dentista, político e participou do movimento a favor da expansão do ensino na cidade. Faleceu em 21 de outubro de 1953.

trazendo à tona não apenas a história daquele lugar, mas a história de todos aqueles que dali faziam parte - a história dos sobreviventes. Optei por não desanimar e voltei a fazer minha pesquisa, agora na outra sala!

Os registros encontrados davam evidências daqueles que lá estiveram. Assim como em outras instituições que eu já conhecia ou havia freqüentado, essa sala ficava sempre fechada. Inacessível. Os documentos, amarelados pelo tempo, escondidos sob o pó, esquecidos, apresentavam-se empilhados em prateleiras enferrujadas, unidos pelo tempo e pelo espaço. Estavam ali, inertes. O movimento limitava-se às andanças de algumas baratinhas que, às vezes, apareciam e davam sinal de vida. Essa "convivência" me fez pensar no sentido de estar naquele lugar. No entanto, era preciso mexer no que estava oculto.

Na nova sala, tudo estava, de novo, muito desorganizado. Verifiquei desde prontuários até livros-ata, diários de classe, diários oficiais, revistas de educação, fotos, notas de alunos. Levantei nomes de algumas pessoas que haviam trabalhado na escola: professores, diretores, inspetoras.

Ao entrar na escola, durante as férias, eu observava seu silêncio, sua cor escura e uma estranha falta de vida. Nos corredores, ou penduradas às paredes, havia flores. De plástico. As janelas estavam sempre por abrir. Do segundo andar, o jardim que à sua frente se estendia em tons alaranjados envelhecidos, à noite, dava-me a sensação de estar sempre no outono. Suas árvores, antigas, ofereciam uma sabedoria silenciosa.

Quando as aulas recomeçaram, minha expectativa era de que essa imagem fosse embora, o que de fato ocorreu, mas uma outra, curiosa, apresentou-se para mim. Os alunos entravam sempre de forma agitada. Esse movimento numa escola é o esperado, no entanto soava-me agressivo. Aqueles jovens não tinham uma expressão de tranquilidade ao entrar na escola. Parecia que era mais uma obrigação, ou a única opção, do que qualquer outra coisa. Lembro-me de suas camisetas, sempre escurecidas, amareladas. Não deviam ter mais de um uniforme. Lembro-me, também, dos cabelos encaracolados sempre molhados. Usavam gel, sentiam-se bonitos e bonitas assim! As portas eram controladas por meio de cadeados e por inspetores tensos que cuidavam para que os alunos não saíssem.

Aos poucos, no dia-a-dia daquele lugar, para mim, o arquivo morto tornou-se vivo. A sala cheia de documentos foi substituída pelo pátio, pela sala dos professores, pelos corredores sempre escuros, pela escada em forma de caracol, pela portaria vigiada, pelos passos agitados dos alunos, pelas brigas na porta da escola. Aquela não era mais a escola mostrada pelos documentos. Era a vida no anonimato, no cotidiano da sala de aula, na igualdade permitida pelos uniformes desgastados por sucessivas lavagens.

A partir de então, comecei a conjecturar sobre o que teria havido com o Curso de Formação de Professores daquela escola. Recorri aos antigos documentos. Eles mudaram de lugar, mas me levaram para onde minha pesquisa começaria: ao primeiro andar. Ali, no final do corredor, encontrava-se a sala de aula do Curso de Magistério. Suas cadeiras estavam vazias e não havia sinais de que algum professor tivesse passado por ali. A lousa apagada, o silêncio ensurdecedor. Ou seja, comecei este

trabalho em busca da história de uma escola e acabei pesquisando sobre a turma de 2004: a última do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares.

O Caminho para a Escola

Nesta pesquisa realizei entrevistas com professoras que estudaram na Escola Normal de Mococa e que se formaram nos anos de 1957 e 2004.

Ela deveria servir para ajudar a compreender quem era a normalista, como foi o processo que culminou com o desaparecimento do Curso de Magistério, e, com esses dados, delimitar o lugar social do professor e da professora primária, em especial.

Para relacionar os relatos da turma de 1957 com os da turma de 2004, recorri aos estudos de Rosa Fátima de Souza (1998), Geni A. Nader Vaconcelos (2000), Aparecida Joly Gouveia (1970), Luiz Pereira (1969), Antonio Nóvoa (1995) e Anísio Teixeira (1971) para esclarecer as mudanças políticas ocorridas no início do século XX, assim como as políticas para organização do ensino no país.

A escolha dos professores a serem entrevistados aconteceu a partir de dois aspectos: 1) As alunas da turma de 1957 eram as mais próximas à fundação da Escola Normal de Mococa, em 1939, as quais pude ter acesso; 2) As alunas de 2004 eram da última turma e assistiram o Curso de Magistério se findar. De um lado, o que se viu como auge da Escola Normal e, de outro, a sua decadência.

Este trabalho, portanto, relaciona as características sociais da professora primária, a partir de seus depoimentos, com as políticas de implantação de um sistema nacional de educação. Tais relatos foram importantes, pois quando falamos sobre a professora primária, é comum ouvir as pessoas se referirem com satisfação e saudosismo à normalista do início do século XX e tê-la como referência. Essa imagem de uma professora ideal, construída historicamente, foi se desfazendo e se transformando ao longo da história, cedendo lugar a uma outra, que não carrega em si os mesmos atributos que durante tanto tempo caracterizaram a professora primária no Brasil.

Além das entrevistas e das fotos das professoras, também utilizei a imprensa escrita para a realização desta pesquisa, assim como um questionário com ex-alunas da Escola Estadual Oscar Villares que estavam cursando Pedagogia e Normal Superior.

No jornal *A Mococa* fiz um levantamento sobre as iniciativas educacionais que existiram na cidade de 1900 até 1957. Essa periodização reflete a necessidade de se entender as iniciativas locais para construção de escolas antes da fundação da Escola Normal de Mococa, ou seja, antes de 1939. A partir dessa data procurei compreender as características tanto de tal escola quanto da sociedade, para um melhor entendimento das declarações da turma de professoras de 1957.

No jornal *Folha de S. Paulo* realizei a pesquisa do ano 2000 até o de 2004, quando se encerra o Curso de Magistério em Mococa. Pretendi entender quais foram as discussões e o que foi publicado sobre o encerramento desse curso.

Recorri à história oral e realizei entrevistas com as professoras envolvidas nesse processo de transformação. Para encontrá-las fiz uma pesquisa no arquivo morto da escola e, por meio de seus prontuários, tive acesso a seus nomes e endereços. Com a lista em mãos, fui até a secretaria da FaFEM³ e constatei que algumas haviam se matriculado no Curso de Pedagogia e no recém-criado Curso Normal Superior. Dentre elas, conheci e entrevistei seis, que freqüentaram o Curso de Magistério em Mococa e se formaram no ano de 2004. Algumas entrevistas foram realizadas em suas casas, outras na própria faculdade, durante os horários de intervalo, em vários dias.

Realizei, igualmente, um questionário com 75 alunas que concluíram o Curso de Magistério em outros anos e que cursavam o Normal Superior ou o Curso de Pedagogia. Com as entrevistas procurei delinear o perfil social dessas moças, além de, a partir de seus relatos, analisar sua percepção sobre o encerramento do Curso de Magistério.

Os relatos foram importantes para esta pesquisa, pois são fragmentos do passado, uma via de análise do processo histórico, mas não o recuperam como ele foi, pois o que passou não é um relato, mas um conjunto de histórias de vida atreladas a circunstâncias maiores, que se misturam às questões políticas, econômicas, culturais.

As Leituras – A Travessia

³ Refiro-me às Faculdades da Fundação de Ensino de Mococa.

Para a compreensão das trajetórias na formação de professores, sem repetir estudos já realizados, segui os caminhos já trilhados por pesquisadores como Luiz Pereira (1969), Carlos Monarcha (1999), Ester Buffa e Paolo Nosella (2002), Aparecida Joly Gouveia (1970), Helena Costa Lopes de Freitas (2003) e Rosa Fátima de Souza (1998). Esses pesquisadores procuram entender as mudanças na formação de professores, relacionando-as às questões das políticas públicas ou do cotidiano da escola e da sala de aula, ou, ainda, observando as mudanças através das alterações arquitetônicas, de mobiliário, de uniforme, entre outras.

Em "O magistério primário numa sociedade de classes", Luiz Pereira (1969) propõe uma discussão envolvendo a mulher e o trabalho, resultado de sua pesquisa sobre o magistério público estadual na cidade de São Paulo. O autor discute dados estatísticos que foram escolhidos a partir dos critérios de classe social, idade e sexo. Trata-se de um estudo feito na década de 1960 que é uma contribuição para o conhecimento sociológico de uma categoria ocupacional. Luiz Pereira aponta a degradação econômica e social do magistério primário como um produto espontâneo do desenvolvimento da etapa urbano-industrial na sociedade de classes brasileira. Segundo ele, a reação das professoras a essa degradação se faz no plano das relações interclasses e no plano da orientação desses agentes individuais ao trabalho, dado no sistema escolar primário público estadual.

No estudo de Gouveia (1970), intitulado *Professoras de amanhã*, a autora analisa as decisões vocacionais da mulher em uma sociedade em

processo de industrialização. Seu estudo baseia-se nas respostas de 1.448 estudantes de escolas normais dos estados de Minas Gerais e São Paulo. A escolha vocacional, nesse trabalho, está demarcada como um aspecto das mudanças que ocorrem na definição do papel da mulher à medida que a sociedade se industrializa. Também demonstra como os valores afetam decisões relativas ao futuro ocupacional.

O problema da escolha vocacional tem sido objeto de indagações várias. Não se incluindo na enumeração os estudos de natureza psicológica, que propõem explicações em termos de traços psicológicos individuais - aptidões e interesses. Os primeiros estudos feitos por sociólogos documentaram, simplesmente, a existência de relações estatísticas entre aspirações ou expectativas ocupacionais, de um lado, e características demográficas ou semi-demográficas de outro (GOUVEIA, 1970, p. 4).

Num estudo que focaliza o problema da escolha vocacional em relação a duas diferentes fontes determinantes, o lar e a escola, a autora enfatiza que o fato de a influência de fatores individuais ou familiares ter-se feito sentir apesar das variações interescolares e das diferenças nos tipos de comunidade e região indica a importância da origem familiar no desenvolvimento de aspirações e planos ocupacionais das moças. Segundo Gouveia (1970), o lar ainda constitui uma fonte poderosa de influência no que diz respeito às decisões ocupacionais e as inclinações para o magistério encontram terreno mais favorável em certas escolas do que em outras.

Monarcha (1999) apresenta a trajetória da Escola Normal da Praça da República de São Paulo e, por meio dela, evidencia importantes aspectos do imaginário das classes sociais paulistas entre meados do

século XIX e décadas iniciais do século XX. Seu trabalho está fundamentado num conjunto de fontes: documentos oficiais, biografias, hinos, artigos de jornais, plantas arquitetônicas, fotografias, e a partir dele é possível construir a história de uma das mais importantes instituições formadoras de professores do estado de São Paulo. A leitura de *Escola Normal da Praça: o lado escuro das luzes* foi uma importante referência, pois me trouxe uma clareza maior no tratamento com as fontes, além de me proporcionar outro olhar e novas possibilidades de pesquisa.

Nesse trabalho o autor destaca a relevância da Escola Normal de São Paulo desde o Segundo Reinado, transformando-se num espaço de respeito no interior do aparelho escolar do estado de São Paulo e caracterizando-se como uma forte base de formação de professores e centro de produção de uma cultura escolar urbana. Além disso, desempenhou a função de uma Escola Normal Superior, onde se formaram intelectuais de épocas distintas, que elaboraram teses sobre a sociedade brasileira, do ponto de vista social, cultural e educacional.

Buffa e Nosella (2002) estudam o edifício escolar construído nas primeiras décadas da República. Nele há o Grupo Escolar e as competentes professoras, percebendo-se a importância que era atribuída à educação e ao ambiente que também educa. Os autores discutem como um Grupo Escolar foi se transformando até desaparecer juntamente com a sociedade que lhe deu suporte. Em suas fontes constam o Museu do Livro da Escola, jornais da época, revistas, a legislação pertinente, além da memória oral de ex-professores e ex-alunos. O detalhamento no trato

com as fontes e as novas possibilidades de encontro são um fator marcante nesse trabalho, pois ele não pretendeu ser ufanista, tampouco saudosista, e muito menos fazer uma apologia da, no caso, Escola Normal de São Carlos no início do século XX.

Escola Normal da República Velha marcou a memória brasileira. Foi, como dissemos, uma verdadeira schola mater, viveiro de futuros professores, matriz cultural e pedagógica dos Grupos Escolares, das escolas isoladas e, até mesmo, das escolas particulares. É uma escola que permanece, ainda hoje, como uma referência importante nas discussões relativas à formação de professores do ensino fundamental. Não, por acaso, nessas discussões aparecem, com frequência, tentativas de revitalizá-la (BUFFA e NOSELLA, 2002, p. 14).

Já em Freitas (2002) as discussões relevantes sobre o tema desta pesquisa são apontadas - a saber, a profissionalização do magistério, as políticas de formação, os desafios das licenciaturas, a formação de professores, a Pedagogia e o Normal Superior. A autora sistematiza as principais discussões que têm orientado o debate sobre a formação de profissionais da educação, numa tentativa de recuperar a trajetória do movimento dos educadores na luta por sua formação e pela profissionalização do magistério.

O trabalho de Souza (1998) também foi fundamental, pois, discutindo os projetos de educação popular e as escolas para o povo, apresenta o ideal republicano, as reformas e as demandas populares por escolas, o que promove uma amplitude maior na análise da escola. De acordo com a pesquisadora, em Campinas, no estado de São Paulo, com a preponderância da sociedade agro-cafeeira, combinavam-se as mudanças e

o tradicional⁴. A organização do ensino primário foi o que propiciou o acesso das classes populares à escola, e o que antes se restringia quase exclusivamente às elites ampliou-se nas primeiras décadas da República. Mas o acesso foi garantido apenas em parte, uma vez que a oferta se manteve insuficiente para atender às necessidades da maioria da população, e essa expansão aconteceu junto a problemas que ainda perduram, como a falta de recursos, a precariedade do espaço físico, os baixos salários dos professores e sua falta de formação adequada e satisfatória. O processo de escolarização desses grupos sociais foi marcado por muitas lutas e, nesse sentido, a memória popular sobre a escola favoreceu o entendimento da autora de como o povo lutava no seu dia-a-dia para manter seus filhos nela.

Assim, não encontrei na bibliografia nenhum estudo específico sobre a conversão do Curso Normal em Curso Normal Superior, nem sobre as mudanças do grupo social que frequenta os cursos de formação de professores, nesses dois modelos.

Embora, alguns artigos escritos por Márcia Ângela da S. Aguiar (2002), Maria Izabel de Almeida (2004), Roberto Antonio Deitos (2000), Naura Syria Carapeto Ferreira (2006), Regina Cely de Campos Hagemeyer (2004). Tizuko Morchida Kishimoto (1999), José Carlos Libâneo e Selma Garrido Pimenta (1999 b), Regina Maria Michelotto (2003), Leda Sheibe (2004) discutam sobre o assunto e a tese de Diva Otero Pavan (2003)

⁴ Essa cidade possuía um núcleo urbano com uma infra-estrutura básica, "além de atividades econômicas diversificadas, as indústrias, o comércio, e as atividades culturais - teatros, cinemas, jornais, centros de cultura, academia de letras, escolas de ensino primário, normal e secundário" (SOUZA, 1998, p. 189).

estabeleça uma relação entre dois grupos de professoras- dos anos 1930 e 1980- ela não estuda a mudança institucional e oficial na formação dos professores. Centra seus estudos nas práticas docentes e no *habitus* das professoras. A originalidade de meu trabalho está em abordar justamente esta mudança da formação de professores da Escola Normal, do nível médio para o ensino superior, no Curso Normal Superior ou no Curso de Pedagogia.

Organização dos Capítulos

O texto está estruturada em três capítulos, além desta Introdução e das Palavras Finais.

Assim, no Capítulo 1, apresento a história da Escola Normal de Mococa por meio das imagens que me ajudaram a construí-la. São lugares, pessoas e caminhos que, no tempo e no espaço, constroem a história de nossa educação.

No Capítulo 2 apresento história da constituição da Escola Normal de Mococa, desde o início do século XX. Centro essa história no esforço dos grupos políticos de Mococa para estabelecer um projeto de educação da juventude. Estudo a iniciativas locais, assim como a fundação do primeiro Grupo Escolar da cidade. A Escola Normal de Mococa nasceu em meio a muitas tentativas de construção de escolas na cidade, tanto para o ensino primário, quanto para a formação de professoras. Nesse capítulo

também apresento as iniciativas para a construção da primeira faculdade de Mococa, até a fundação da Faculdade de Pedagogia, na década de 1970.

O Capítulo 3 discorre sobre o fim do Curso de Magistério em Mococa e discute, com base nas entrevistas nos questionários com as alunas da última turma do ano de 2004, o movimento que levou ao encerramento desse curso em nível médio e a ida das alunas para o superior.

CAPÍTULO 1

TRÊS MOMENTOS: O PASSADO, AS PESSOAS, O OLHAR

1.1 Sobre a Escola

Aquela era uma cidade pequena, e suas casas, na maioria, eram chamadas mocoquinhas, as pequenas ocas.

Suas ruas cobertas de terra tinham marcas dos carros de boi, e as crianças, em dias de chuva, brincavam alegres nos grandes poços de barro que construíam na frente de suas casas.

No centro da cidade, havia os casarões circundando a praça central, próxima à matriz que estava sendo construída e teria uma torre alta, com um sino grande e uma imagem de São Sebastião maior ainda.

Pessoas de outras regiões vieram trabalhar naquele lugar. Algumas foram para o campo e outras para as pequenas fábricas que aos poucos começavam a funcionar, mudando o cenário da cidade.

Naquele ano seria construída mais uma escola. Até então reinavam os Grupos Escolares, localizados também próximos ao centro e àqueles casarões, onde moravam os barões do café.

A cidade toda se movimentou, quando os pedreiros chegaram para medir o terreno e tomar as primeiras providências. Uma multidão logo se juntou e ficou observando aquele cenário que ia se modificar.

E assim, durante muitos meses, crianças ali brincavam, políticos mostravam seu rosto, velhos olhavam assustados com a transformação do terreno e custavam a imaginar que todo aquele pasto logo seria mais um pedaço da cidade.

As distâncias começaram a diminuir e o grande prédio de cimento já aparecia no meio do descampado.

Ali, em pouco tempo, a banda veio tocar para a sua inauguração. Outros políticos e mais crianças também vieram para a festa da escola de normalistas. O prefeito e o padre estiveram presentes e, da capital, veio o governador.

Em chão batido começaram a passar, a partir de então, vestidas com saia azul marinho e blusas brancas, as primeiras professoras da cidade.

O tempo passou mais um pouco e, à frente daquela escola, árvores começaram a crescer e a fazer sombra. E assim foi até o dia em que ela encerrou seu Curso de Magistério, dando lugar a outros cursos, a novas possibilidades e novos prédios, com outros governadores, que também vieram e foram recebidos por outros prefeitos e outros padres.



Figura 1 - Foto da Fachada da Escola Estadual "Barão de Monte Santo" (Primeiro Grupo Escolar)
Fonte: Museu Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios"



Figura 2 - Primeiro Grupo Escolar Barão de Monte Santo
Fonte: Arquivo Biblioteca Municipal de Mococa



Figura 3 - Construção da Escola Normal de Mococa (Quatro Momentos)
Fonte: Arquivo Oscar Villares e Mario Zamarian



Figura 4 - Escola Normal de Mococa meses antes de sua inauguração
Fonte: Arquivo Oscar Villares - dezembro de 1938



Figura 5 - Inauguração da Escola Normal de Mococa - Ano 1939
Fonte: Arquivo Mário Zamarian



Figura 6 - Fotos da fachada da Escola Estadual Oscar Villares
Fonte: Arquivo Oscar Villares e Arquivo Pessoal



Figura 7 - Fachada da Escola Estadual Oscar Villares
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 8 - Fachada da Praça e Escola Estadual Oscar Villares
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 9 - Convento São José- Sede da Primeira Faculdade de Pedagogia e Biblioteconomia em Mococa
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 10 - Convento São José- Sede da primeira Faculdade de Pedagogia e Biblioteconomia em Mococa
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 11 - Novo prédio da Faculdade de Pedagogia de Mococa - 2007 (FUNVIC- Fundação Vida Cristã)
Fonte: Arquivo pessoal

1.2 Sobre Professoras

Minha avó sempre me falava sobre suas professoras. Dizia-me que eram tão bonitas, mas eram tão severas, que chegavam a ser mais bravas do que belas. Eram outros tempos. Elas usavam saias rodadas, godês guarda-chuva. Vovó contava que era tanto pano que daria até para fazer uma cortina.

Não acreditando nas professoras de hoje, disse-me com aquele risinho de canto de boca e os olhos meio expremidinhos: as meninas usam só um paninho, as saíngas são muito curtas e as mulheres mostram tudo.

Vovó contava sobre a escola, os tempos do grupo e o cheiro daquele tempo: pão com goiabada, pão com banana. Ela já era moça e ainda participava das comemorações cívicas, e tudo com alegria, porque, ao contrário do que muita gente pensa, as normalistas de antigamente também se divertiam, cantavam, tocavam violão, saíam à noite para o *footing* na praça central, que era rodeada pelos casarões dos barões do café.

Nas datas mais importantes, contou-me cheia de saudade, era a vez de ver os moços do ginásio municipal fardados.

E foi assim... as lembranças não se apagaram, mas cristalizaram-se. A normalista que minha avó conheceu foi perdendo seu prestígio, foi sumindo na história... as cinturas apertadas nos bailes de formatura, o cabelo enrolado em papelotes, as ondas marcadas, o brilho dos sapatos e o batom vermelho. Tudo isso cedeu lugar a calças jeans e tênis, e a imagem

da professora da fotografia de formatura ficou sem rosto...sem saber de si, de seu lugar...



Figura 12 - Normalista da Escola Normal de Mococa- Década de 1950
Fonte: Arquivo Pessoal

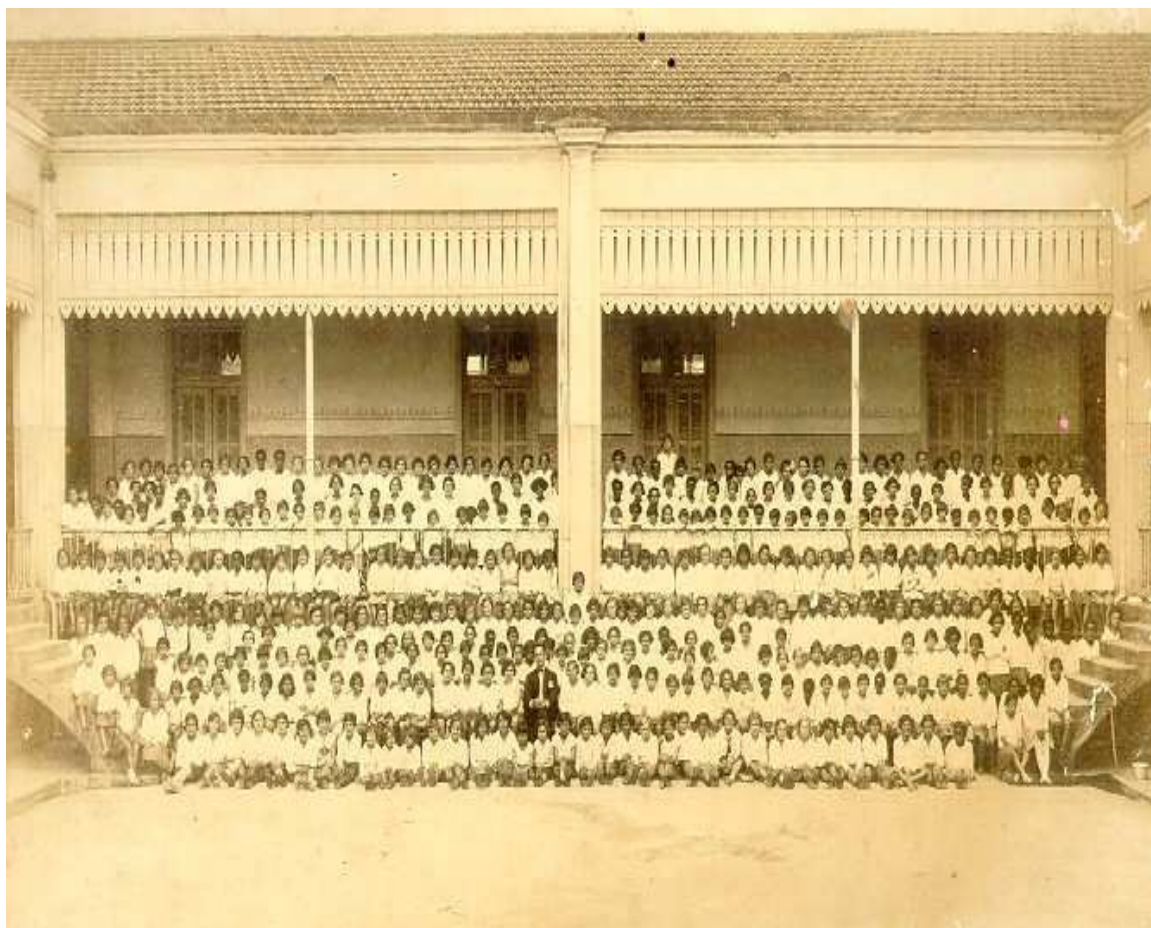


Figura 13 - Diretor e alunos do Grupo Escolar Barão de Monte Santo - Confraternização ao final do ano, 22 de dezembro de 1928

Fonte: Arquivo Mário Zamarian



Figura 14 - Diretoria da Sociedade Mocoquense Auxiliadora de Instrução com normalistas no Colégio Maria Imaculada

Fonte: Arquivo Oscar Villares



Figura 15 - Normalistas com as Irmãs Concepcionistas no Colégio Maria Imaculada
Fonte: Arquivo Oscar Villares



Figura 16 - Ginásio Municipal de Mococa, 9 de junho de 1932
Fonte: Arquivo Mario Zamarian

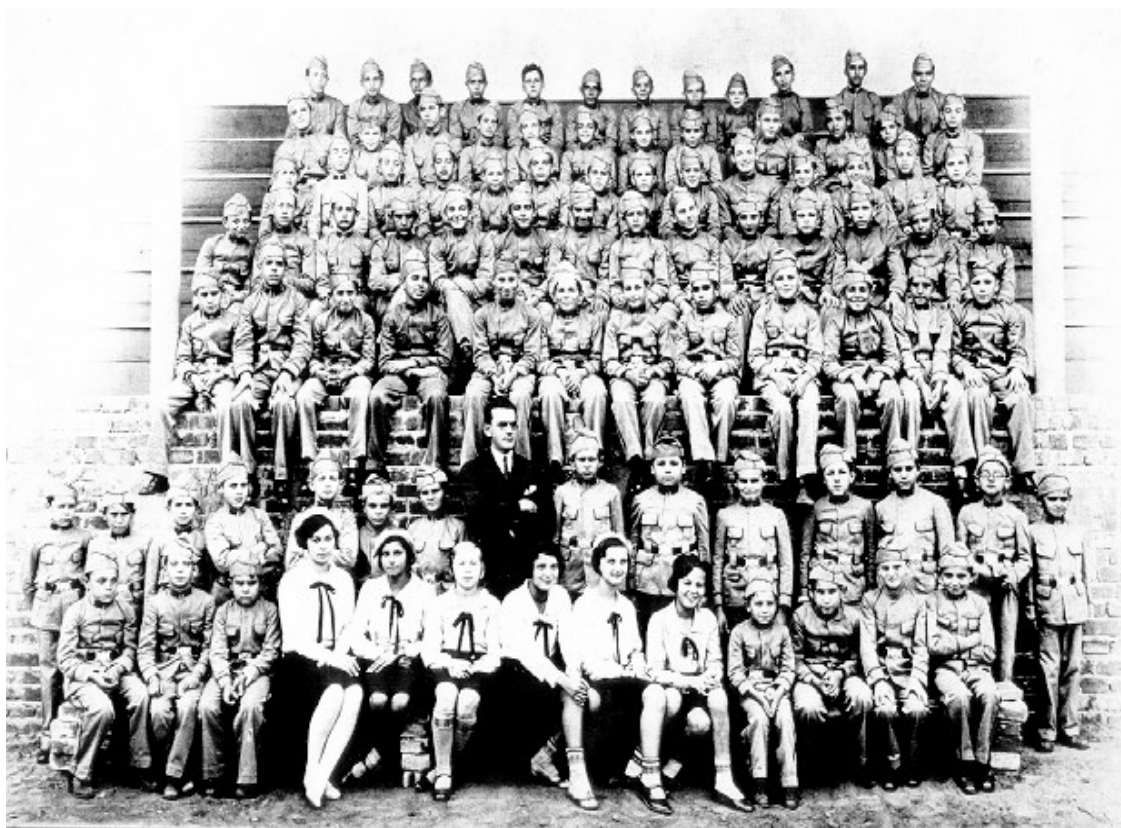


Figura 17 - Ginásio Municipal de Mococa - Diretor e parte dos alunos matriculados, setembro de 1930
Fonte: Arquivo Oscar Villares



Figura 18 - Turma de 1957- Escola Normal de Mococa
Fonte: Dona Aparecida



Figura 19 - O Grande Encontro - 50 anos de Formatura da Turma de 1957
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 20 - Normalistas da Escola Normal de Mococa em comemoração cívica.
Fonte: Arquivo Oscar Villares



Figura 21 - Normalistas da Escola Normal de Mococa
Fonte: Arquivo Oscar Villares



Figura 22 - Formanda do Curso de Magistério no ano de 2004
Fonte: Arquivo Oscar Villares

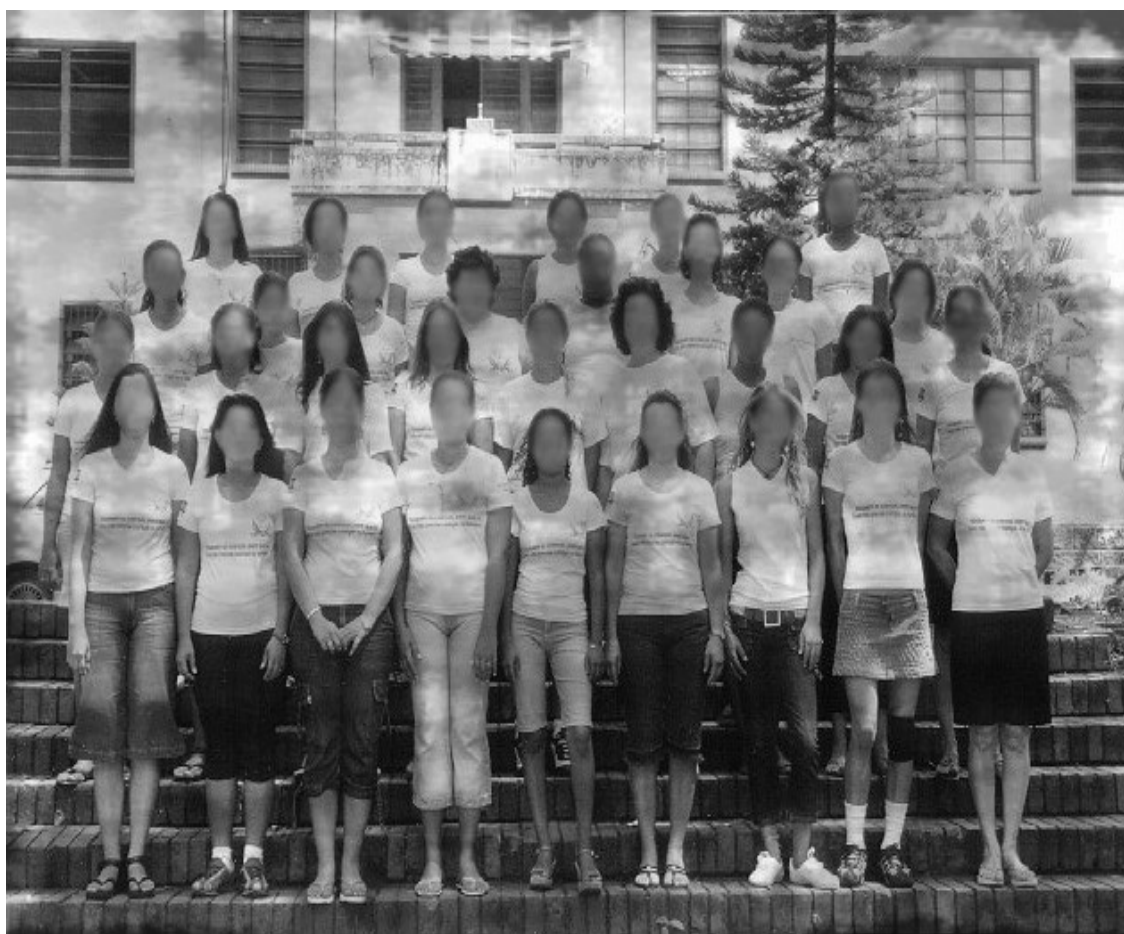


Figura 23 - Formadas do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares no ano de 2004
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 24 - Alunas do Curso de Magistério com o professor de teatro na Escola Estadual Oscar Villares-2003

Fonte: Arquivo Oscar Villares

1.3 Sobre o Vazio

Ela tinha passado muito tempo naquela escola e um dia resolveu juntar todas as imagens guardadas naqueles anos e montar o seu álbum de fotografias, um lugar onde ficariam guardadas suas lembranças e um pedaço do tempo. Nele, seria possível preservar um momento que o tempo apagou e que, depois de aberto, poderia reviver. Seria o lugar de suas melhores surpresas.

Eram muitas imagens, mas ela colou uma por uma e nisso foram vários dias e várias noites, interrompidos às vezes pelo telefone, pelo moço do gás, pelo carteiro, pela vendedora de queijos e por tantas outras pessoas que todos os dias batiam à sua porta.

Depois de pronto, ao abri-lo, enquanto folheava aquelas páginas, visitou passado e presente. Normalistas tocando violão, ou na peça de teatro, imagens que ficaram guardadas com ela. Algumas tinham cor, outras não, e nelas havia pessoas sorrindo e outras sérias. Eram representantes de seu tempo.

A paisagem, muitas vezes árida, mostrava que também era possível encontrar flores no sertão, flores que brotam da terra seca e são diferentes e belas. Pensava nisso enquanto olhava para aquelas fotografias que se arquivaram no dia-a-dia com as visitas que ela fez àquela escola. Eram como sombras, e algumas se encontravam pouco definidas, distorcidas. Imagens insistentes da história da educação. Imagens de um grupo de alunas que conviveram, aos poucos, com as mudanças e o findar do seu curso.

Ela pensava: ao longo de tantas alterações na história da formação de professores no país, quem elas seriam? Quais teriam sido suas motivações, expectativas, frustrações, conhecimentos e competências?

Lembrou-se então de uma tarde na escola, quando depois de ter passado algum tempo pesquisando no arquivo e investigando suas possibilidades, começou a caminhar pelos corredores, com o intuito de ir embora, mas encontrou uma aluna que não lhe disse seu nome, mas falou que cursava a 8ª série. Despretensiosamente, apenas vivenciando a simpatia daquela mocinha, perguntou-lhe se ela sabia quais eram as salas do Ensino Médio e ela apontou onde funcionava a sala do magistério, em 2004.

Ouvindo aquela mocinha falar sobre as alunas, prestou atenção e achou interessante como se lembrava delas, embora as tivesse conhecido ainda bem menina, há alguns anos atrás. E a garota continuou a falar. Contou-lhe que elas sempre se sentavam no corredor e que, na hora do recreio, ficavam no chão, perto da porta de sua classe, e conversavam, viam revistas, "ficavam por ali". Aí ela pensou então que talvez aquela garota almejasse, um dia, estudar naquelas salas, naquele curso, mas isso não seria mais possível.

Depois dessa conversa, caminhou em direção à sala que a menina havia apontado e, aproximando-se, encontrou a porta fechada. Era uma sala como as outras da escola, mas mesmo assim sentiu-se instigada a conhecê-la como se, com isso, fosse possível rever algum momento, encontrar alguma lembrança pregada à parede, alguma notícia que, por descuido, tivesse sido esquecida debaixo de alguma carteira. Ou então,

talvez quisesse encontrar uma sala diferente, que fosse específica para o magistério.

Ela ficou parada ali na frente da porta por alguns instantes, impedida de continuar. Nela estava escrito "SALA" em giz branco, apontando-lhe o lugar. Era uma porta antiga, com um pequeno losango de madeira ao centro, acima da fechadura de ferro. Algumas lascas de madeira se desprendiam de sua superfície. Pediu que a inspetora de alunos a abrisse. A porta fechada tinha um significado: o curso encerrado. Ver a mulher dar duas voltas na chave e abri-la foi experimentar a dúvida e depois o vazio.

A inspetora abriu a porta e ela entrou. Foi como visitar um passado recente. A porta fechada limitava esse encontro. A história é escrita por meio das pessoas, dos lugares, dos seus tijolos, da sua arquitetura, no seu silêncio. A sala estava ali, trancada, mas estava ali. Os vidros estavam abertos e as cortinas sinalizavam o movimento do vento e suas possibilidades. A porta sempre fechada e as janelas abertas. O curso estava encerrado e havia um outro lugar para aquelas professoras.

As carteiras encontravam-se dispersas, dando a impressão de que estudantes tinham saído dali há pouco tempo, deixando a sala por arrumar. As alunas que estudaram naquela sala formaram-se em 2004 e outras turmas não se iniciaram em 2005, quando ela encontrou a porta trancada. As carteiras desarrumadas fizeram-na pensar como fôra confuso o encerramento daquele curso e a situação daquelas alunas com a transferência da formação de professores do Ensino Médio para o superior.

Observando o espaço vazio da sala da turma de 2004 da Escola Estadual Oscar Villares, invadiu-lhe uma sensação de abandono e descaso. Algumas carteiras unidas no fundo da sala faziam pensar nas amigas que se sentavam juntas, nas companheiras que se foram. Os vitrôs abertos e o balanço das cortinas a levaram para perto de uma história a ser contada, mesmo depois que a inspetora precisou fechar a sala.

No corredor, na sala, na escola, agora o vazio tomava conta de tudo. Não eram apenas os alunos que não estavam mais ali, mas o curso e toda uma história precisavam que esse álbum fosse aberto, para que aquele tempo se tornasse presente novamente.

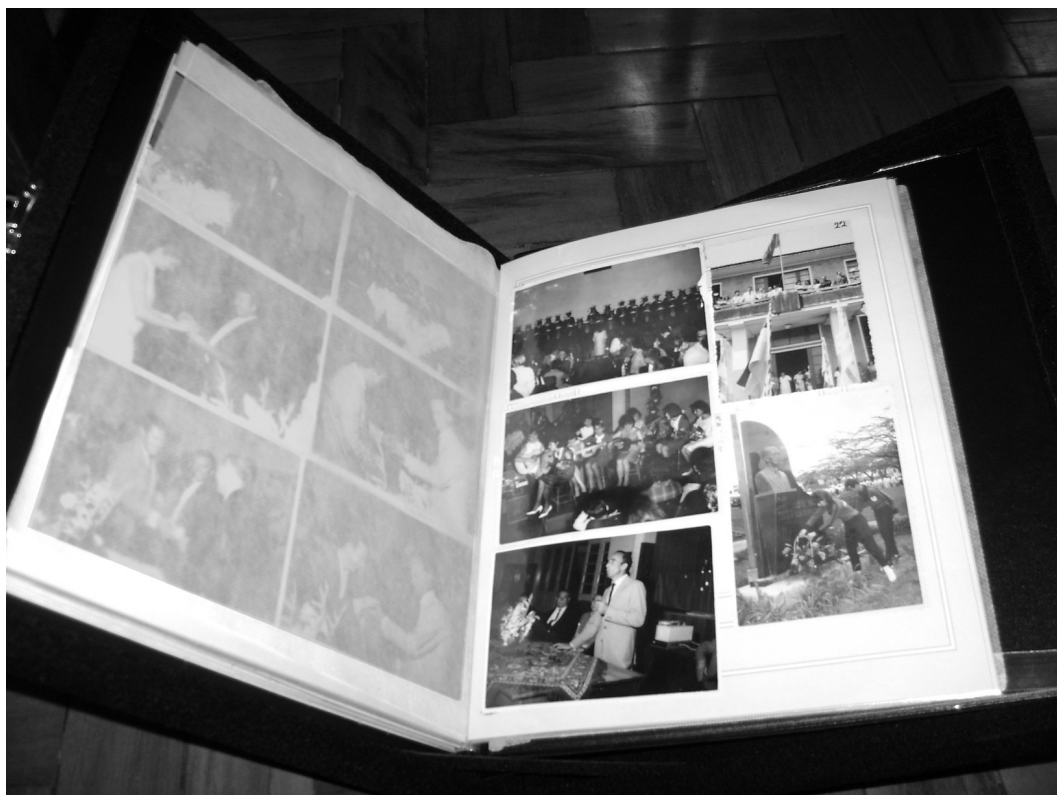


Figura 25 - Álbum de fotos da Escola Normal de Mococa - de 1939 a 2005
Fonte: Arquivo Oscar Villares



Figura 26 - Foto de alunas caminhando em direção da sala do curso de magistério da Escola Estadual Oscar Villares

Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 27 - Corredor vazio da Escola Estadual Oscar Villares, após o encerramento do Curso de Magistério no ano de 2004.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 28 - Porta da sala de aula do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 29 - Foto da sala vazia do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares (momento 1)
Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 30 - Foto da sala vazia do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares (momento 2)
Fonte: Arquivo Pessoal

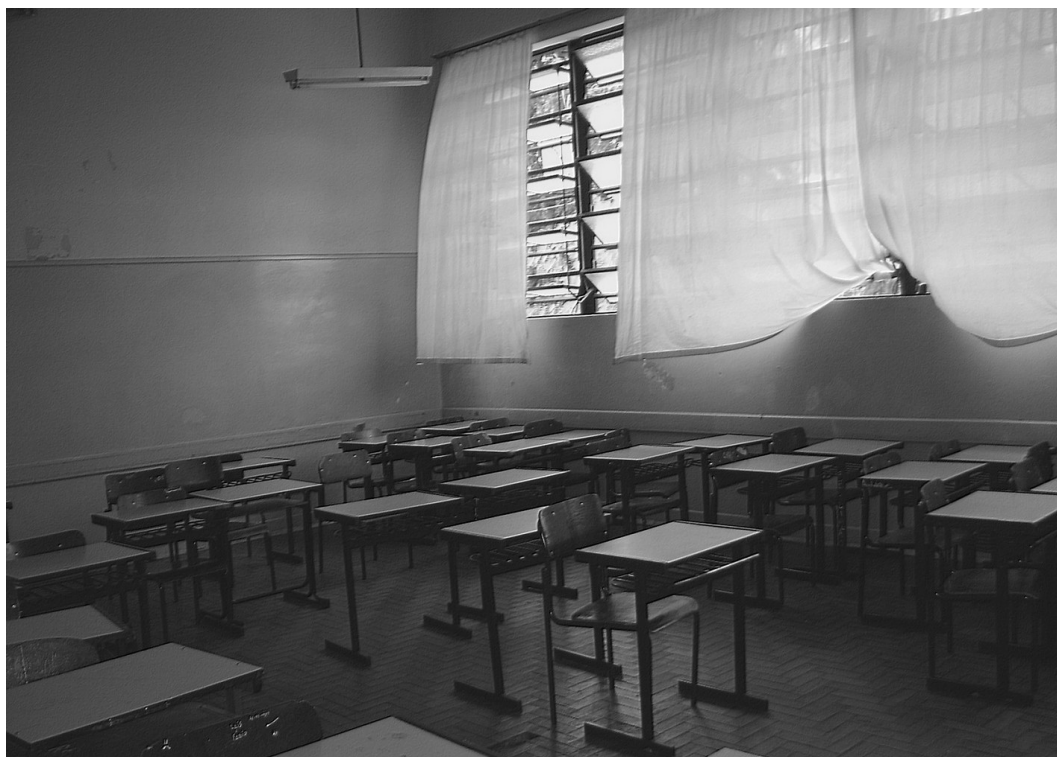


Figura 31 - Foto da sala vazia do Curso de Magistério da Escola Estadual Oscar Villares (momento 3)
Fonte: Arquivo Pessoal.

1.4 Sobre as Imagens

As fotografias desse álbum foram tiradas em momentos diferentes. Elas representam e narram um tempo histórico. Assim sendo, neste primeiro capítulo *"Os Três momentos fotografados: o passado, as pessoas e olhar"*, discorrem sobre a escola, os professoras e o vazio e se relacionam intimamente formando uma teia histórica que veio revelar um longo processo de mudanças na formação de nossos professores.

As primeiras imagens desde "Capítulo Álbum" mostram a escola, desde o primeiro Grupo Escolar "Barão de Monte Santo", até a inauguração da Escola Normal de Mococa, caminhando para o Ensino Superior, com a faculdade de Pedagogia. É possível perceber as diferenças na arquitetura destes espaços escolares. Enquanto na Figura 1 e na Figura 2 o Grupo Escolar "Barão de Monte Santo" aparece cheio de contornos e ostenta a importância desta escola no início do século XX, na Figura 3 a Escola Normal de Mococa, que foi construída posteriormente, aparece sob ângulos diferentes, sem tantos contornos, evidenciando a urgência de sua construção e a funcionalidade de seu prédio. Na sua inauguração (Figura 5), a escola apresenta-se ainda distante da cidade. À sua frente ainda não existiam casas, tampouco árvores, mas um longo caminho de terra onde a filarmônica mocoquense tocou e políticos e curiosos vieram para conhecer o novo estabelecimento de ensino. Mesmo sendo uma instituição que precisava existir na cidade, já que faltavam professores nos dois Grupos Escolares em funcionamento desde o começo do século XX, ela não teve na sua fundação e na sua arquitetura o mesmo

luxo. O lugar onde foi instalada era uma parte do centro da cidade, mas que ainda não tinha o *status* de centro, de local privilegiado.

Com o passar do tempo esta região central expandiu-se. Vieram novas escolas e o espaço ao redor da Escola Normal de Mococa começou a assumir características próprias. As árvores que foram plantadas à sua frente ainda permanecem e, ao mesmo tempo em que marcam um caminho de entrada, também a protegem. Enquanto cresciam iam aos poucos se misturando à imagem da escola, compondo um cenário próprio, como mostram as Figuras 6, 7 e 8. Hoje, passando por ali, praça e escola fundem-se para compor um aspecto da cidade e são referências para a população.

Com relação ao ensino superior, as Figuras 9 e 10 representam o primeiro espaço destinado ao Curso de Pedagogia em Mococa e a Figura 11 o local onde este mesmo curso funciona atualmente na cidade. Neste último há uma semelhança com a Escola Normal de Mococa na época de sua fundação: este prédio também se encontra isolado e parece distante da cidade, embora localizado próximo à sua entrada. É como se a cidade ainda não tivesse tido tempo de acolher o novo curso. Assim como a antiga Escola Normal precisou de um tempo para ver suas árvores crescerem e aos poucos conquistar um lugar na cidade, esta faculdade vem tentando sair do isolamento para, aos poucos, encontrar seu lugar.

Em seguida é possível acompanhar várias imagens de alunos e seus professores. Na figura 13 os alunos do Grupo Escolar Barão de Monte Santo, nas Figura 14 e 15, alunas do Colégio Maria Imaculada onde funcionou uma sala para normalistas, antes da fundação da Escola Normal

de Mococa. Nas Figuras 16 e 17 os alunos do Ginásio Municipal. O que estas fotografias têm em comum? Todas apresentam seus alunos na frente da escola demonstrando o quanto fazem parte dela, parecendo fundir-se, identificando as pessoas ao lugar. Nestas imagens as pessoas encontram-se sérias, com uma postura comum, revelando também a forma de se expressão (ou não) de uma época.

As Figuras 18, 19, 20 e 21 têm mais movimento. São normalistas em diversos momentos. Algumas com as bandeiras numa comemoração cívica, outras no dia da formatura, outras ainda tocando violão nas festividades da Escola Normal de Mococa que foram uma tradição durante muitas décadas. Há quem se lembre da escola também por estas festas, os trajes típicos, o envolvimento de todos: alunos, professores, pais, comunidade. Eram os tempos das festas escolares, das disputas entre as escolas da cidade, que "naquela época" eram poucas, mas que movimentavam o centro urbano com suas fantasias, seus ornamentos, sua alegria.

As Figuras 22, 23, 24 e 25 apresentam um outro momento da escola. São fotografias recentes, bem próximas ao encerramento do Curso de Magistério na cidade de Mococa. Elas estão sem rosto. Em princípio optei por deixá-las assim por que eu estava discutindo qual era a imagem que elas tinham de si e de sua profissão e isso estava confuso diante das mudanças, naquele momento, na sua formação. Posteriormente, conversando com estas alunas, elas me solicitaram que seus rostos não fossem divulgados, e assim o fiz. A Figura 22 é a fotografia de uma aluna no dia de sua formatura, assim como a fotografia da Figura 12, uma formanda de 1950. Embora a foto sem rosto não mostre sua expressão,

ela estava sorrindo, diferente da outra formanda, na Escola Normal de Mococa. São dois momentos distintos da formação de professores. São gerações diferentes de professores e professoras, retratos de seu tempo.

Este álbum de fotografias revelou uma história ímpar, às vezes esquecida ou desconhecida até pelos funcionários da própria escola.

As imagens tiradas dos corredores e seus alunos (Figura 27), assim como a sala de aula vazia (Figuras 30, 31 e 32) mostram que ainda há muito daquela escola por se estudar e conhecer. A porta fechada na Figura 29 representa, ao mesmo tempo, o fim de um curso e abertura de novas possibilidades para a história de nossa educação. O corredor vazio que leva até esta porta, em muitos momentos está repleto de alunos, funcionários, professores. A imagem é um fragmento da realidade e o vazio o ponto de partida para a multidão, para as pessoas no seu anonimato. O vazio foi tão necessário e importante para esta pesquisa, quanto as salas cheias de alunos e seus professores nos quadros negros, com suas mãos brancas de giz...

CAPÍTULO 2

OS PRIMEIROS PASSOS E O LUGAR: A ESCOLA NORMAL DE MOCOCA

Em Mococa⁵, há uma instituição educativa que, fundada no início do século XX, encarregou-se de formar professores para a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental até o ano de 2004: a Escola Estadual Oscar Villares⁶. Inicialmente recebeu o nome de Escola Normal⁷ Oficial de Mococa e está localizada próximo ao centro da cidade, o que, em 1939, época de sua fundação, foi um privilégio. Hoje o prédio ali permanece, mas praticamente no anonimato, diferente da época de sua

⁵ O lugar Mococa, "a pequena oca", no interior do estado de São Paulo, fica no nordeste paulista, fazendo divisa ao sul com o Estado de Minas Gerais. Pelo Censo de 2006, possui aproximadamente 70.000 habitantes. Cidade de céu azul claro e hospitaleira, talvez por isso, apesar do nome, não seja tão pequena. Sobre sua origem, Paladini (1995, p. 27) diz: "Uma cruz plantada num pedaço de chão, a capela em louvor a São Sebastião, as primeiras casas levantadas, a população aumentando, a fé se consolidando, a vida começando: assim nasceu Mococa".

⁶ Oscar Villares iniciou sua vida política no Partido Republicano Paulista e, após 1945, organizou e presidiu o Partido Social Democrático. Filho de um funcionário municipal, formou-se em odontologia em Ouro Fino - MG. Em Mococa, exerceu sua profissão, atuou como político e fez parte do movimento a favor da construção da Escola Normal da cidade.

⁷ O nome "Escola Normal" deriva de uma instituição francesa que, de 1760 a 1793, abrigava crianças entre cinco e doze anos com o objetivo de dar instrução educacional e procedimento igualitário para todos.

apresentação pelo jornal da cidade, na década de 1930: "(...) está magnificamente situado, com frente ao nascente, em lugar alto, fora do centro urbano e, entretanto, distando apenas 500 metros da parte central da cidade" (*A Mococa*, 30/05/1939).

A arquitetura da Escola Normal de Mococa não se assemelha a de outras escolas que levaram esse mesmo nome no estado de São Paulo, como a Escola Normal da Praça da República, a Escola Normal de São Carlos, ou a Escola Normal de Casa Branca, que se caracterizaram como espaços específicos para a educação primária que, desde o final do século XIX reforçavam a representação de que a construção de prédios específicos para a escola era imprescindível para uma ação eficaz junto às crianças. Além disso, indicavam também o êxito daqueles que defendiam a superioridade e a especificidade da educação escolar diante de outras estruturas sociais de formação e socialização, como a família e a Igreja (VIDAL E FARIA FILHO, 2005).

Essa necessidade de construir lugares específicos para as escolas estava relacionada à visão de sua função específica, por isso não era por acaso que as edificações escolares iniciadas em São Paulo, nos anos 1890, apontasse para a monumentalidade. Essa arquitetura, que era pública, expunha a ação dos governos pela educação democrática. O prédio, sendo público e monumental, divulgava a imagem de harmonia e nobreza dessas administrações.

Atrelada aos novos tempos que se impunham, a majestosa construção de um prédio escolar que poderia ser de uma Escola Normal ou de um Grupo Escolar, destacava-se na cidade que o acolhia e promovia o

respeito dos alunos e da sociedade pela educação, valorizando uma simbologia estética, cultural e ideológica construída pela República.

No entanto, essa não era a arquitetura do prédio da Escola Normal de Mococa, embora existisse na cidade o Grupo Escolar Barão de Monte Santo que contemplava esse modelo. A Escola Normal da cidade, construída numa outra fase, na primeira metade do século XX, não tinha uma arquitetura de fachada. Era funcional, racional, utilizou materiais da região e atendeu a uma necessidade há muito tempo declarada. Essa mudança na arquitetura mostra como foi se alterando, do final do século XIX para meados do século XX, as concepções sobre os espaços escolares e, portanto, sobre o lugar da escola na sociedade.

A Escola Normal de Mococa tem um amplo espaço, embora não seja muito bonita, principalmente se comparada às outras escolas públicas da cidade, com o primeiro Grupo Escolar e o segundo Grupo Escolar. É um prédio grande. Na frente, as janelas são altas, na verdade são grandes vitrões que nunca se abrem por inteiro, e as vozes dos alunos são ouvidas através de seus pequenos vãos. Não é uma construção semelhante às outras que, em São Paulo, também levaram este nome e que hoje fazem parte do patrimônio histórico.

Segundo o jornal *A Mococa*, (20/08/1939), "(...) nela foi posta de parte toda a preocupação de exterioridade: fachada simples, estylo despretensioso e o melhor emprego do dinheiro a empatar nas coisas mais úteis".

Na imagem de sua fundação, no ano de 1939, via-se, ao longe, um caminho longo, em chão batido. O que chama a atenção são as crianças e

moças caminhando, atravessando a porteira, a banda tocando, as pequenas casas por perto e a escola com suas portas abertas.

Sua arquitetura é representante da época e das opções políticas que cercam sua construção. Parece mais uma grande caixa de concreto, sem luxo e grandes contornos, diferente da Escola Normal da Praça da República da cidade de São Paulo, que surgiu, de acordo com Monarcha (1999, p. 184), "como o embelezamento do centro urbano, expressando a visão de mundo da burguesia paulista, que ansiava a remodelação da fisionomia urbana da cidade de São Paulo".

Mas é certo também que as construções escolares são recados que gerações passadas deixaram às presentes, em forma de monumentos, para não serem esquecidos: os edifícios neoclássicos e a instituição de um espaço público valorizado, do início da República, a arquitetura moderna e a exigência de racionalidade, eficiência e funcionalidade, as caixas d'água de Anísio Teixeira e a urgência de escolarizar, rapidamente e a qualquer preço, a população (CORTEZ E SOUZA, 2000, p. 7).

Hoje, verifico que a praça que se estende à sua frente agrega uma espécie de solidão àquela escola, construída para abrigar as crianças do ginásio municipal e as jovens normalistas na década de 1930. Os mais jovens não conhecem sua história e passam por ali com pressa, sem manifestar interesse. Muitos daqueles que nela estudaram, ou foram professores, também já não estão mais lá e o que restou foi um emaranhado de informações confusas, registros dispersos e lembranças.

O Professor Jorge começou a lecionar na escola em 1960 e lá esteve até a sua aposentadoria. Com oitenta e cinco anos, algumas coisas "escapam à sua memória", ele não sabe "bem o tempo", mas, na entrevista

que me concedeu na varanda de sua casa, que fica quase em frente à escola, contou-me que ajudou a plantar as árvores da praça. Apontando com o indicador trêmulo, a voz embargada e o olhar fixo no passado, ele me disse:

Havia muitas árvores, daí eu lembro delas quando eram pequenas (...) acompanhei (...) eram cultivadas pelos alunos, e tinha uma classe que era responsável por uma região (da praça) e outra pela outra. De onde elas vieram eu não sei, mas cada aluno plantou uma, todos junto comigo, todas as mudinhas. Eram do jeito que tá aí plantada, do jeito que tá aí...

A repetição em sua fala foi uma constante na entrevista. Pareceu-me sentir necessidade de repetir para não esquecer, para ressaltar e não ser esquecido. Sentado à porta de sua casa, aquele senhor negro, com cabelos grisalhos, de estatura média, aparência tranqüila e olhar lacrimoso deu-me a sensação de estar tão só quanto a praça e, ao mesmo tempo, tão cheio dela e de tudo o que ali viveu. Ele e a praça parecem fundir-se.

2.1 Uma Escola Normal: Para que? Para quem?

As imagens da escola no passado, a sua fotografia no presente e a imagem que se construiu dela são o seu retrato, que, ao longo dos anos, foi-se modificando, assumindo novas tonalidades. No entanto, é importante explicar os motivos pelos quais ela foi erigida, assim como as condições sócio-culturais que a impulsionaram.

A fundação da Escola Normal de Mococa esteve envolvida num processo acelerado de mudanças que ocorreram no município em função da necessidade de se estabelecer um espaço próprio para a formação de professores que iriam lecionar nos grupos escolares da cidade.

As discussões sobre a sua construção foram também impulsionadas pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova⁸, em 1932, que esboçava as diretrizes de um sistema nacional de educação, articulando diferentes níveis de ensino e propondo a edificação social pela reconstrução educacional. Este documento apresentava-se como um instrumento político, um ponto de referência que abordava as teorias da educação e a política educacional. Dois anos depois, a Constituição de 1934 delineou as diretrizes da educação nacional, estabelecidas para serem observadas em todo o território nacional, além de implantar o CNE, com a finalidade de preparar o Plano Nacional de Educação.

Quando o prédio do Grupo Escolar surge no cenário das cidades no final do século XIX, a escola entra na vida das pessoas determinando um outro ritmo em sua rotina e estabelecendo uma nova relação com outras instituições, como a família e a Igreja.

Em Mococa, de acordo com o jornal *A Mococa*, (28/12/1937), foram muitas as iniciativas para a instalação tanto da Escola Normal quanto dos Grupos Escolares, pois a preocupação com o ensino primário “abriu espaço” para o desenvolvimento dessas instituições. Não havia na cidade um local com estrutura suficiente para receber o alunado que, com o aumento

⁸ Tratava-se de um documento de política educacional, que apresentava a posição de alguns educadores em defesa da escola nova e da escola pública. Era uma proposta de construção de um amplo e abrangente sistema nacional de educação pública.

demográfico, se expandia, resultado também da urbanização e do novo cenário social que se instalava no Brasil da década de 1930. Nesse período, já existia na cidade o Curso Normal, mas não funcionava em prédio próprio:

Infelizmente é muito decurada a instrução em Mococa, ou antes, muito defficientes os meios de que se dispõe para o preparo intellectual das creanças. Apesar de creadas muitas, só funcionava no município, uma escola pública e os estabelecimentos de ensino particular de ambos os sexos, em número de 4 ou 5, são mal geridos, mal montados, não satisfazendo em absoluto, ás exigências de um ensino criterioso e consciente, sendo os filhos de Mococa, obrigados a procurar alhures, as luzes de que carecem (QUEIROZ, 1913, p. 123).

No ano da fundação da Escola Normal de Mococa, 1939, além da motivação provocada pelo entusiasmo pela educação em São Paulo desde o início dos anos de 1930, houve também diversas iniciativas locais, que vinham acontecendo já há algumas décadas, para a construção de um prédio específico para a formação de professores na cidade, para lecionarem no primeiro Grupo Escolar, fundado em 1902.

De 1890 até 1910, a cidade contava com seis escolas masculinas (uma particular), duas femininas (uma particular), sete escolas mistas (duas particulares). De 1911 a 1995, havia duas escolas masculinas (uma particular), duas femininas (uma particular), 12 escolas mistas (uma particular). Portanto, de 1890 até 1955, existiram 31 escolas na cidade, porém, em sua maioria, elas abriam e fechavam principalmente aquelas abertas entre 1900 e 1910, em função do número alunos, das escassas verbas e da ausência de professores na cidade:

Cuidaram da igreja cuidando das almas; zelaram pela saúde do corpo, instalando em 1862 a primeira farmácia, de propriedade de José Bento Vieira Serzadelo, dedicaram-se à política, promovendo o engrandecimento do lugar; desenvolveram a agricultura fazendo dela o alicerce da nossa riqueza; mas esqueceram-se da cultura intelectual deixando que o tempo se escoasse e a infância permanecesse nas brumas do semi-analfabetismo, à mingua de escolas. Descurando do ensino não descuraram, os nossos antepassados, das diversões sempre tão necessárias ao espírito para a renovação das energias (FREITAS, 1947, p. 15).

De acordo com o jornal *A Mococa*, algumas iniciativas para a construção de escolas, principalmente de primeiras letras, existiram na cidade no final do século XIX, tais como: O Grupo Escolar (*A Mococa*, 20/07/1898); Collegio Nossa Senhora da Pompéia (*A Mococa*, 30/07/1898); Collegio Normal (*A Mococa*, 09/10/1898); Eschola Particular, Atheneu Mocoquense, São José do Rio Pardo, Collegio Americano.

Sobre esse período, Saviani (2004, p. 17) comenta:

Durante o século XIX, o poder público foi estabelecendo os mecanismos de criação, arranjo e funcionamento de escolas que, por esse aspecto, adquiriam o caráter de instrução pública. Mas, de fato, essas escolas continuavam funcionando em espaços privados, a saber, as próprias casas dos professores.

O Atheneu Mocoquense foi uma das primeiras iniciativas educacionais criadas na cidade de Mococa. Era uma escola para meninos, que poderiam ser internos ou externos, que, no final do século XIX, começou a sentir dificuldades financeiras para manter-se e resolveu reduzir os preços para a admissão de alunos, justificando que "assim o

Atheneu ficaria mais ao alcance de todos os srs. Paes de família" (*A Mococa*, 20/11/1898). O pagamento era semestral, e os alunos internos deveriam levar o enxoval, sendo indispensável um costume preto e duas calças brancas.

O Collegio Americano foi fundado no final do século XIX, era particular e atendia filhos e filhas das camadas mais abastadas da sociedade mocoquense. Era uma escola de ensino primário, assim como a "Escola Particular", fundada no mesmo ano, com o curso primário para ambos os sexos. Era uma filial de uma escola particular de Poços de Caldas (MG).

Segundo Freitas (1947, p. 111):

(...) em 2 de fevereiro, o Colégio da Sagrada Família, dirigido por Irmãs de Caridade.

Dois colégios haviam, então cerrado as suas portas, Primeiro, o de d. Palmira Exel, professora, que professava o protestantismo e que, por isso mesmo, encontrou em Mococa um campo adverso onde não pode progredir, apesar da sua grande dedicação ao ensino e de muito que a sociedade lhe ficou devendo pela instrução perfeita ministrada Y infância e à primeira juventude daquelas épocas.

Em 1900 havia, em Mococa, uma única escola de ensino particular de "primeiro grau" feminino. Funcionava na casa da professora que a dirigia, Luiza Agout⁹, mas suas matrículas eram limitadas pela falta de material e espaço.

Reis Filho (1995, p. 24) refere-se à origem dos grupos escolares:

⁹ Fonte: Arquivo Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios", pasta 08, livro 147, janeiro de 1902.

É interessante pensar como era uma escola: tratava-se de uma classe regida por um professor, que ministrava o ensino elementar a um grupo de alunos em níveis ou estágios diferentes de aprendizagem. O que aconteceu foi que estas escolas isoladas, que eram não seriadas, foram reunidas e originaram os grupos escolares, que eram seriados e tinham classes que correspondiam às séries anuais. A criação destes grupos escolares foi um fenômeno urbano, próprio da República.

Outras escolas, principalmente particulares, também foram fundadas. Alguns desses estabelecimentos tinham como objetivo formar professores, mas estes eram em número limitado. Porém, muitas destas iniciativas não foram adiante por tratar-se de espaços particulares, não compatíveis com a situação econômica da população. De 1902 a 1914, as escolas particulares que tiveram uma curta duração foram: Escola Vitório Emanuele, Escola de João Bonilha, Escola de Alberto de Melo, Escola de Joana Trovó, Escola Mista de Artuno, Escola Hortênsia Brandão, a Escola José Germano da Silva e Colégio Rosa (*A Mococa*, 1900 a 1915).

Cooperando com o patriótico movimento da Cruzada Nacional de Educação, a cuja campanha se deverá a abertura, a 13 de Maio próximo, de quatro mil e quinhentas novas Escolas primárias, em todo o paiz, este Departamento vos dirige um apelo no sentido de que crieis nesse estabelecimento um curso noturno primário gratuito, para que adolescente e adultos analphabetos, com a frequência mínima de 20 alumnos a ser inaugurado também naquella data. Estou certo de que entre os professores desse estabelecimento ou mesmo entre alumnos das classes adeantadas, encontrarei os docentes que se requerer. Este Departamento considerará cooperação desse estabelecimento na disseminação e reerguimento da educação nacional por que tanto se empenham o Sr. presidente da República e o Sr. Ministro da Educação, como serviços relevantes. Atenciosamente Saudações. Lourenço Filho, Director do Departamento Nacional de Educação. Off. Inspector do Gymnasio Municipal de Mococa (*A Mococa*, 11/04/1937).

No ano de 1902, foi criado o primeiro Grupo Escolar, demonstrando a preocupação com a educação primária mista em Mococa. Porém, não havia ainda um lugar próprio para a instalação dos alunos, que foram encaminhados para uma casa que havia servido de cadeia pública. Tratava-se de uma construção ampla, com dois andares, mas poucos cômodos. Os passos do diretor da escola, que também foi um dos dirigentes da cadeia pública¹⁰, sobre o assoalho de tábuas largas, produziam o som de seu ir e vir pelos corredores.

A cadeia: bom edifício, feito pelo Governo Estadual, custou 40 contos e foi edificada pelo hábil construtor André de Luca. Consta de dous andares. No andar térreo funciona a cadeia e no superior a câmara de audiências. Dispõe de salão mobiliado e coleção de retratos a óleo (QUEIROZ, 1913, p. 120).

Como esse diretor não havia feito o Curso Normal fica clara a necessidade também de um curso para formar professores na cidade. No entanto, para aquele momento, qual pessoa seria mais adequada para dirigir uma escola senão aquela que havia dirigido um local que exigia autoridade e rigor? Nesse sentido, o diretor da cadeia era o personagem principal, pois resolveria as questões da disciplina e do bom andamento daquele espaço.

Como as salas eram pequenas, mesmo depois de tombadas algumas paredes, não havia muita ventilação, já que as janelas estreitas e gradeadas ficam na parte superior. A "adequação" realizada para receber

¹⁰ Arquivo Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios", Pasta 09, 1902.

aquelas crianças constituiu-se na junção de alguns cômodos, na limpeza das salas e nas carteiras que para lá foram transportadas. Neste momento de organização do primeiro Grupo Escolar na cidade, percebe-se que a ausência de professores também era um problema a ser enfrentado.

O prédio oficial do Grupo Escolar, de interesse público e proporções grandiosas, só começou ser construído por volta de 1910¹¹. Esta casa de instrução era freqüentada, em sua maioria, por crianças pobres, cujos pais não podiam oferecer uniformes extraordinários para as festas ou a chegada de autoridades eclesiásticas (*A Mococa*, 31/07/1910). O horário de funcionamento do Grupo Escolar era das dez horas da manhã às três da tarde. Na matrícula, os alunos eram apresentados por seus pais e, de acordo com registros locais, uma das atividades importantes na história deste Grupo Escolar eram as festas:

É digno de louvor o empreendimento destas festas escolares, porque elas contribuem eficazmente para o desenvolvimento dos alumnos, e constituem um bom incentivo para despertar nelles o entusiasmo e o amor ao estudo (*A Mococa*, 31/05/1912).

No mesmo, ano têm-se notícia de outros espaços escolares, como um estabelecimento, para meninas, que oferecia as primeiras letras, e o Colégio São Paulo e Minas: "O *Collegio São Paulo e Minas* aceita alumnos para o curso primário e também trata da habilitação dos mesmos para os

¹¹ Neste mesmo ano, o cônsul italiano Pietro Baroli esteve em Mococa para fundar a Escola Mista Dante Alighieri.

exames finais de admissão nas escolas superiores da República" (*A Mococa*, 13/08/1902).

O Colégio Nossa Senhora da Pompéia era um espaço para a educação de meninos e meninas e foi uma das primeiras faíscas para implantação do Colégio Normal na cidade.

O Ginásio Municipal de Mococa, que era o antigo Collegio Rosa, era fiscalizado e supervisionado pela Câmara Municipal da cidade. Apesar de ter em seu nome o "municipal", era uma instituição particular, voltada para a educação masculina. Nele funcionavam o curso primário, o comercial e o ginasial.

Em novembro de 1903, foi fundado um externato para meninas, o Colégio Paulistano¹²:

Acha-se aberto desde o 1º do corrente um externato para meninas, sob a direção de D. Cora Mourão de Figueiredo. A educação moral e intelectual é integral e simultânea de os preceitos da pedagogia moderna. O ensino é dividido em Primário, Intermediário e Secundário (*A Mococa*, 06/11/1903).

Não há como desvincular a história da Escola Normal da dos Grupos Escolares, ou seja, da constituição histórica da escola pública no final do

¹² No Curso Primário constam noções de cousas, leitura, caligraphia, contabilidade, até as quatro operações fundamentaes, noções geraes de grammática portugueza, e trabalhos de agulha. No Curso Intermediário, Portuguez, Ingrez, Francez, Arithmetica, Geographia, e História do Brasil, Caligraphia e trabalhos manuaes. E no Curso Secundário o Aperfeiçoamento e conclusão das matérias do curso intermediário e trabalhos de cabellos, de lã, bordado branco, a seda, prata, ouro e pintura sobre setim (*A Mococa*, 13/11/1903).

século XIX¹³. A relevância desses grupos escolares vincula-se, de forma direta, à profissionalização do magistério primário, com a construção da imagem docente. Souza (1998, p. 17) enfatiza que:

(...) foi somente com a República que a escola pública fez-se presente na história da educação brasileira", ou seja, o poder público assume a tarefa de organizar e manter integralmente as escolas, tendo como objetivo a difusão do ensino a toda a população.

Em Mococa, mesmo com as iniciativas para a construção do Grupo Escolar, ainda havia algumas escolas isoladas que, agrupando poucos alunos (uma média de seis a dez), encarregava-se de realizar os estudos "primários":

Há professores de eschololas isoladas que tem a habilidade de fazer alguns de seus alumnos entenderem o que lêem, mas esses são muito raros; a maioria delles limitam-se durante as lições, a abrir os livros diante de si e fazer as meninas ou os meninos recitarem da memória aquillo que com muito trabalho conseguiram decorar, e se por acaso essa creanças não tem memória feliz, que é dote raro, são castigado barbaramente (*A Mococa*, 14/07/1902).

Enquanto escolas abriam e fechavam em Mococa, em São Paulo a reforma estadual conduzida por Sampaio Dória¹⁴, na década de 1920,

¹³ O período que vai de 1890 a 1931 corresponde à implantação progressiva nos estados das escolas primárias graduadas, mais a formação de professores pelas escolas normais. De 1931 a 1961, há a regulamentação, em nível nacional, das escolas superiores, secundárias, primárias, incorporando o ideário pedagógico renovador, através da reforma Francisco Campos, aprofundada pela reforma de Gustavo Capanema, que culminaria na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 4024/61.

¹⁴ Convidado pelo governo do Estado para coordenar a reforma do ensino paulista, Sampaio Dória teve a oportunidade de aplicar suas idéias educacionais. Sistematizada na

procurou enfrentar o problema de "encontrar uma fórmula para resolver o problema do analfabetismo". Existiam muitas escolas isoladas, e a forma de organizá-las seria a criação dos Grupos Escolares. Para tanto, se fez necessário construir prédios, tanto na capital como em outras cidades do interior, com a finalidade de sediá-los. Porém, isso não bastava: era preciso também construir espaços para formar aqueles que seriam os profissionais que trabalhariam nestes grupos, ou seja, os professores. Era necessário construir a Escola Normal.

A expansão do ensino primário demonstrou a valorização da educação escolarizada e fez proliferar as Escolas Normais, que se apresentavam também como instituição pública, inclusive no interior do estado de São Paulo. Esta expansão viabilizou a ampliação da educação para partes maiores da sociedade¹⁵.

Uma iniciativa importante para a cidade de Mococa e que colaborou para a construção da Escola Normal Oficial foi a criação, em 1912, do Grupo Escolar "Barão de Monte Santo". A fundação dessa escola estava atrelada às alterações da sociedade brasileira, especificamente à

lei nº 1750, de 8 de dezembro de 1920, a ação trouxe várias novidades e procedimentos ainda hoje vigentes. Sua principal preocupação era a maneira de ensinar. O próprio educador afirmou no I Congresso Interestadual de Ensino, em 1922, que "o capítulo máximo da pedagogia era a didática, a metodologia do ensino, a prática pedagógica".

¹⁵ Os educadores progressistas da década de 1920, adeptos de uma maior renovação do ensino, durante muito tempo criticaram duramente o perfil retrógrado e tradicionalista da escola normal, considerando-a uma instituição extremamente conservadora, como mostra o inquérito realizado por Fernando de Azevedo em 1926. Nesses anos também emergiram protestos dos educadores e legisladores quanto ao excesso de escolas normais e de professores primários no estado de São Paulo, com indicações, como a de Fernando de Azevedo, para que se reduzisse o número de escolas normais, e propondo a transformação de algumas em escolas normais rurais (SAVIANE et al. 2004 p. 84).

reforma da instrução pública paulista, que entre 1890 e 1896, foi pioneira na organização do ensino primário na forma de grupos escolares¹⁶:

São incontestáveis as vantagens que levam os Grupos Escolares as escolas isoladas, para o ensino da criança. Cada professor daquelles estabelecimentos de ensino público, tem o dever de ensinar todas as matérias constantes no programma official, estabelecido para o ensino preliminar; ao passo que nas escolas isoladas, moralmente naquellas que não são regidas por professores preliminares mas por intermediários, não há a obrigação de ensinar as respectivas matérias, por que tais professores eram antigamente habilitados por concurso, constante esses das seguintes matérias: as quatro operações de fundamentes de arithmética, doutrina chistã, leitura, elementos de Geografia do Brasil e mais nada. Mesmo o ensino dessas poucas matérias não pode ser ministrado de um modo proveitoso, embora os professores dessas escolas tenham muita boa vontade (*A Mococa*, 14/07/1902).

Para situar a escola primária histórica e culturalmente, é necessário identificar o problema particular a que ela corresponde. Essa identificação conduz a uma escola primária vista como um produto típico dos tempos modernos, como uma instituição que representa uma resposta para o problema da educação popular, isto é, da educação dos membros das camadas sociais inferiores (SILVA, 1969).

As iniciativas para se organizar um curso e um local para formar professores primários em Mococa começaram a aparecer por volta de 1912, pois o Grupo Escolar "Barão de Monte Santo" já existia a mais de

¹⁶ Reunindo vários professores sob a supervisão de um diretor, os grupos escolares ofereciam melhores condições de trabalho. O prestígio social destas escolas era estendido a seus professores e dos alunos era exigida uma rígida disciplina, observada no bom comportamento, assiduidade, asseio, ordem e obediência.

uma década, mas ainda não havia na cidade uma instituição específica, pública, instalada em prédio próprio, para a formação de professores:

Nos primeiros dias de 1916 o Diretor mocoquense foi chamado a São Paulo pela Comissão Diretora do Partido Republicano Paulista que o consultou sobre o que mais interessava a *Mococa*: - se uma escola normal, ou se uma cadeira de deputado estadual que, preferida, seria oferecida ao senhor dr. Augusto Barreto. Discutido o assunto, venceu a preferência pela cadeira de deputado e o senhor dr. Augusto Barreto teve seu nome incluído na chapa com que o partido disputaria as eleições do dia 2 de fevereiro. Em Mococa ainda não se dava ao ensino o seu justo e verdadeiro valor (FREITAS, 1947, p. 166).

Quando se deram conta desta necessidade, criou-se em Mococa a Sociedade Mocoquense Auxiliadora de Instrução. Tratava-se de um grupo de pessoas reunidas em torno da idéia de se estabelecer na cidade um espaço próprio para a educação das crianças e de seus professores. Embora essa sociedade só tenha sido fundada oficialmente apenas em 1937, desde os fins da década de 1910 ela já se reunia. A primeira iniciativa deu-se em 1918, com a criação de um colégio, para meninas, chamado de Sociedade Auxiliadora de Instrução.

Esta sociedade teve grande importância na construção da Escola Normal de Mococa. De acordo com o registro de sua fundação, lavrado em cartório, o seu principal objetivo seria exercer suas funções educativas dentro do município, difundindo os ensinos primário, secundário e técnico-profissional e buscando instalações em prédios próprios. Seus membros, na data de sua fundação, eram um professor, um frei, políticos locais, doutores e capitães e cada teria um mandato de três anos. Não se tratava

de uma iniciativa desinteressada, pois aqueles que compunham esta sociedade visavam a uma carreira política e bons rendimentos com a educação. Embora o número de associados fosse ilimitado, eles deveriam apresentar uma proposta para poderem integrá-la. E competia à diretoria a admissão de novos membros.

Nos objetivos desta sociedade, estavam também promover excursões, reuniões artísticas e literárias, organizar cursos de especialização (que não estão especificados na documentação pesquisada), editar livros ou traduções de livros que contribuíssem para a difusão do ensino e para a elevação cultural dos associados e dos habitantes do município.

Os associados poderiam tomar parte nas assembléias gerais e sugerir medidas que julgassem convenientes aos fins sociais. Também tomavam parte nas reuniões e excursões promovidas pela sociedade e propunham a admissão de novos associados.

Deveriam realizar com pontualidade todos os compromissos que assumissem com a sociedade, pagar as contribuições, mensalidades e anuidades que fossem fixadas pela diretoria, zelar pelos interesses morais e materiais da sociedade, aceitar e exercer os cargos para os quais fossem eleitos ou designados¹⁷.

Esta sociedade poderia mudar de nome e associar-se com outras sociedades congêneres. Com o passar dos anos, outras pessoas influentes na cidade começaram a fazer parte dela. Todos os seus cargos eram

¹⁷ Sociedade Mocoquense Auxiliadora de Instrução. Ata da Assembléia da Fundação. Mococa, 01/10/1937.

exercidos sem remuneração, mas o *status* que era atribuído a seus associados superava as expectativas financeiras e eles eram vistos como os primeiros incentivadores da educação das crianças na cidade.

Na data de sua fundação, a sociedade era formada por: Dr. Jacynto Taliberti, José Barreto Coelho, Dr. José Octaviano Figueiredo, Francisco Munis Barretto, João Baptista de Lima Figueiredo, Francisco José Dias Lima, Frei Egidio de Albetone. As famílias Figueiredo, Barreto e Taliberti eram tradicionais na cidade. Compostas de médicos e fazendeiros eram as proprietárias dos casarões que ainda circulam a praça central da matriz. São construções ricas e amplas e representavam o poder dos fazendeiros de café do início do século XX.

Uma de suas iniciativas para resolver o problema da formação de professores foi a tentativa de estabelecer, na cidade, uma filial do Colégio de Sion, que tinha sede no Estado de Minas Gerais. No entanto, o projeto não deu certo, porque este colégio só habilitava as alunas para exercerem o professorado público em Minas Gerais e ainda não havia equiparação dos cursos normais nos estados brasileiros.

Portanto, a constituição da Escola Normal em Mococa é anterior a seu prédio. Sem investir na construção de um prédio próprio para as normalistas, o prefeito da cidade tratou de encaminhá-las para um espaço alugado que atendesse a essa necessidade até que fosse construído o prédio da Escola Normal de Mococa.

Após a construção dos grupos escolares, ainda não havia muito interesse por parte do município na construção de um local próprio para a formação de professores. Provisoriamente esta função foi aceita pelo

Colégio Maria Imaculada¹⁸. Particular, católico e para meninas, ele foi fundado em 1926, pelas irmãs concepcionistas¹⁹ e tinha como objetivo o ensino elementar. No entanto, nele funcionava também uma sala de normalistas, visto que não havia um lugar específico para o Curso Normal e a necessidade de se formar professores para o alunado crescia:

Como estivessem em andamento todas as iniciativas tomadas em favor da criação de uma escola normal em Mococa, a Superiora Geral das Irmãs Concepcionistas autoriza a Superiora da cidade e colocar à disposição das autoridades mocoquenses, para esse fim, o prédio onde se localizam, com o colégio (FREITAS, 1947, p. 226).

O ensino ministrado para essas normalistas não era religioso e estava em incompatibilidade com o ensino proposto pelas irmãs. Além disso a falta de espaço para abertura de novas salas, tornou o local inviável, e as alunas foram transferidas para o prédio do Ginásio Municipal de Mococa, alguns anos mais tarde. Enquanto isso, as normalistas

¹⁸ Este colégio ainda mantém seu caráter religioso e particular e destina-se à educação infantil, ao ensino fundamental, ao ensino médio e ao curso pré-vestibular na cidade.

¹⁹ A Província Concepcionista do Brasil foi a primeira a ser constituída em outro país além do país de origem da Congregação - Espanha. Desde sua instalação tem sua Sede em São Paulo. Junto ao Santuário de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, vivem as monjas da Ordem da Imaculada Conceição, mais conhecida por "Irmãs Concepcionistas". A Ordem das Concepcionistas Franciscanas está hoje presente, com quase 200 mosteiros, em vários países do mundo. Esta Ordem foi fundada por Santa Beatriz da Silva em 1484, em Toledo. Pretende contribuir para que o educando atinja a plenitude como pessoa na relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus, uno e trino, que criou o ser humano para viver em comunhão. Sua missão é evangelizar através da educação preventiva, tendo Maria Imaculada como fonte inspiradora, favorecendo a formação da pessoa e a percepção de si mesma enquanto sujeito histórico, capaz de influenciar na construção de uma sociedade justa e fraterna, por meio do testemunho e anúncio de valores humano-cristãos (Aparecida Guidorisi).

estudavam em outras cidades do Estado de São Paulo ou nos colégios particulares que abriam e fechavam na cidade. Nesse período:

Os colégios católicos progrediram e foram fundamentais para os caminhos seguidos pela educação feminina da elite. As famílias tradicionais mantiveram as jovens atreladas à "competência" do catolicismo. Para a igreja e para os católicos conservadores dos tempos republicanos, a ausência de educação religiosa nas escolas seria especialmente danosa às mulheres (CAMPOS e SILVA, 2002, p. 129).

Em 1930, foi criada a Escola Profissional Mista de Mococa e, em 1935, o segundo Grupo Escolar, o "Professor João Cid Godoy", o que acelerou ainda mais a necessidade de um curso para formar professores. Em 1939, foi fundada a Escola Técnica de Comércio²⁰ de Mococa, que começou a funcionar no ginásio municipal, e os alunos que já estudavam no ginásio foram transferidos para a Escola Normal. É relevante salientar que, naqueles anos, com exceção do Colégio Maria Imaculada, as escolas, em Mococa, eram dirigidas por homens²¹.

A Escola Profissional Mixta (atual Industrial) "Cel. Francisco Garcia" oferecia os cursos de mecânica, fundição, marcenaria, corte e costura, bordado e, a partir de 1932, o curso de técnico em laticínios. Era conhecida com a escola para onde iam os filhos das lavadeiras:

²⁰ Mantinham os cursos Comercial Básico e Técnico em Contabilidade.

²¹ *A Mococa*, (24/01/1937), Pelas Escolas, Grupo Escolar Barão de Monte Santo, 2º Grupo Escolar de Mococa; *A Mococa*, (07/02/1937), Gymnasio Municipal de Mococa, Escola Normal Livre Anexa, Estabelecimento fundado em 1928, Internato-Externato-Semi-internato, para ambos os sexos (O internato feminino está a cargo de uma irmã em prédios separados); *A Mococa*, (04/04/1937), Escola Profissional "Cel. Francisco Garcia"; *A Mococa*, (11/04/1937), Gymnasio Municipal e Escola Normal.

Desde o dia 28 de Março ultimo, esta funcionando nesta escola, um aparelho de radio telephonia, pela superintendência da Educação Profissional e Doméstica de São Paulo. Diariamente, das 8:30 às 9:00 horas numa das salas do Estabelecimento o Sr. instructor e alumnos bandeirantes estão em comunicação com aquele departamento, donde são transmitidas as lições de telegraphia, notas diversas e demais informações relativas ao bandeirantismo. Oportunamente, a superintendência enviará a Escola um aparelho de transmissor, completando assim a finalidade que tem em vista (*A Mococa*, 04/04/1937).

Em 15 de março de 1939, iniciaram-se as atividades na Escola Normal Oficial de Mococa, com corpo docente e pessoal administrativo nomeados, e os cursos primário e normal instalados. Sua inauguração oficial ocorreu em 20 de agosto de 1939, com a presença do interventor estadual.

Para ser admitido no Curso Normal, alguns critérios deveriam ser observados como, por exemplo, a idade, a saúde, a inteligência e a personalidade dos candidatos, o que demonstrava o caráter seletivo do curso. Para as moças, era necessário ainda apresentar autorização do pai ou do marido (SAVIANI et al, 2004).

As escolas normais, nos anos de 1930 e 1940, haviam se disseminado pelos estados brasileiros, estabelecendo seus cursos, oficiais e particulares, nas capitais e cidades do interior. Nas escolas pertencentes ao ensino público, as classes mistas vinham-se tornando uma realidade, fato defendido pelo poder público pela economia que representava (SAVIANI et al, 2004).

Após sua inauguração várias mudanças em sua denominação mostram as transformações na maneira de se conceber a escola e estão vinculadas à legislação vigente.

A Escola Normal estava voltada para a educação feminina e era parte do projeto da nação de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa encarregadas da educação familiar e do fortalecimento da família. Ela foi, a princípio, uma instituição de caráter precário, com limitações orçamentárias significativas e que impediam seu bom funcionamento. Abria ou fechava em função de decisões políticas nem sempre acertadas e foi criada para atender às necessidades de formação de professores para o ensino primário que tentava se expandir. A idéia de introduzir classes mistas nas escolas, mesmo que fosse como experiência pedagógica, passou a ser debatida. Colocar as mulheres para ensinar meninos e meninas ao mesmo tempo foi uma idéia vista com agrado por ser a melhor alternativa para ampliar a escolaridade da população.

O nome "Escola Normal de Mococa" manteve-se até o ano de 1943, quando, a partir do Decreto nº 13.543, passou a chamar-se "Colégio Estadual de Mococa" e começou a acolher alunos também para o curso ginásial (ministrado em quatro anos) e o curso colegial (clássico e científico) em três anos.

Na década de 1950, a Escola Normal passou por um momento importante, pois o Curso Normal ganhou equivalência aos outros cursos médios. Foi uma conquista, pois passou a dar direito de acesso ao ensino superior, descaracterizando-se como curso profissionalizante. Essa equiparação proporcionou aos normalistas uma educação de caráter

preparatório, voltada às oportunidades de continuação de estudos em nível superior, além da habilitação ao magistério (SAVIANI, 2004).

Ao longo da década de 1970, o ensino primário foi ampliado da ordenação escolar brasileira, e os grupos escolares foram transformados em escolas estaduais de primeiro grau (ensino fundamental), tendo seu sentido redefinido na educação brasileira. A escola de primeiro grau suscitou o desaparecimento de instituições escolares que, ao longo do século XX, encarnaram o próprio sentido da escola primária no Brasil, entre elas, os grupos escolares.

Em seguida, a Lei nº4815 determinou uma nova nomenclatura e o colégio passou a se chamar "Instituto Estadual de Educação"; Em 1971²², foi denominado "Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Oscar Villares" e depois, em 1996, Escola Estadual Oscar Villares.

As escolas normais de grau colegial funcionavam com três séries anuais, em prosseguimento ao curso ginasial e formavam os professores primários. Esta escola passou a ser um dos ramos do colegial (atual ensino médio), havendo um currículo comum para as primeiras séries.

Segundo Oliveira (1993, p. 671), "a idéia de ampliar o tempo de duração do ensino primário ganhou força no debate educacional brasileiro nas décadas de 1950 e 1960 com as discussões acerca da democratização do ensino público".

²² A Lei nº 5692/71 alterou os ensinos primário e médio, modificando sua denominação para ensino de primeiro e segundo grau. Ao defender a escolaridade obrigatória dos 07 aos 14 anos, proporia a formação profissional dos professores que atuariam nas séries iniciais do 1º grau através de uma habilitação de segundo grau, Habilitação Específica de Segundo Grau para o Magistério (HEM), extinguindo assim o curso normal. Concomitantemente, erguem-se as vozes de vários educadores paulistas empenhados que no estado de São Paulo a formação se possa realizar em nível superior.

A lei n.5692, de 11 de agosto de 1971, fixou as diretrizes e bases da escola de 1º e 2º graus. De acordo com essa lei, o ensino de 1º grau com duração de 8 anos letivos (art.18) destinava-se à formação da criança e do pré-adolescente (art. 17), correspondendo ao ensino primário obrigatório e gratuito dos 07 aos 14 anos estabelecido pela Constituição Federal de 1967 (art. 176, & 3, II). Pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1966 (Lei n. 9496, de 20 de dezembro de 1996), este primeiro período da educação escolar passou a denominar-se ensino fundamental (SOUZA, 1998).

Com a escolaridade obrigatória de 8 anos no 1º grau, as mudanças na formação de professores foram inevitáveis. O primeiro ano seria básico para todos os alunos do 2º grau e, a partir do segundo ano, eles fariam a opção profissional desejada. A habilitação para ensino do magistério deveria, além da profissionalização, oferecer oportunidade para que os alunos continuassem seus estudos em nível superior. A habilitação poderia funcionar em qualquer escola que oferecesse o segundo grau (SAVIANI, 2004).

A partir de todas estas transformações, é possível perceber a trajetória da Escola Normal de Mococa, que teve esta denominação por poucos anos, mas que manteve o seu curso fundador até 2004, quando formou sua última turma do Curso de Magistério.

Foram 65 anos formando professores e professoras, em princípio para os grupos escolares e as escolas rurais e, posteriormente, para as escolas primárias, a educação infantil e o ensino fundamental.

Em Mococa, existem hoje dez escolas de ensino médio, sendo sete estaduais e três particulares, a saber: Escola Estadual Barão de Monte

Santo (antigo Grupo Escolar), Escola Estadual Carlos Lima Dias, Escola Estadual João Cid Godoy (antigo segundo Grupo Escolar), Escola Estadual Hilda Silva, Escola Estadual Maestro Justino Gomes de Castro, Escola Estadual Oscar Villares (antiga Escola Normal de Mococa), Escola Estadual Zenaide Pereto Ribeiro Rocha, Escola da Fundação de Ensino de Mococa (particular), Colégio Bruno Giorgi (particular), Colégio Maria Imaculada (fundada em 1926 e particular).

No ano de 2003, a Escola Oscar Villares já anunciava que, para o próximo ano letivo (2004), não abriria nenhuma sala destinada ao Curso de Magistério. Além disso, comentava-se, na escola, que as alunas e professoras que realizaram este curso deveriam cursar o ensino superior. Com isso, muitos daqueles que pretendiam realizar o Curso de Magistério tiveram que fazer outro ensino médio e, após sua conclusão, foram para os cursos de Pedagogia ou Normal Superior. Diante destas circunstâncias, desloco-me da escola fundada em 1939 e sigo em direção do ensino superior na cidade, onde estão algumas alunas da Escola Estadual Oscar Villares.

2.2 Ensino Superior: A Nova Fase da Formação de Professores em Mococa

Nesse sentido a primeira iniciativa para a constituição da Educação Superior em Mococa aconteceu em meados da primeira metade do século XX e foi anterior à fundação da Escola Normal, em 1939, embora já

existissem professores em escolas isoladas ou em residências lecionando com o objetivo de formar professores para o Grupo Escolar da cidade.

Em Mococa, no início do século XX, não havia um ensino sistematizado em graus, níveis e séries. Primeiro construiu-se o Grupo Escolar, no entanto faltavam professores habilitados para lecionar; em 1916 fundou-se a primeira Faculdade, de Farmácia e Odontologia, e em 1939 a Escola Normal o que ressalta que não havia a preocupação em primeiro formar os professores, depois construir o Grupo Escolar e em seguida iniciar as atividades no ensino superior. Não havia um projeto educacional em Mococa e tampouco em nível nacional.

A primeira faculdade em Mococa não se tratava de uma instituição encarregada de formar professores, embora já existisse na cidade um Grupo Escolar que reclamava esta necessidade.

No entanto, a vinda desta instituição coincide com as iniciativas para a fundação da primeira Escola Normal e tem em comum o fato de que o empreendimento para a constituição de seus primeiros cursos veio como uma tentativa de implantação na cidade de escolas que já funcionavam em Minas Gerais. Existiam na cidade políticos oriundos de Minas Gerais que se formaram nestas escolas e trouxeram dessas regiões contatos e experiências, visto que haviam se tornado pessoas influentes na cidade e percebiam que os estudantes da cidade, concluía o secundário e encerravam seus estudos, somente aqueles que tinham melhores condições financeiras optavam por estudar noutras cidades seguindo assim a carreira universitária.

Edgar de Freitas, proprietário do jornal local, foi uma dessas pessoas e muitas informações sobre a constituição do ensino superior só foram possíveis pelos textos que eram publicados em seu jornal, *A Mococa*, que circula aos domingos, na cidade, até os dias atuais.

Ele utilizou este meio de comunicação para escrever suas apreciações sobre a necessidade deste nível de ensino no município. Em 04 de janeiro de 1970 ele escreveu no Jornal *A Mococa* "Não poderíamos... deveríamos ter uma faculdade".

O que impulsionou o ensino superior em Mococa foi a transferência, de Minas Gerais para a cidade, de uma escola de Farmácia e Odontologia, que já graduava alunos em Ouro Fino:

Em 20 de julho de 1916, num ambiente de sadio entusiasmo, a Câmara reúne-se extraordinariamente para tomar conhecimento dos termos de um telegrama recebido pelo senhor Prefeito Municipal, do senhor dr. Alvim Horcades e referente à transferência, para Mococa, da Escola de Farmácia e Odontologia de Ouro Fino.

Considerando o assunto de muita relevância para ser discutido apenas com uma informação telegráfica, lacônica e não bem explícita, determina o legislativo que o senhor Prefeito Municipal se dirija ao informante pedindo, com urgência, maiores esclarecimentos.

Esclarecendo o assunto em todos os seus detalhes, o senhor dr. Alvim Horcades, que era Inspetor Federal do Ensino, participa que o Conselho Superior do Ensino acabava de reconhecer, transferindo-a para Mococa, a Escola de Farmácia e Odontologia, de Ouro Fino, com o que concordara plenamente o seu diretor senhor dr. Alberto Nunes Brigagão. A escola passava, assim, a chamar-se Escola de Farmácia e Odontologia, de Mococa.

Ao ser levado o fato ao conhecimento do público, um delírio de alegria domina a cidade. As ruas se enchem de gente, até alta noite, ouvem-se as vozes populares erguendo vivas ao dr. Alvim, ao dr. Brigagão, ao Major João Bento Vieira da Silva, elementos

que tudo fizeram para Mococa alcançasse a vitória (FREITAS, 1947, p. 171).

Estes dois cursos foram sediados onde hoje funciona o Posto de Saúde da cidade, localizado ao lado da praça central da matriz. Embora tenham sido bem aceitos, tiveram curta duração e, de 1921 até 1973, quando foi fundada a Faculdade de Biblioteconomia, nenhum outro curso apareceu na cidade.

Outras informações sobre a Escola de Farmácia e Odontologia seriam possíveis se a biblioteca municipal não tivesse se incendiado por um desgaste em sua fiação. Assim, perderam-se obras importantes sobre a cidade, pinturas, cadernos de recordações, fotos e documentos do início do século. Infelizmente foi efêmera a permanência dessa faculdade em Mococa.

Sobre a Faculdade de Biblioteconomia, as informações existentes também são esparsas. De acordo com Dona Izabel, bibliotecária do município e que foi aluna da primeira turma do curso de Biblioteconomia, estudavam em sua sala, no ano de 1973, 23 alunos.

Dona Izabel não quis gravar entrevista: falou comigo de pé, no meio da Biblioteca, onde trabalha há mais de 30 anos. De cabelo curto e aparência calma, quando questionada sobre sua formação, relatou que estudou na Escola Normal de Mococa, mas não quis realizar o Curso de Pedagogia, embora ele funcionasse junto com a Faculdade de Biblioteconomia, pois "naquela época o Curso Normal era muito mais importante do que uma Faculdade de Pedagogia recém-criada, sem referências. Era muito melhor fazer Biblioteconomia, eu gostava de ler e

o curso era freqüentado também por senhoras importantes da sociedade, que sempre viajavam”.

Falou-me também que o curso tinha muitas alunas e que, na sua turma, todas eram mulheres e estudavam no período da tarde. Porém, havia uma turma à noite. Faziam parte de sua turma, mulheres da sociedade mocoquense, entre as quais ela não se inclui. Disse-me que eram em sua maioria casadas e freqüentavam o curso para ter um diploma, para montar sua própria biblioteca. Essas mulheres viajavam muito e eram esposas dos donos dos Laticínios Mococa, uma das empresas que mais destaque teve na cidade. O Curso Normal tinha na cidade mais *status* do que o Curso de Pedagogia. Era preferível ser bibliotecária a ser pedagoga.

A conversa com Izabel e as informações do Jornal *A Mococa* possibilitaram-me alguns encontros com a história do ensino superior na cidade.

A Faculdade de Biblioteconomia teve curta duração, principalmente pela falta de incentivo e verbas. Algumas décadas depois é que se voltou a falar sobre o ensino superior na cidade e, mesmo assim, nos anos de 1970, quando esta discussão começou, a prioridade ainda estava voltada para o ensino médio, especialmente o técnico e os investimentos foram para a fundação do Colégio Técnico de Eletricidade.

É uma realidade a situação de inferioridade em que Mococa se encontra, por não possuir, ainda, em funcionamento a sua escola superior. Há muito pouco tempo a Prefeitura gastou cinco milhões de cruzeiros para organizar um processo para a criação, entre nós de uma Faculdade de Ciências Econômicas. Mas, diante do primeiro obstáculo, o fardo foi deposto e todo o trabalho e dispêndio, considerados inúteis. Na ocasião eu não quis, realmente, levantar a bandeira e continuar a luta, apenas

fez ver aos meus amigos que não se deveria abandonar a tentativa. Mas meu desejo era de que se ela fosse designada para outros rumos (*A Mococa*, 04/01/1970).

Passou-se, então, a estudar a possibilidade da vinda para a cidade de uma Faculdade de Ciências Exatas, pois um levantamento feito apontava “possibilidades regionais” para isso:

A reunião de domingo ultimo na sala das sessões plenárias da Câmara Municipal, quando lá estiveram mocoquenses de todas as camadas sociais interessados no progresso do município teve o condão de revelar que ainda esta muito viva entre nós a chama de entusiasmo por tudo que fala de ensino em nossa terra, aquele mesmo entusiasmo que permitiu que se instalasse aqui uma escola Industrial, um Instituto de Educação, a Escola de Eletricidade, pois que exposta às razões da reunião, logo em seguida se aprovou tudo que necessário para a Fundação Mocoquense de Ensino se instalar e ter condições de pronto funcionamento, visando a criação de Estabelecimento de Ensino Superior em Mococa (*A Mococa*, 18/04/1970).

Em princípio, ficou acertada a criação de uma Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, com áreas de Física e Química, Ciências Físicas e Biológicas e Matemática, e de uma Faculdade de Biblioteconomia, para funcionarem em 1972, no prédio do Convento São José, da Ordem dos Capuchinhos:

Continuam intensos e ativos os trabalhos desenvolvidos pela Diretoria da Fundação de Ensino de Mococa, para alcançarem o mais breve possível a instalação oficial do instituto de Ensino Superior, e funcionamento, em 1972, das três faculdades em que será iniciada a existência delas em nossa terra. A adaptação e a pintura das alas do Convento São José, cedidas para a finalidade já estão chegando na fase final, estando concluídos os serviços de eletricidade. A biblioteca está sendo montada com prateleiras metálicas especiais, sendo que a aquisição do mobiliário e livros se deve ao senhor Francisco

Coelho de Moraes, prefeito Municipal, e a Câmara de vereadores, pela concessão de auxílio de Cr\$: 30.000.00 para este fim (*A Mococa*, 19/09/1971).

O MEC, atendendo ao que remeteu a Fundação de Ensino de Mococa, baixou a Portaria nº 266 de 29 de Novembro de 1971, conforme despacho ministerial no processo nº 824.142/70.

Aprovado pela Câmara Alta e ratificado pelo Conselho Federal de Educação o pedido da Fundação de Ensino de Mococa pela instalação e funcionamento das Faculdades de Pedagogia e Biblioteconomia. Decreto será em seguida submetido ao Exmo senhor Presidente da República através do Ministério da Educação. Mococa alcançou, afinal depois de intensos e exaustivos, mas felizes e bem sucedidos trabalhos, a vitória que o povo esperava na sua pretensão de possuir, também para satisfação dos seus filhos, os seus cursos superiores (*A Mococa*, 13/08/1972).

Em novembro de 1972, foi autorizado o funcionamento do Instituto Superior de Mococa, mantido pela Fundação e oferecendo cursos de ensino superior: Biblioteconomia e Documentação e Pedagogia - licenciatura de 1º grau para as habilitações de Administração Escolar e Supervisão.

Em 2002, por meio da Portaria CEE-GP nº 06, de 08 de janeiro de 2002, aprovou-se a alteração da denominação do Instituto de Ensino Superior de Mococa para Faculdades da Fundação de Ensino de Mococa - FaFEM.

Durante vários anos, a instituição teve apenas os dois cursos iniciais. No início da década de 1980, a Licenciatura Curta em Pedagogia passa para Licenciatura Plena, com duas habilitações e, na década de

1990, são autorizadas novas habilitações. Ainda nesta década, criam-se os novos cursos de graduação em Administração Geral - Ênfase em Marketing, Ciências Contábeis e Ciência da Computação. São oferecidos também cursos de especialização, diversificando a oferta de vagas para a demanda local e regional.

Em 2005, conforme as novas diretrizes, foi criado o Instituto Superior de Educação, que abriga, além do Curso Normal Superior, o Curso de Pedagogia.

A Faculdade da Fundação de Ensino de Mococa vivia uma fase de transição neste começo de século e tentava sobreviver em meio às inadimplências e concorrentes vizinhos. Além disso, mudanças provocaram muito "barulho" na cidade, pois constava que a Fundação era uma faculdade pública e, portanto sujeita ao município. No entanto, no ano de 2007 ela foi vendida e passou a chamar-se Fundação Vida Cristã, coerente com a filosofia de trabalho de seu novo "dono".

Preocupados com a qualidade do ensino oferecido pela instituição, muitos alunos optaram pelo trancamento de matrícula, ou seguiram para os Cursos de Educação à Distância, que também começaram a dar sinais de expansão na cidade.

A situação na faculdade tornou-se alarmante com a queda nas matrículas. Professores perderam muitas aulas, classes foram unidas em disciplinas comuns e a insatisfação contaminou o ambiente.

O desânimo tomou conta da instituição e, para complicar ainda mais esse quadro, aconteceu a mudança do Curso de Pedagogia para Normal Superior, e a aceitação desse novo curso não foi vista com bons olhos,

principalmente porque o nome " Normal Superior" fazia referência ao extinto Curso Normal de ensino médio, que também viu, no final do século XX suas salas fecharem e sua imagem ser a de um curso fraco, sem aquilo que, um dia, foi sua característica mais importante: oferecer qualidade na formação dos professores.

Saídas do Curso de Magistério, cuja imagem já estava bastante desgastada, muitas alunas da última turma optaram pelas Faculdades da Fundação de Ensino de Mococa, com o objetivo de alcançarem o tão sonhado diploma superior.

Elas pretendiam fazer o Curso de Pedagogia, porém a LDB nº 9394/96 "transformou-o" em bacharelado, permitindo que suas alunas fossem especialistas em educação (gestão escolar e administração escolar). Restava a elas o Curso Normal Superior, que possibilitava duas habilitações, ou seja, Educação Infantil e Ensino Fundamental I, algo muito semelhante ao antigo Curso de Magistério.

Tudo isso ocorreu no que se denominou a década da educação, isto é, os anos de 1997 a 2007.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO: DA ÚLTIMA TURMA ÀS NORMALISTAS DE 1957

Ensino

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento. Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo: "Coitado, até essa hora no serviço pesado". Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. Não me falou em amor. Essa palavra de luxo (Adélia Prado, Poesia reunida).

A história da Escola Normal de Mococa apresenta-se, como qualquer história, fragmentada. Suas partes formam um mosaico singular, com contornos sutis e expressivas representações. Seu prédio permanece em pé, mas está calado. Não há como descortinar sua história olhando apenas para a sua fachada, mas é possível reconhecer, em seus ex-alunos, possibilidades para a redescoberta de sua imagem, de seu reflexo do mundo externo. O que é possível revelar é o verde das árvores que a rodeiam e deixam os dias, de verão intenso, mais frescos ao seu redor.

No movimento de constituição da história-na-História, desta escola, algumas pessoas me trouxeram para perto dela: suas normalistas.

Este capítulo discute as características sociais de algumas alunas que estudaram nessa escola, bem como o encerramento do Curso de Magistério. É um capítulo dedicado a despedidas: estou começando pelo fim. Para escrevê-lo mantive contato com personagens importantes da história de uma escola que, durante 65 anos, formou professores na cidade de Mococa.

Os sujeitos são professoras que estudaram na Escola Normal de Mococa, hoje denominada Escola Estadual Oscar Villares. Algumas se formaram no ano de 1957. Outras, no ano de 2004. Estas últimas freqüentam, na mesma cidade, o Ensino Superior, algumas nos cursos de Pedagogia e outras Normal Superior.

Conheci as alunas da turma de 2004 na faculdade onde estudam. Aquelas que se formaram no ano de 1957, conheci na festa de comemoração de 50 anos de sua formatura.

São duas gerações diferentes de educadoras e ambas contribuíram para traçar o perfil social da professora de hoje. Nesse sentido, passado e presente aproximam-se e escrevem uma história marcada por movimentos de expansão do ensino e por inúmeras tentativas de qualificação docente.

Conhecendo algumas dessas professoras realizei as entrevistas, que aconteceram em ocasiões diferentes. Foram momentos importantes, inclusive para perceber que aquela imagem da "professora perfeita" do início do século XX precisava ser revista, pois os tempos são outros e hoje não é tarefa fácil ensinar, principalmente porque, ao contrário do período áureo dos anos 1950, as salas são muito mais numerosas e as condições de

trabalho diversas. Com estas entrevistas também foi possível perceber a insegurança na formação profissional desse nível de ensino.

A partir das histórias contadas, procurei tecer as características da formação dessas professoras, considerando que os relatos projetam-se como símbolos de uma determinada época. Na concepção de Saviani (2004, p. 48):

A história da formação de professores no Brasil está marcada por continuidades e rupturas. Estas se articulam por meio de seus sujeitos e projetam uma época, apresentando o movimento de constituição da escola.

Não foi tarefa fácil encontrá-las. Assim, comecei minha busca percorrendo os corredores da escola e pude observar de perto o lugar de onde saíram tantos professores que hoje exercem seu ofício na cidade e na região.

Aqueles corredores não são muito largos e seu piso avermelhado se encontrava empoeirado. Os alunos que saíam agitados para o recreio deixavam nele as marcas de seus pés²³.

No corredor do térreo, em frente à secretaria, há uma sala sempre fechada, onde se encontra o arquivo de documentos da escola. Ao final de cada ano letivo, os dados que não precisam mais ficar na secretaria são levados para esse espaço. Consultei seus documentos e o que mais me

²³ No período da manhã estudam os alunos do Ensino Fundamental e à tarde funciona a "Escola em tempo Integral". No período da noite, a escola é freqüentada pelos alunos do Ensino Médio.

chamou a atenção foram as fotografias. Esquecidas, sob amontoados de papéis amarelados, lá estavam elas guardando a vida num arquivo morto.

Estas imagens foram, para minha pesquisa, de suma importância. Elas me trouxeram pistas de como era o cotidiano escolar daquelas alunas. Seu jeito de se vestir, as festas escolares, os bailes de formatura, as comemorações do aniversário da escola. Quando vi aqueles vestígios ali abandonados, tidos aparentemente como "sem importância", comecei a pensar que, naquela escola, não existia uma idéia clara do que possa ser um arquivo histórico e de sua importância, por isso, ele era qualificado como morto como um "depósito de documentos".

O arquivo é lugar da memória, é onde pulsa algo de vida simbólica e um passado a ser investigado e reconstituído, é o lugar onde a memória assenta suas lembranças. O local onde estavam guardados esses documentos era inadequado, o que dificulta sua preservação. Eles se encontravam depositados em estantes de ferro, formando pilhas de papel, cheirando a mofo, sem ventilação, apenas com uma pequena fresta de luz, embora a janela fosse bem grande.

Esses papéis também não estavam catalogados, não havia fichas para a organização, tampouco guias, então foi preciso revirar, procurar em tudo as possíveis pistas.

Sobre a turma de 2004, encontrei a lista de presença, seus prontuários, cadernetas de professores, atas de reuniões e fotografias. Com relação às alunas que se formaram em 1957, os prontuários estavam acessíveis.

Quem cuidava, e ainda cuida, deste arquivo é a escriturária da escola. A chave, que abre a porta de ferro, encontra-se sempre sob seus cuidados.

Percebi que não havia preocupação com aquela documentação, com a história da escola. No arquivo, há um passado que não tem sido valorizado e que o pessoal da escola nem sempre percebe como parte do presente, numa História que se escreve a partir das atas de reuniões, dos diários oficiais, das notas de alunos, dos critérios de avaliação, das matrizes curriculares, das fotos e dos livros de reuniões de pais. Era o retrato de uma época que ia assumindo contornos diferentes na medida em que o tempo passa, pois "A história possui seu movimento" (Cardoso, 1997, p. 46), que não está desprovido de significados. Os rastros deixados por nossos antepassados, com o tempo, parecem dissipar-se, mas cristalizam-se. A cultura é o que nos une e seus fragmentos são alimentados no cotidiano:

A cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela; dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma tradição docente, que a cultura se transmite e se perpetua: a educação realiza a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana (FORQUIN, 1993, p. 15).

Depois que colhi estas informações fui ao encontro de seus ex-alunos, ou melhor, ex-alunas.

3.1 A Turma de 2004

Foram 32 as alunas que se formaram no Curso de Magistério em 2004, na Escola Estadual Oscar Villares, mas tive contato apenas com as seis, que continuaram seus estudos em Mococa. Porém, não falo, neste momento, daquelas que muitos conheceram como a professora primária, mas aventurei-me a encontrá-las, de alguma forma, no interior destas a que me refiro agora: a última turma de professoras do Curso Normal daquela instituição de Mococa.

As seis alunas estavam no Curso Normal Superior e a preocupação de cada uma (Silvia, Débora, Luciana, Marisa, Natália e Lúcia), assim como da maioria das outras alunas, não era mais com o Curso de Magistério que havia se extinguido na cidade, mas com o que seria do Ensino Superior e das transformações decorrentes com o recém-criado Normal Superior, que "substituiria" o Curso de Pedagogia e que estava sob forte crítica da imprensa²⁴ e gozava de instabilidade.

Na fotografia, tirada dias antes da formatura, as alunas apresentam-se com sua camiseta de turma. Algumas usam saias, de

²⁴ As novas exigências quanto à qualificação de professores, estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - ampliaram o desafio que o Brasil tem enfrentado para formar professores em número suficiente e com o novo perfil requerido. A LDB determinou que, ao se completar dez anos a sua vigência - portanto, até 2007 - todos os professores deveriam ter nível superior. Se forem somados os professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que ainda não possuem curso superior, chega-se a um contingente de cerca de 800 mil profissionais que deveriam ter sido requalificados dentro desse prazo. O Plano Nacional de Educação, ainda em discussão no Congresso Nacional, incorporou como meta o que já é uma exigência por força legal, de acordo com o *Seminário Internacional sobre desenvolvimento profissional de professores e garantia de qualidade na educação* (1999, p. 2).

comprimentos diferentes. Outras usam calças jeans. Os calçados são tênis ou sandálias baixas, típicas do verão. Estão em pé, lado a lado, em frente à escola, na escada da praça. Algumas têm os braços soltos e displicentes, outras estão mais apreensivas, "não sabendo muito bem o que fazer com as mãos".

Esta é a típica fotografia de turma, feita para ficar de lembrança, mostra a união e as afinidades do grupo, a igualdade entre elas. Há uma clara associação com o edifício escolar, que está ao fundo. As alunas estão de saída...

O uniforme não era mais a saia azul, a camisa branca e o sapato preto com meias brancas, utilizado pelas normalistas da mesma escola na década de 1950. Estas, de 2004 vestem-se com calça jeans e tênis. Na camiseta branca, uma pequena logomarca da escola ficava no lado esquerdo do peito, abaixo do ombro. Não era um uniforme sofisticado, tampouco feminino, mas simples, condizente com as normas da escola e com o lugar social do curso.

Nesse trabalho não pretendo estudar a feminização do magistério²⁵, mas é importante dizer que quando observo a foto da última turma, percebo imagens de mulher, uma característica muito forte no magistério há várias décadas, principalmente no Ensino Fundamental, ou o antigo primário. Sobre a escolha profissional, Gouveia (1970) afirma que o magistério foi uma das primeiras, se não realmente a primeira, profissão respeitável a que a mulher pôde se dedicar. A profissão de professor está associada um dever sagrado e uma responsabilidade feminina, por

²⁵ Sobre esse assunto ver CAMPOS E SILVA (org), 2002.

incorporar atributos maternais, dos quais as mulheres são as portadoras na cultura ocidental. Essa feminização do magistério foi fortalecida após a República, no Brasil, e continua sendo um fenômeno universal (SAVIANE et al, 2004).

Realizei, além das entrevistas, um questionário com um grupo ampliado, contendo as alunas da última turma, mais suas colegas de turmas anteriores num total de 75 estudantes que continuaram seus estudos em nível superior que também freqüentam os cursos de Pedagogia e Normal Superior. Portanto, 75 alunas responderam ao questionário.

As entrevistas foram realizadas para colher dados das trajetórias que pudessem demonstrar os efeitos das mudanças políticas na vida das estudantes. Ansiava por conhecê-las mais de perto, de forma simples, sem que elas sofressem a pressão de ter de responder alguma coisa certa, predeterminada. Então fui ao encontro delas.

Para identificar o grupo social dessas futuras professoras, elaborei um questionário. Com as respostas em mãos, construí o quadro (Quadro 1) com as características de formação de seus pais, além de seu estado civil e idade. Além disso, organizei alguns gráficos, com o intuito de visualizar melhor tais informações (verificar ANEXO 1).

As futuras professoras responderam o questionário na Sala de Projeções das Faculdades da Fundação de Ensino de Mococa (FaFEM), onde realizam o curso superior, algumas o Normal Superior, e outras o Curso de Pedagogia.

Mas, afinal, quem são essas moças? Em que se baseavam suas escolhas? Qual a sua imagem de professor, sua visão de mundo, seus

sonhos, seus desejos? O que existia, além do discurso oficial, e que fundamentava suas buscas e seus receios?

Quando fui ao encontro das seis alunas da turma de 2004, sabia que não teria muitas de minhas questões respondidas, mas estava intrigada, incomodada com as imagens que encontrei ou que formulei em minhas visitas à escola.

Perguntei-lhes sobre os livros que gostavam de ler, o gosto pelas viagens, a escolaridade e a profissão de seus pais, sua religião, seus filhos. Procurava entender como as questões da educação, da família e do casamento as constituem; como formam seus gostos, seus saberes e suas visões de mundo. As respostas demonstraram que a visão de mundo delas é constituída por um processo que inclui os traços culturais, as histórias afetivas, as condições econômicas e políticas. A futura professora constrói-se e constrói sua história por meio das relações que estabelece ao longo da vida pessoal.

O questionário, um instrumento de coleta de dados, permitiu-me construir um quadro para compará-las. Meu objetivo foi mostrar como a mulher traz para a instituição escolar suas histórias, suas marcas individuais. Verifiquei que nenhuma aluna pertence a uma família de posição social elevada, mesmo aquelas cujos pais são pós-graduados. Residem, em sua maioria, em casas pequenas, em bairros recém-construídos, geralmente em regiões periféricas.

Segundo Bosi (1983), quando o indivíduo se propõe a lembrar e traçar acontecimentos que vivenciou, não está revivendo os acontecimentos, e sim reconstruindo, repensando, com imagens e idéias do

presente, as experiências do passado. A história que é lembrada não é uma representação exata do passado, mas possui aspectos deste que são moldados para se ajustar às identidades e aos anseios de seu narrador. Por outro lado, a identidade também acomoda suas lembranças, e a narrativa é impregnada com a marca pessoal e singular de seu narrador (BENJAMIM, 1994).

No momento em que começaram a responder ao questionário, fiquei "por ali" a observar suas reações às perguntas e ouvi as conversas paralelas, uma colcha de retalhos que, inevitavelmente, foi se tecendo ao longo de mais de uma hora de contato.

O quadro a seguir resultou deste questionário e apresentou-me dados de identificação social e me ajudou a definir as alunas estudadas e a compreender os motivos que as levaram à profissão de professor.

Quadro 1- Dados do questionário

Nº	I- DA- DE	ES- TADO CIVIL	FILHOS	ESCOLARIDA- DE DO PAI	PROFISSÃO DO PAI	ESCOLARIDADE DA MÃE	PROFISSÃO DA MÃE
1	21	SOLT.	N	EMC	COMERCIANTE	MAGISTÉRIO	PROFESSORA
2	28	SOLT.	N	EFI-INC	APOSENTADO	ANALFABETA	DONA DE CASA
3	37	CASA- DA	3	EF-INC	SAPATEIRO	ANALFABETA	AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS
4	25	SOLT.	N	EM + CURSOS TÉCNICOS	COMERCIÁRIO E CHEFE DE DEPTO. DE UMA EMPRESA	S-INC	DONA DE CASA
5	-	SOLT.	-	EF-INC	AUTÔNOMO	F-INC	DONA DE CASA
6	-	SOLT.	N	EM	PEDREIRO	EF	ATENDENTE DE AMBULATÓRIO

7	25	SOLT.	N	EF-INC	FUNCIONÁRIO PÚBLICO	EF-INC	COMERCIANTE
8	27	SOLT.	N	EFI-INC	LAVRADOR	EFI-INC	LAVRADORA
9	19	SOLT.	N	EM-INC	FUNILEIRO	EM-INC	BERÇARISTA
10	24	SOLT.	N	-	-	EM	-
11	19	SOLT.	N	ES	APOSENTADO	EF-INC	DONA DE CASA
12	21	SOLT.	N	EFI	SAQUEIRO	EM	ZELADORA
14	26	SOLT.	-	EFI-INC	AUTÔNOMO	EFI	DONA DE CASA
15	21	SOLT.	N	ES	ADMINISTRADOR DE EMPRESAS	ES	ADVOGADA
16	38	CASA-DA	2	EFI-INC	TRABALHADOR RURAL	EFI- INC	DONA DE CASA
17	19	SOLT.	N	EF-INC	DESEMPREGADO	EF- INC	EMPREGADA DOMÉSTICA
18	20	SOLT.	N	EFI	LAVRADOR	EF	LAVRADORA
19	24	SOLT.	N	EF	-	EM	TÉCNICA DE ENFERMAGEM
20	19	SOLT.	N	EM	COZINHEIRO	EF-INC	SERVIÇOS GERAIS
21	39	CASA-DA	1	EM	MOTORISTA	EM	MANICURE
22	19	SOLT.	N	EF	LAVRADOR	EF	EMPREGADA DOMÉSTICA
23	20	SOLT.	-	EF	MECÂNICO	EM	AJUDANTE GERAL
24	-	CASA-DA	1	EFI-INC	MARCENEIRO	EF-INC	DONA DE CASA
25	-	SOLT.	N	EF	AÇOUGUEIRO	EFI	DONA DE CASA
26	19	SOLT.	N	EF	PEDREIRO	EF	EMPREGADA DOMÉSTICA
27	22	SOLT.	N	PÓS-GRADUADO	CONTADOR	PÓS-GRADUADA	CONTADORA
28	28	CASA-DA	1	EFI	LAVRADOR	EM	SERVIÇOS GERAIS
29	26	SOLT.	N	EF-INC	AUTÔNOMO	EF-INC	EMPREGADA

							DOMÉSTICA
30	26	SOLT.	N	EM-INC	MOTORISTA	EM	DONA DE CASA
31	-	-	-	-	-	-	-
32	24	SOLT.	N	ANALFABETO	AGRICULTOR	EF-INC	AGRICULTORA
33	21	SOLT.	N	EF-INC	MOTORISTA	CURSANDO EF	EMPREGADA DOMÉSTICA
34	25	SOLT.	N	EM-INC	MECÂNICO	EF-INC	DONA DE CASA
35	-	-	-	-	-	-	-
36	26	SOLT.	N	EF-INC	MOTORISTA	EF	DONA DE CASA
37	20	SOLT.	N	ES	CONTADOR	EF-INC	COSTUREIRA
38	52	CASA- DA	2	EF	CARTEIRO	EFI	DONA DE CASA
39	-	-	-	-	-	-	-
40	20	SOLT.	N	EM	VENDEDOR	PÓS-GRADUADA	PROFESSORA
41	21	SOLT.	N	EF-INC	TRATORISTA	EF-INC	EMPREGADA DOMÉSTICA
42	21	SOLT.	N	EF	MOTORISTA	EM-INC	EMPREGADA DOMÉSTICA
43	21	SOLT.	N	PÓS- GRADUADO / MBA	PROFESSOR E GERENTE DE CONTROLADO- RIA	EM-INC	MONITORA
44	53	CASA- DA	2	EM	ESCRITURÁRIO	EM	SECRETÁRIA
45	25	SOLT.	N	EF-INC	MECÂNICO	EF-INC	DONA DE CASA
46	21	SOLT.	N	EF-INC	JARDINEIRO	EF-INC	APOSENTADA
47	24	SOLT.	N	EF	PEDREIRO E ELETRICISTA	EF	COPEIRA
48		CASA- DA	2	EF	APOSENTADO	EF	DONA DE CASA
49		CASA- DA	2	EF	APOSENTADO	EFI	DONA DE CASA
50	24	SOLT.	N	EM-INC	GERENTE DE VENDAS	PÓS-GRADUADA	PROFESSORA
51	25	CASA- DA	-	ES	APOSENTADO	EM	APOSENTADA
52	37	CASA-	2	EF	PEDREIRO /	EF	COZINHEIRA

		DA			APOSENTADO		
53	-	-	-	-	-	-	-
54	20	SOLT.	N	EF-INC	LAVRADOR	EF-INC	MONITORA DE CRECHE
55	21	SOLT.	N	EFI	ENTREGADOR	EM	-
56	-	SOLT.	-	-	-	-	-
57	41	SEPA-RADA	2	EFI	FUNCIONÁRIO PÚBLICO	EFI	DONA DE CASA
58	-	-	-	-	-	-	-
59	30	CASA-DA	2	EF	COMERCIANTE	EF	COMERCIANTE
60	20	SOLT.	N	EF	COMERCIANTE	EF	DONA DE CASA
61	21	SOLT.	N	EF-INC	PEDREIRO	EF-INC	DONA DE CASA
62	-	SOLT.	N	-	-	-	-
63	36	CASA-DA	1	-	-	EFI	DONA DE CASA
64	23	SOLT.	N	EFI	ARMADOR	-	DONA DE CASA
65	-	-	-	-	-	-	-
66	-	-	-	-	-	-	-
67	42	CASA-DA	2	-	-	-	-
68	21	SOLT.	N	EF-INC	APOSENTADO	EF-INC	DONA DE CASA
69	-	SOLT.	-	EF-INC	MECÂNICO	EF-INC	AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS
70	21	SOLT.	-	EM-INC	PEDREIRO	ES	PROFESSORA
71	24	CASA-DA	N	EF-INC	AGRICULTOR	EF-INC	DONA DE CASA
72	50	CASA-DA	2	EFI	SITIANTE	EFI	DONA DE CASA
73	21	SOLT.	N	EF-INC	LAVRADOR	EF-INC	EMPREGADA DOMÉSTICA
74	-	SOLT.	N	ES	ADVOGADO	EM	DONA DE CASA
75	20	SOLT.	-	ES	AUTÔNOMO	EM	SECRETÁRIA

LEGENDA

ES = ENSINO SUPERIOR

EM = ENSINO MÉDIO

EM-INC = ENSINO MÉDIO INCOMPLETO

EF = ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO = 1ª A 8ª SÉRIE

EF-INC = ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO = NÃO COMPLETOU A 8ª SÉRIE

EFI = ENSINO FUNDAMENTAL I = 1ª A 4ª SÉRIE - COMPLETO

EFI - IN = ENSINO FUNDAMENTAL I - 1ª A 4ª SÉRIE - INCOMPLETO

O quadro mostrou um grupo mais ou menos homogêneo, cujos pais têm baixo nível de escolaridade, sendo que a maioria dos pais tem o ensino fundamental incompleto e suas ocupações profissionais são condizentes com a escolaridade. As alunas em sua expressiva maioria são solteiras e ainda não tem filhos. Assim como as normalistas que se formaram na década de 1950 na Escola Normal de Mococa, estas moças que, em 2005 estudavam para serem professoras também eram, em sua maioria, jovens e solteiras, viviam na casa dos pais e de lá não queriam sair tão cedo.

Segundo Pereira (1969), nos anos de 1950, nos cursos de magistério estavam as mulheres solteiras e jovens, oriundas das classes médias e altas. A idade com que chegavam ao curso era a explicitação da condição de classe dessas alunas. Nas décadas de 1980 e 1990, ingressam no magistério mulheres mais maduras, que tiveram seus processos de escolaridade interrompidos, segundo algumas entrevistadas. Hoje estas moças também são bem jovens, mas são muito diferentes daquelas que se formaram nos tempos da Escola Normal, época em que assistiram ao processo de fixação das diretrizes da educação nacional e de construção do sistema nacional de ensino.

Elas optaram por dar continuidade aos estudos em Mococa. Naquele momento, a maioria delas que havia saído do Ensino Médio era solteira e bem jovem, o que não seria um empecilho, caso quisessem estudar em

outra faculdade noutra cidade. Porém, muitas trabalhavam em Mococa e precisavam do salário para ajudar nas despesas da família. Outras se encontravam desempregadas, dependendo da ajuda dos pais para continuar os estudos. Algumas também comentaram que não se sentiam preparadas para prestar vestibular numa universidade pública. Achavam que, para conseguir isso, precisariam ter estudado matérias que elas não tiveram no Curso de Magistério. Era preciso estudar muito, e elas mal tiveram aulas, muito menos aulas voltadas para o ingresso no Ensino Superior.

Para as alunas entrevistadas que eram casadas era ainda mais difícil estudar em outra faculdade que não fosse a de Mococa. Praticamente impossível. Elas somavam 21% das que responderam ao questionário. A opção que fizeram baseou-se na boa localização da escola, no fato de ser bem falada e na mensalidade baixa. A faculdade tinha de ser compatível com suas rotinas e, por isso, estudar em Mococa, embora numa faculdade particular, era a chance que elas tinham de continuar onde já trabalhavam. Além disso, caso precisassem interromper seus estudos, poderiam fazê-lo mais facilmente. Era também uma oportunidade de continuar os estudos, um sonho de muitas.

Dessa forma, elas foram delineando o percurso de suas trajetórias educacionais, desde o Ensino Médio até o superior, atravessando fases de seqüência e de interrupção dos estudos, por motivo de desemprego, casamento, filhos e/ou falta de dinheiro.

Optei por levantar a instrução dos pais das alunas, porque ajudou-me a desenhar o quadro de informações sobre o capital cultural herdado

e, como o tipo e os anos de escolaridade constituem importantes elementos de distinção social, é importante que sejam vistos junto aos demais elementos que configuram a situação sócio-cultural dessas professoras. Essas famílias transmitem, a seus filhos e filhas valores sociais e culturais que são interiorizados, mesmo sendo pouco escolarizadas.

Essas moças provêm de famílias em que os pais, por sua origem social, em sua maioria, não chegaram a realizar um curso superior. Isso significa que, principalmente para as mães, ter uma filha realizando-o e, ainda, formando-se professora, é uma dupla realização. Dessa maneira, a instrução da mãe tem importância na inclinação da filha pelo magistério, por isso, as filhas de mulheres menos instruídas mais freqüentemente se mostram desejosas de exercer o magistério do que as filhas de mulheres com instrução de grau médio ou superior (GOUVEIA, 1970).

Elas fazem parte da primeira geração que completa os estudos. Seus pais são motoristas, carteiros, jardineiros, pedreiros, eletricitas, lavradores, vigilantes, vendedores, tratoristas, e desempregados. De todas as que responderam ao questionário, apenas cinco tinham pais com Ensino Superior. Com graus de escolaridade diferentes, a maioria dos pais não completou a 8ª série. Dentre eles, apenas um é analfabeto e, igualmente, apenas um fez pós-graduação.

Com relação às mães, três eram pós-graduadas e a maioria não chegou a completar o Ensino Fundamental, ou seja, a 8ª série. Duas são analfabetas. Isso demonstra alguns limites na vida dessas alunas para sua formação. Das 75 que responderam ao questionário, 100% estudaram em

escolas públicas até a 8ª série. Algumas não sabiam qual era a escolaridade de seus pais, e outras preferiram não comentar, isso em uma porcentagem de 8% para os pais e 9% para as mães.

Essas mães trabalham como domésticas, zeladoras, auxiliares de serviços gerais e dona de casa, profissões tradicionalmente exercidas por mulheres. Aquelas que são efetivamente profissionais são professoras, costureiras, secretárias, monitoras de creches, atendentes de ambulatório. Com relação aos pais, muitos prestam serviços, são motoristas, tratoristas, carteiros, vigilantes, jardineiro. Há ainda contadores e mecânicos.

Para as mães, de acordo com as falas de duas entrevistadas, Silvia e Marisa, já passou o tempo em que as mulheres ainda cogitavam a idéia de deixar de estudar para cuidar do marido e dos filhos, afinal a geração atual busca apoio em seus relacionamentos, querem dar seguimento a seu plano de autonomia pessoal. Por isso, as mães que pararam de estudar por causa da família são mais vigilantes quanto ao destino de suas filhas.

As alunas que responderam ao questionário são, em sua maioria, bem jovens. A faixa etária que varia entre 19 e 22 anos compõe 41,33% do total de entrevistadas, o que corresponde a 31 alunas. Em seguida, encontram-se 18 alunas (24%) também jovens, mas com idade entre 23 e 27 anos.

Das alunas que responderam ao questionário 12 não revelaram sua idade, ou seja, 16%, e apenas 2% possuem mais de 50 anos. Estas últimas estudaram numa escola que, assim como as anteriores, antecedeu à LDB nº 9.394/96 e que as colocou no mercado de trabalho com uma formação

mais completa. Algumas ficaram receosas quando souberam que deveriam cursar uma faculdade.

O maior universo das alunas que responderam ao questionário é também de mulheres solteiras. Elas representam 73% (54 pessoas), seguidas por 21% que são as casadas, 1% de separadas e 5% que não informaram.

Há alunas que passaram alguns anos sem estudar e que agora voltaram à escola. Entre estas encontram-se aquelas acima de 30 anos de idade. Talvez elas não tivessem voltado a estudar se não fosse uma exigência da escola onde já lecionavam, mas essa não é uma regra para todas, pois o acesso ao Ensino Superior tornou-se mais amplo só a partir das últimas décadas do século XX, com a expansão das faculdades particulares.

No Brasil, de acordo com dados do MEC (Ristoff e Giolo, 2006) percebe-se uma entrada maior de mulheres no Ensino Superior particular, sobretudo na região Sudeste. Esses dados refletem tanto o aumento da participação feminina, como a própria expansão do Ensino Superior em diversas regiões do país.

Com esses primeiros dados do quadro tem-se uma idéia do grupo social a que pertencem as professoras atualmente formadas em Mococa. As entrevistas permitem ainda agregar novas idéias e aprofundar algumas indagações sobre o problema.

A imagem que essas alunas têm de si e de sua profissão se constrói por meio de processos sociais, na relação *eu-outros*. (Nunes, 1996). Ela se constrói ao longo de suas experiências, na representação de papéis

assumidos ao longo da vida e nos quais são colocados em conflito na prática cotidiana, no convívio (e no confronto) com os outros, na gradativa distinção entre o *eu* e o *outro*, por meio de rupturas e superações.

As primeiras conversas que tivemos foram sobre o fim do Curso de Magistério. O fato de que elas haviam passado os últimos quatro anos estudando para ser professoras e agora aquele curso havia acabado provocava uma sensação de fracasso, de impotência e desvalorização. Isso também lhes dava medo de não conseguirem trabalhar com o diploma. Nas palavras de Débora, uma das entrevistadas: "o que é bom não acaba assim, mas agora, na faculdade, vejo muitas coisas que havia estudado no magistério, então não devia ser tão ruim". Pela sua fala, percebe-se que ela gostava do Curso de Magistério e que, muita coisa que ela havia estudado lá, estava revendo agora no Curso Normal Superior e, como ela estava numa faculdade, pensava que, se estudavam coisas parecidas, não era porque o ensino superior deixava a desejar, mas porque o Curso de Magistério era bom.

Luciana, outra entrevistada, toda agitada, sempre sorrindo, comentou:

O meu primeiro emprego foi de babá, quando eu estava no primeiro ano de magistério. Eu estudava de manhã e trabalhava a tarde. A criança que eu cuidava não estava se acostumando em nenhuma escola e não queria ir para a escola sozinha, foi quando comecei a acompanhá-la. Eu adorava ficar na sala com ela e me apeguei muito às outras crianças também. Foi quando vi que me identificava com essa profissão. Fiz esta escolha também, pois o magistério seria uma forma de ter um emprego fixo e de trabalhar com crianças. E também deve ter algum benefício, por mais desgastada que esteja a figura da professora. Não gosto como a sociedade em si vê os professores do nosso país. Eles são vistos com indiferença,

como uma profissão que não precisa de muito estudo, desvalorizada, e na verdade é tudo "o contrário", temos que estudar muito, deveríamos ser mais valorizados não só pelo governo, mas pela sociedade. Não é fácil ser professora, e as pessoas tem que colocar a culpa em alguém, como não tem jeito de culpar o presidente, o governador, o prefeito, culpam os professores. Os pais também deixam tudo para a escola, que tem que dar conta de tudo, eles não vêem que a escola também está numa situação precária que dificulta o trabalho do educador, as salas com grande número de alunos, o baixo salário dos professores. Tudo isso vai acumulando.

E Silvia, então, complementou:

Ao terminar o magistério, fui para a faculdade. Não tinha o emprego que sonhava, trabalhava numa floricultura, e isto era muito distante do trabalho na sala de aula, recebia um salário baixo, então tinha pouco dinheiro, que era com o que pagava a faculdade, mas eu tinha sonhos... Eu vejo o professor e a professora no Brasil como um profissional muito importante para a formação dos futuros cidadãos, mas que enfrentam grandes desafios e conflitos, seja com os alunos, com os pais de alunos, com a administração da escola. No passado o ensino não era melhor, só que o número de alunos dentro do âmbito escolar era menor, freqüentado em sua maioria pela elite, o que diminuía os problemas que existiam. O problema está na postura assumida por todo o setor da educação frente aos problemas que aparecem. Hoje eu vejo valeu a pena o que aprendi no CEFAM e no Magistério. O professor precisa estudar e levar a sério sua profissão. Na faculdade eu me empenho porque é isso o que eu quero para minha vida. Eu ainda não estou numa escola, ainda não leciono, mas é isso o que eu quero, mesmo vendo que tem muitas alunas na minha sala que não se importam, só querem o diploma. É por isso que muitos professores são criticados, por que eles saem da faculdade despreparados, eles não querem isso, não querem essa profissão, mas acabam sendo professores, entram numa escola e vão repetindo os mesmos erros e aí as coisas não se acertam. Aí quem sofre são os alunos que não aprendem por que o professor também não sabe ensinar, ele não aprendeu, ele não quis aprender, não era esse o caminho que ele queria seguir, mas foi indo...e aí...é isso.

Essas afirmações demonstram o quanto estas alunas tinham visto frustrar-se o seu projeto profissional, mas mesmo assim seguiam apostando em mais escolaridade.

Todas essas mudanças na vida dessas professoras demandam tempo para se construir e reconstituir. Isso implica um movimento de reflexão sobre o passado e sobre o presente, dando sentido à profissão, construindo a idéia do que é ser e estar sendo professor. Natália enfatizou: "Eu falei para minha mãe, no primeiro dia de estágio, que eu estava com medo de sair correndo". Esse comentário evidencia o quanto ela não estava preparada para entrar numa sala de aula, até por uma formação que não foi muito eficaz, mostrando-se insegura com o estágio, uma fase em que, inicialmente, é de observação. Reflete também o medo de quem está começando uma profissão, que já tem uma história e já foi muito reconhecida.

No Brasil, a maioria dos jovens é condenada à prematura busca de um emprego para seu próprio sustento e o da família. Mesmo assim, pensamos que o descalabro social que nega à maioria dos jovens uma escola de segundo grau de formação geral de qualidade não deve provocar nos educadores o desejo de adaptar a escola à irracionalidade social existente. De fato, não será deformando a escola que eliminaremos a miséria (BUFFA E NOSELLA, 2002, p. 112).

Entre aquelas que responderam ao questionário, mesclavam-se alunas que há alguns anos haviam saído do Curso de Magistério e outras que saíram recentemente.

Jussara, depois de responder às questões, disse-me:

Havia, na época que eu estudei um ensino mais preparatório, foram anos melhores naquela escola. Depois foi chegando uma época que, ah, vai acabar mesmo, aí as meninas foram empurrando com a barriga. Foi um desperdício para quem não soube aproveitar. Sempre admirei muito os professores, os que são bem dedicados e tenho muita vontade de ser como alguns deles. Muitos professores são muito empenhados e dispostos para a realização de seu trabalho.

Débora, referindo-se ao magistério, enfatizou:

Muitas de nós não levaram o curso a sério. O professor chegava na sala, sentava, pedia pra gente pegar o material que ele tinha providenciado, cada um lia, fazia a pergunta, através da apostila, entregava pra nota, não tinha avaliação. Os nossos estágios também não eram vistoriados, a professora responsável não ia verificar o estágio, então, no meu caso, a gente ia fazer o estágio e pedia para a professora assinar, a professora assinava, nem sabia o que estava assinando. Muitas alunas, na verdade, não tinham muitas expectativas com o curso, não sabiam o que queriam. Acho que criticam muito os professores porque a educação pública do Brasil passa por uma fase ruim, eu diria péssima, e jogam toda a culpa nos professores, mas a culpa não é só deles, isso engloba vários fatores que se transformam num círculo vicioso, por isso nada melhora. Não depende apenas do professor, mas também dos alunos, do governo, dos diretores das escolas. Onde está realmente o problema e a solução não sei dizer.

Aquelas que já lecionavam comentaram que sua jornada de trabalho, que não era dupla, mas tripla, pois algumas também eram mães. Sentiam-se um pouco culpadas por não poder dar tanta atenção aos filhos e, durante a semana, só encontrá-los à noite, muitas vezes já adormecidos. Nos finais de semana, ficam juntos e era nesse momento que viam os cadernos, cortavam as unhas dos filhos e percebiam como o tempo passa rápido e o quanto eles estavam crescendo.

O fazer-se professora carrega as marcas da trajetória de vida da pessoa. O trabalho de rememoração de seu cotidiano realizado pelas alunas pôde lhes trazer dados importantes sobre como será sua prática docente e pode fornecer elementos para a compreensão de aspectos constitutivos de sua vida profissional. Segundo Heller (1985, p. 18), "a vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância dos tipos de atividade". Ainda segundo Heller (1985), são partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.

Marisa escolheu o magistério, pois:

Eu via nele uma chance de ter uma profissão, de me sustentar e depois realizar o curso superior. Achava que a vida de professora era mais pacífica, pois não ganhava tão mal assim (recebia mais que meu pai), mas depois eu vi que não era assim. A sociedade critica os professores porque acham que o ensino das escolas públicas é ruim, mas não acompanham os estudos de seus filhos, não ligam se eles estão motivados, se estão levando a sério os estudos. Os professores trabalham o dia inteiro e ainda levam trabalho para casa. Nos finais de semana tem os cadernos para corrigir e as aulas para preparar. Depois vêm as festas da escola e é mais trabalho. Não acaba nunca e ainda tem gente que fala que os professores têm muito descanso, mas eles não sabem o que a gente leva para casa, não sabem das coisas que a gente deixa de fazer, de sair, de passear com os filhos, é assim.

Entre as entrevistadas porque já trabalhavam há muitos anos e nem sabiam mais como seria voltar a estudar, sentar-se novamente numa

carteira e ficar ouvindo um professor, depois de um longo dia de trabalho, provocava receios, como declarou Marisa.

Outras não sabiam como acompanhariam os estudos, pois muito mudou e, mesmo querendo aprender, havia os vícios da sala de aula, as resistências às teorias que se distanciavam da sua prática.

Havia, ainda, quem achasse aquilo uma grande bobagem voltar a estudar, pois isso seria apenas "jogar dinheiro fora", a educação "estava uma bagunça neste país", além do que, disse-me Lúcia, "trabalhar o dia todo e depois estudar à noite... para quê?"

Essas narrativas possibilitaram-me perceber como a Escola Estadual Oscar Villares foi perdendo, aos poucos, prestígio na sociedade e como a população foi desacreditando nela. Fizeram-me refletir, também, sobre onde estaria vindo a "obrigatoriedade" da educação superior.

Uma delas, que não quis se identificar, comentou que a entrada no Ensino Superior significou, além da busca por uma complementação acadêmica, uma forma de se sentir mais independente para pensar sobre qual relacionamento afetivo quer para sua vida. Outras admitiram que não gostariam de viver sempre em casa, lavando e passando as roupas, cozinhando e esperando o marido chegar. Desejam uma vida mais ativa, com seu próprio salário, sem ter de, nas palavras de uma delas, "dar satisfação do que vai ou não comprar".

Uma outra questão importante é o reconhecimento social. Disseram-me que viram seus pais sempre trabalhando muito, sempre "ficando por baixo", ora porque não sabiam ler, ora pelas condições de

trabalho. Outras não querem manter aquela imagem da mulher vista como naturalmente dotada para os cuidados do outro.

Porém, há outras razões para cursar o Ensino Superior. Natália admite que só foi fazê-lo porque temia perder o emprego na escola onde trabalhava, pois havia uma pressão pela graduação que aumentava dia após dia. No entanto, sentia-se desanimada com a profissão, com os baixos salários e com seu papel. Não sabia mais quem era, nem onde estava sua autonomia. Havia muita diferença entre o que aprendera na teoria e o que, trabalhando, conheceu na prática, e isso provocava-lhe uma grande confusão, um desalento.

Luciana, no entanto, comentou que não sabia se tinha vocação para ser professora, e que não teve opções de escolha:

Na verdade eu fiz o curso porque em Mococa a gente não tinha muita opção pra poder estudar, eu tive que estudar no magistério. Na Fundação não dava porque é particular, na Industrial também era muito longe da minha casa, pois então eu fui fazer o Curso de Magistério. A minha expectativa, já que essa era a possibilidade que eu tinha, era aprender para que no futuro eu pudesse ter uma profissão e ser uma excelente professora para os meus alunos e me dedicar realmente na profissão que eu escolhi. Hoje eu estou contente com a minha escolha, mas vejo que muitos professores não se preparam e mesmo na faculdade tem muitos que não preparam as aulas, não sei... Acho que eles também estão meio perdidos. Mas têm outros que incentivam a turma e a aula é bem legal, com textos atuais e boas discussões.

Ainda é uma característica das escolhas dos cursos de formação de professores receber principalmente moças desejosas de seguir uma carreira que lhes ofereça reconhecimento profissional e que seja

compatível com o sonho de constituir uma família nos velhos moldes da mulher-mãe, permitindo-lhes conjugar profissão com vida particular e a criação de filhos - legítimas aspirações femininas (CAMPOS, 2002).

Para as moças atuais, o Ensino Superior é também uma possibilidade de aceitação social ou garantia de estabilidade econômica com um trabalho melhor remunerado.

3.2 Boa Mãe, Boa Esposa, Boa Dona de Casa?

As Formandas de 1957

O dia amanheceu ensolarado naquele sábado, 19 de dezembro de 2007. Naquele mesmo dia, há 50 anos, formava-se mais uma turma de alunas da Escola Normal de Mococa. Eu já tinha perdido um pouco as esperanças de conhecê-las, mas eis que o encontro aconteceu numa chácara, devidamente decorada.

A anfitriã, Dona Aparecida, professora primária aposentada, esperava os amigos com ansiedade, desejando que tudo corresse de tal forma que todos se sentissem à vontade e felizes pelo reencontro.

Aos poucos, eu via entrando pelo largo portão de ferro senhoras alegres, algumas acompanhadas de seus maridos, de filhos e até de netos. Estavam bem vestidas, com estilo clássico e porte elegante.

Elas me olhavam e, quando percebiam que eu não fazia parte da família de nenhuma delas, perguntavam sobre a minha presença ali. Então lhes contei minha história, minha pesquisa, meu interesse pela história da

formação de professores no Brasil. Uma delas me disse: "A pior coisa que o governo fez foi acabar com a Escola Normal, pois aquela escola deu às alunas as diretrizes, destrinchou o conhecimento, ensinou para sempre". Diferente da turma de 2004, aquelas professoras, agora já aposentadas, parecem ter tido uma outra experiência na Escola Oscar Villares. Elas conheceram a instituição no seu auge, quando havia menos alunos e menos pessoas para ensinar nas escolas.

A cada uma que chegava, era uma alegria. Olhavam-se e abraçavam-se. Sorriam. Clarice Lispector dizia que "é no abraço que as pessoas se gostam". Haviam se passado 50 anos, mas parecia que nunca tinham se separado e que aquele era o dia de sua formatura. No entanto, suas vidas haviam tomado rumos próprios. Algumas tinham se casado, outras já eram viúvas, outras se separaram, outras, ainda, foram morar muito longe, em outros estados, por causa da profissão dos maridos.

Em suas mãos, carregavam pequenos cadernos, amarelados pelo tempo, mas cuidadosamente guardados. Eram cadernos de recordações, onde, ao final de cada ano, escreviam quais suas expectativas para o recomeço. Traziam consigo também lembranças do tempo em que estudaram na Escola Normal, seus professores, as amigas, as paqueras.

Naquele dia, ouvi muitas histórias e comecei a desenhar as características sociais daquelas que se formaram numa época distante, em comparação com a última turma do Curso de Magistério de 2004. Elas sem dúvida tiveram uma educação muito diferente, estudaram numa outra escola, que não foi aquela que encerrou suas atividades em 2004.

Quem me ajudou nesse encontro foi Dona Annete, que era a mais nova da turma. Conheci-a em 2006, por acaso, numa tarde qualquer. Olhei-a e tive a certeza de que se tratava de uma ex-normalista. O jeito de falar e de observar as coisas revelaram atitudes, comportamentos, formas próprias de ser, da normalista que não vejo nas professoras de hoje. Estas têm outras formas características, como vimos acima.

Dona Annete contou-me que haveria uma reunião para comemorar os 50 anos de sua formatura, mas ressaltou que seria em 2007. Resolvi esperar pelo evento e valeu a pena esperar mais de um ano!

No dia da festa, aumentei meu contato principalmente com ela, Odete e Marina. Em 1957, não havia apenas seis alunas na classe, mas só três das que estavam no evento se predispuseram a me contar como se tornaram professoras. Os outros presentes também conversaram comigo e me deram informações importantes, mas preferiram não gravar depoimento, afinal estavam em festa, no entanto, para mim, aquela poderia ser a única chance.

Estas três senhoras, em plena comemoração, conversaram bastante sobre a sua história, sobre o que um dia foi a Escola Normal de Mococa e como elas viam as mudanças na história da educação brasileira.

Elas tinham entre 68 a 73 anos. Elas estavam orgulhosas ao falar de suas experiências como antigas e boas professoras primárias do Grupo Escolar: falavam muito bem, tem uma caligrafia impecável (que observei quando li seus cadernos de recordações), mantinham uma postura firme, sentavam-se corretamente e faziam movimentos delicados com as mãos. Suas mãos não são "apavoradas" como as de algumas alunas da turma que

se formou em 2004. Quando elas falavam, pareciam seguir o ritmo da conversa, só que vagarosamente, como se estivessem flutuando no ar. Nos dedos, usavam a aliança de casamento e geralmente um outro anel, com brilho. As unhas eram bem feitas, pintadas com cores muito claras e de forma arredondada. No pescoço, uma gargantilha ou um colar. São vaidosas. Claro que o primeiro fator a considerar é que estas ex-professoras são velhas senhoras com bem mais de 60 anos e só isso traz uma enorme diferença no comportamento, o que me impede de fazer qualquer comparação direta das duas turmas. O que é possível fazer é um exercício de pensamento e imaginação sobre os dois grupos. O uso correto da linguagem e a elegância dos movimentos, dos gestos é como mostra Bourdieu (1990), uma questão de *habitus*, se desenvolve ao longo da vida na família, na escola, no interior do grupo social ao qual pertence o indivíduo. O próprio fato de se reunir para comemorar o cinquentenário de formatura expressa uma prática própria dos grupos sociais, cuja escola realizou um longo e profundo processo de distinção dos demais.

Passo a apresentar as três normalistas...

Dona Odete

As formandas de 1957 eram filhas de pessoas que vieram para Mococa no início do século passado, em busca de trabalho e oportunidades, filhos de imigrantes, alguns deles, e outras de distintas regiões do país. O pai de Dona Odete era libanês e veio como projeto de estabelecer-se no comércio, montou um armazém de secos e molhados na cidade. Ela contou que ele nunca frequentou uma escola, mas que começou

a conhecer as letras, depois juntá-las e, depois de algum tempo, já "acompanhava" os jornais escritos. Seu pai era preocupado com a educação dos filhos e tratou essa questão como uma prioridade. Aliás, isso foi uma unanimidade nas conversas que tivemos: era importante instruir os filhos. Sua mãe era dona de casa e só sabia assinar o nome, mas havia outros valores, aprendidos com a vida, no convívio com os outros e pelos inúmeros lugares por onde passaram até chegar em Mococa.

Dona Odete estudou na Escola Normal e depois foi cursar História, na USP, em São Paulo. Contou-me que nos idos de 1961, começou a trabalhar no Ginásio Estadual Vocacional "Oswaldo Aranha", em São Paulo, o que foi uma realização para sua carreira de professora.

Tratava-se de uma escola planejada, com salas ambiente e tinha cinco unidades no estado (São Paulo, Americana, Rio Claro, Batatais e Barretos), que, segundo ela, planejavam as atividades e priorizavam a avaliação. "Esta era a escola em que eu gostaria de trabalhar, antes mesmo de conhecê-la", disse-me, feliz, com olhos brilhando e sorriso aberto. "Só que, com a ditadura no Brasil, as coisas foram se desfazendo e a escola começou a ser tratada como subversiva". Aí ela continuou como professora em outras escolas, principalmente na região litorânea de São Paulo, mas numa outra realidade. Segundo ela, "cada reforma que existia na educação era um retrocesso".

Ela tem três filhos, todos com formação superior. Também adora ler, mas foi incisiva quando me falou que detesta a revista *Veja*. Conhece vários países na Europa e na América Latina. Também me disse que teve

uma formação católica, mas viveu muitas crises com a Igreja, e que para ela Jesus Cristo é uma figura ímpar.

Dona Odete se emocionou enquanto conversávamos, ao lembrar-se dos pais e de sua experiência positiva em educação, do legado que sua família lhe deixou e do legado deixado pelo Vocacional. Ela criticou muito o ensino no país:

Hoje as professoras não sabem dar aula e o Estado não ajuda. As reformas vão e vem, e as coisas não mudam. Não adianta investir num superior que não qualifica, mas que cria o técnico. O educador tem que ser mais, ele tem que ser um intelectual.

No último dia de aula, Dona Odete escreveu o seguinte no caderno de recordações de Dona Marina:

Marina, o silêncio perpassa pela sala, estamos na aula do Mário e no último dia de aula. Estamos alegres, estamos tristes, estamos cheios de vida e cheios da vida, mas há bastante razão para tal. Muitas vezes a vida se apresenta como este último dia de aula: confusa, barulhenta, com sentimentos embaralhados e emoções variadas. Marina, a confusão é tamanha que o meu espírito está também confuso. Não sei o que escrever, apenas uma coisa não posso deixar de dizer: seja feliz, bem feliz e, quando quiser lembrar-se dos seus momentos felizes, lembre-se destes que, na sala de aula, tínhamos a todo instante. Felicidade, amor e alegria.
Sua amiga e colega Odete.
Mococa, 13 de novembro de 1957.

Essa primeira conversa me faz pensar no que aproxima e no que diferencia essa estudante de 1957, filha de pais analfabetos, e as estudantes de 2004 também filhas de pais semi-analfabetos. Por que esta

conseguiu chegar ao Curso Superior na USP, quando o vestibular dos anos de 1960 deixava milhares de alunos de fora como excedentes? Onde se ancora enfim a diferença cultural?

Os dados dessa conversa não me permitem entender como Dona Odete chegou à Escola Normal. Um outro ponto, contudo, pode ser levantado para compreensão da continuidade dos estudos por parte de Dona Odete. Ela foi professora de um Ginásio Vocacional e por tudo o que se sabe dessas unidades escolares nos anos de 1960, eram verdadeiros laboratórios de ensino e seus docentes, contratados em tempo integral eram a *jóia da coroa* da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Dos Vocacionais saíram importantes professores universitários, pesquisadores e dirigentes do sistema de ensino paulista. Apenas este dado da história de Dona Odete me permite pensar que as condições de trabalho na escola configuram-se em importante fator de formação profissional dos professores.

Dona Marina

Foi assim que Dona Marina se apresentou para mim: "sou Marina Teresa Cassimiro de Paula Souza". Ela também se formou em 1957 e ficou um bom tempo observando o *banner* com a foto da turma logo na entrada da festa. Algumas vezes apontava para uma ou outra pessoa e contava uma história. Divertia-se e depois voltava a olhar... Era como se ela quisesse retomar algum momento que, por descuido, tenha se perdido. Quando questionada sobre como era na época em que lecionava, respondeu-me com firmeza e orgulho: "eu sempre fui brava, eu sempre fui uma professora

assim, comigo não tinha que ter uma ponta do caderno virada, nada, era a professora de antigamente”.

Ela acabou o Curso Normal e foi trabalhar na Escola Profissional Coronel Francisco Garcia, de Mococa, até 1964. Depois ingressou numa escola mista da Fazenda Três Pontes, em Castilho, que era divisa com Três Lagoas, no Mato Grosso. Contou-me que:

Naquele tempo, era muito difícil você ingressar, por exemplo, num Grupo Escolar. Naquele tempo a gente falava Grupo Escolar, você está entendendo uma escola da cidade. Era muito, muito difícil, não havia vaga então não havia vaga, então a gente tinha que optar, você tinha que ir para as escolas rurais era... era assim quase que, você tinha que ir para a escola rural, tanto é que, quando eu me formei, assim que eu me formei pra professora, eu fui também substituta, na escola rural, na zona rural. Era uma passagem quase que obrigatória, você fazia você se inscrevia, por exemplo, como substituta num Grupo Escolar e também fazia uma inscrição pra substituir na zona rural, e normalmente a gente ia para a zona rural, terminava a zona rural e você voltava pro grupo.

Este tempo na escola rural, segundo Dona Marina, contava pontos para o ingresso no Grupo Escolar. Naquela época, quando ainda não existiam os concursos, as professoras que trabalhavam nos Grupos Escolares ingressavam neles por meio destes pontos acumulados nas escolas rurais e na educação de adultos.

Seu pai trabalhava na roça. Segundo ela, ele “negociava”. Sua mãe era dona de casa e não sabia ler nem rótulo de garrafa, mas ela sempre teve um propósito: estudar os filhos:

Eu era pequeninha, pequeninha, tinha os meus seis, sete anos, eu punha os tijolos assim, e dava aula pros tijolos, eu sempre quis ser professora, sempre, sempre, sempre, a vida inteirinha, eu nunca brinquei com boneca, adorava dar aula, eu queria ser professora e minha mãe foi uma pessoa, assim, especial, tanto é que, você viu, eu não consegui fazer a minha mãe ir lá na festa, mas minha mãe teve um problema na coluna e a perna não estava flexionando, então ela não pôde ir, mas ela 'tava' bem, tem uma memória dez vezes melhor, do ginásio tudo o que você pensar minha mãe conta, você está entendendo? E sem contar pra você, na época que eu estudei, a discriminação que nós sentíamos por freqüentar o Oscar Villares, porque a Escola Industrial era freqüentada pelos filhos das lavadeiras se você estudar isso em história da educação, isso tudo, você vai ver que no ano de 1950, que foi o estouro das escolas Industriais, as escolas Industriais foram 38, 39, 40, elas foram criadas justamente pra suportar as pessoas pobres porque os institutos de educação, essas coisas da época, Escola Normal, aliás, de Casa Branca, de Mococa, era somente para 'os caras' que tinham dinheiro, e nós éramos muito discriminadas, muito tanto é que, no meu último ano de normal nós não falamos lá, nós tínhamos a nossa ala do cortiço e a ala da elite, porque tinha isso, você está entendendo?

Quando questionada sobre sua formação na Escola Normal de Mococa, ela foi mais crítica do que Dona Odete e Dona Annete, pois disse que a escola não lhe deu uma formação capaz de suprir as dificuldades que ela teve "lá fora":

Nós tivemos uma formação assim, muito acadêmica, e também tivemos uma formação de prática, então, o que acontecia conosco, nós tínhamos a parte acadêmica e tínhamos a parte prática, então tudo aquilo que a gente via aqui, imediatamente era colocado ali. A professora de prática exigia que você desse aula, nós tínhamos estágio, nós tínhamos que analisar, por exemplo, naquela época, a alfabetização era a cartilha, nós tínhamos que analisar a cartilha pra ver se ela correspondia, se ia dar certo, se não ia, você está entendendo? quer dizer, método, todos os tipos de métodos, a gente tinha que analisar e tudo mais. Eu era muito criança, não tinha nada na minha casa,

nós não tínhamos nem rádio, nada, nada, nada. O meu pai não tinha formação nenhuma, minha mãe não tinha, então não tinha essa conversa que hoje eu converso com meus netos, por exemplo, Fuvest, Unesp, o quanto 'ta' entrando, quantos são por um, você está entendendo? Isso tudo eu estou muito por dentro, eu estou muito ligada nisso, então, não havia isso dentro da minha casa, então eu acho que, na época, eu decorava muito, era um ensino meio "decoreba", você está entendendo? Eu decorava muito. Eu acho que não tinha a maturidade suficiente você está entendendo? mas nem por isso, eu precisava vencer na vida e tinha que trabalhar.

Além disso, também criticou muito os professores de hoje e, de certa forma, o fim do Curso Normal:

O professor hoje não quer nada, o que aconteceu que acabou com a Escola Normal? Acabou com a Escola Normal, pegou esse aluno que saiu do Colegial aí e jogou direto para a faculdade, 'você vai fazer Pedagogia'. Esse aluno não tem noção de Psicologia, não tem noção de Sociologia, não tem noção de História da Educação, não tem noção de nada. Chegou lá, ele "boiou" três anos, o que é isso! Nós tínhamos três anos de Escola Normal, nós tínhamos Biologia, Sociologia, Filosofia, Português, Matemática, Desenho pra você chegar na classe e você desenhar, desenhar o número, como você começa a numeração, número um, dois, o 'A', tudo. Dona. Bia deu tudo isso, eu pinto graças a essa mulher, na época, nós fazíamos isso, você está entendendo? então acabou a Escola Normal, acabou, e esse aluno foi jogado numa faculdade que só tem é universitário, ele não conhece o próprio professor, não conhece, não conhece esse buraco que ficou, esse buraco negro que ficou, você está entendendo?

Dona Marina é bem fluente. Ela foi supervisora de ensino e fez uma observação sobre esse cargo que, durante tantos anos, desempenhou:

A supervisão para mim foi uma coisa horrível, eu morri de tristeza porque na supervisão ele não é ele, não tem autonomia, ele não tem competência, o supervisor, ele dá recado, só, ele é o

que manda recado do dirigente para a escola, ele é um homem de recado, então ele é aquele correio sem selo, você está entendendo? Então nós não tínhamos e não tem até hoje, o supervisor não tem autonomia, ele não tem competência de falar isso daqui vai ser assim e você vai, não ele tem que ir lá no dirigente, o diretor tem que requerer, ele dá a opinião dele, ele opina, mas ele não bate o martelo, quem bate o martelo é o delegado de ensino, na minha época era o delegado, hoje é o dirigente, entendeu? Então foi uma experiência frustrante, e me arrependo até hoje de também ter me aposentado.

Dona Marina filha de família da roça, de pais analfabetos ingressou no magistério por uma escola rural e fez carreira burocrática chegando a supervisora de ensino o que permite saber que cursou pedagogia em alguma faculdade, possivelmente com já alguns anos de magistério. Suas críticas à educação e a escolarização pública são substancialmente diferentes daquelas feitas por sua colega Dona Odette. Para esta o problema é que os professores deixaram de ser intelectuais e se tornaram técnicos. Enquanto para Dona Marina o problema é da burocracia e da forma como se exerce o poder no sistema educacional.

Ela revela o seu grupo social quando expõe a discriminação que sofreu na Escola Normal, por ser pobre e proveniente de escola técnica.

Dona Marina escapa à imagem idealizada da ex-normalista, cumprida por Dona Odette. Ela se encaixa mais na imagem de nossas atuais supervisoras de ensino, carregadas de frustração e de mágoa, para quem o trabalho foi um fator de infelicidade..... Entretanto, ao freqüentar as festas de comemoração de formatura, de referir-se contraditoriamente ao quanto a sua escola era melhor do que a de hoje,

mesmo com toda a violência da discriminação, ajuda a alimentar a imagem idealizada da Escola Normal de ontem.

Dona Annete

Dona Annete tem uma história ainda mais diferente. Ela vinha de uma família de posses. Contou-me que estudou num colégio particular em Campinas e, depois, sua família veio para Mococa, mas sua mãe fazia questão de ressaltar que sua filha estava estudando na Escola Normal, porém não iria ser professora. Afinal, ela não precisava disso.

Ao contrário do que sua mãe dizia, ela aposentou-se como professora. Assim como Dona Marina, também lecionou nas escolas rurais e, depois de algum tempo, veio para o Grupo Escolar. Contou-me que, mesmo grávida, sempre continuou a trabalhar, e teve a sorte de seu marido acompanhá-la ou mesmo quando isso era impossível, ia visitá-la nas escolas das fazendas onde trabalhava ou nas de São Paulo. Seus cinco filhos nasceram assim: cada um conheceu um lugar diferente, viajando na barriga de sua mãe, ora sobre o lombo de um cavalo, ora de carro, ora de ônibus.

Nascida numa família tradicional de imigrantes franceses, Dona Annete, que toca piano, domina várias línguas e já viajou pelo Brasil e pelo exterior. Dotada de um bom humor contagiante, falou-me que está muito decepcionada com a educação e que a escola Oscar Villares, em sua visão, ficou abandonada. Para ela:

Seria muito bom se tivéssemos todos a oportunidade de cursar uma faculdade, mas depende também do tipo de curso que será

feito. Não adianta o diploma superior sem uma formação que não seja bem abrangente. Lecionar não é receita de bolo, é preciso estudar.

A educação cuidada recebida por Dona Anette está registrada na educação musical - toca piano - no conhecimento de línguas - e possivelmente, o que não está diretamente expresso, mas se pode supor, na educação dos pais que seguramente não eram analfabetos. O que me parece interessante destacar no caso de Dona Anette é a semelhança de trajetória com Dona Marina, pois, ambas começaram, no lombo de burro dando aulas em escolas rurais, com todas as dificuldades que tal início de carreira significa para mulheres que também estavam começando a constituir suas famílias. Todavia, o olhar de cada uma para esse tempo e essa experiência é muito distinto. Enquanto, Dona Marina traduz amargura e ressentimento, Dona Anette expressa leveza sublinhando a sorte de seu marido poder acompanhá-la ou visitá-la nas escolas em que trabalhava.

Anete, Marina e Odete são representantes de seu tempo e diferem muito daquelas que há poucos anos saíram do Curso de Magistério.

O que essas ex-normalistas afirmaram e o que revelaram nas conversas informais durante a festa, não são verdades, mas visões. São as formas construídas e reconstruídas de suas lembranças apresentadas em um dia especial de comemoração. A quantidade de tinta usada no desenho de um tempo ou de uma vida está associada ao clima festivo, à imagem que cada uma foi capaz de construir de si mesma e de seus lugares de viver.

Se quiséssemos comparar algo entre os dois grupos de professoras, as formadas em 1957 e as formadas em 2004, poderíamos dizer que das primeiras extraímos uma imagem positiva da Escola Normal que as formou e também positiva da escola onde tiveram sua atuação profissional, mesmo que com algumas críticas, aí destacada a questão da burocratização do sistema de ensino. Nas idéias expressas pelas formandas de 2004 se pode encontrar apreensão, insegurança e talvez alguma falta de confiança no sistema de ensino atual. Menos crítica e mais desesperança.

A diferença entre os dois grupos não está apenas no que aprenderam na Escola Normal, mas naquilo que durante a infância e ao longo da vida foram conhecendo e se apropriando. As formadas de 1957 passaram pela experiência em várias escolas, os métodos de ensino, as mudanças na legislação do país, as tantas reformas empreendidas e raramente efetivadas e sobreviveram como profissionais com reconhecimento familiar e social além de pessoal. As de 2004 ainda dependem de se construírem profissionais.

As de 1957, assim como seus pais, cuidaram para que seus filhos estudassem. Todos eles são formados, tem nível superior. Alguns não moram no Brasil e, assim como elas, foram aprendendo aquilo que a escola às vezes não ensina. Aprenderam a gostar de cinema, leram bons livros, conheceram muitos lugares. Quiçá esse tenha sido também uma das metas que se propuseram essas professoras – Boas mães, boas esposas e boas donas de casa.

3.3 Futuras Professoras: de Normalistas a Pedagogas

Considerando as informações obtidas com as alunas que responderam ao questionário, discuto, nesta parte, a transição da formação de professores do Curso de Magistério para os cursos Normal Superior e Pedagogia.

O final do século XX, especificamente as duas últimas décadas, presenciou o aprofundamento dos debates sobre a formação dos professores, no momento em que se operava forte expansão do ensino superior. Tal expansão se deu principalmente pela abertura de faculdades particulares isoladas²⁶, com cujas organizações, o governo procurou resolver a demanda de formação superior de um grande número de professores para atender à prioridades de universalização do Ensino Fundamental (KUENZER, 1999).

A expansão acelerada, potencializada pela demanda reprimida, pelo limitado número de vagas no Ensino Superior público ocasionou o surgimento de muitos cursos de baixo custo, que enfatizam o caráter técnico e instrumental da formação de professores, ensinando a resolver situações do dia-a-dia, sem uma discussão aprofundada de questões mais amplas e teóricas, sem qualquer relação com a pesquisa e a produção de conhecimentos (FREITAS, 1999).

²⁶ No ano de 1964, 70% das vagas do ensino superior eram oferecidas pelo setor público e apenas 30% pelo setor privado. No início do século XXI, esses percentuais praticamente se inverteram, e o setor privado registrou, apenas nos sete últimos anos, um aumento de cerca de 60%.

Segundo Kuenzer (1999) é necessário esclarecer que a transferência da formação de professores do espaço universitário e o fato da pesquisa não ser obrigatória nessas novas faculdades, são questões que vem estabelecendo um tipo de formação aligeirada tanto no que se refere aos conteúdos, quanto ao tempo oferecido para o amadurecimento de estudos e leituras e dos próprios candidatos a professores.

O investimento na docência leva muito tempo, demanda estudos, paciência, dedicação, boa formação e ao bom professor não é suficiente apenas conhecer os conteúdos de sua área, mas os procedimentos metodológicos, assim como é importante também relacioná-los nas diversas situações educativas. Para Severino apud Freitas (2006, p. 70):

A vida docente é configurada por meio das dimensões sociais, produtivas e simbólicas. A dimensão produtiva relaciona-se com o domínio da produção técnica, o trabalho. A dimensão social ocorre por meio da ação política e da participação social. A dimensão simbólica acontece por meio da cultura simbólica. Para ele, a atuação do professor é fundamentalmente baseada na dimensão simbólica, porque as ferramentas de que dispõe em sua atuação são simbólicas e seu instrumento é o conhecimento.

Com a Constituição Brasileira de 1988, entrou em debate uma nova LDB da Educação Nacional e com ela passaram a ser discutidos e revistos todos os cursos superiores inclusive a formação dos pedagogos²⁷. Estes

²⁷ Em 1939, quando foi criado, o Curso de Pedagogia tinha a finalidade de formar bacharéis e licenciados em educação. Nessa época, os professores do que era chamado pré-primário e primário formavam-se no Curso Normal e aqueles que lecionavam no

debates aconteceram no Ministério da Educação, no Congresso Nacional, no CNE, mas especialmente era o debate presente nas associações científicas e nos congressos da área de educação. A Iª Conferência Brasileira de Educação, realizada em São Paulo, promoveu a abertura dos acalorados debates sobre as licenciaturas e o Curso de Pedagogia (Libâneo e Pimenta, 1999 b). A maioria dos educadores defendia a formação de professores para todos os níveis, em universidades, entretanto, o movimento dos educadores foi derrotado nesta questão e a Nova LDB aprovada previa a existência dos Institutos Superiores de Educação e do Curso Normal Superior. Estava assim formalizada a criação de instituições paralelas à universidade para a formação de professores.

A elaboração das diretrizes do Curso de Pedagogia começou a se fortalecer principalmente a partir de 1998, com o Documento das Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia e seu encaminhamento ao CNE, em maio de 1999.

Neste momento a Secretaria do Ensino Superior (SESU) e a Secretaria do Ensino Fundamental, do Ministério da Educação estavam resistindo em enviá-las ao CNE, na tentativa de construir as diretrizes para o Curso Normal Superior, que também não tinha diretrizes próprias (AGUIAR et al, 2006).

Embora a nova lei previsse os Institutos Superiores de Educação e o Curso Normal Superior, os educadores continuavam discutindo e apostando que as universidades continuariam sendo os lugares privilegiados para a formação dos professores. Entretanto um decreto do

ginásio e no colegial eram formados nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. (LIBÂNEO E PIMENTA, 1999 b).

Ministro da Educação mostrou que a discussão ainda não estava encerrada.

De acordo com Aguiar et al (2006):

(...) em dezembro de 1999, é desencadeada uma ampla mobilização nacional contra o Decreto n. 3.276/99, que estabeleceu a exclusividade dos cursos normais superiores para a formação dos professores para esses níveis de ensino. O conteúdo desse decreto, em razão de pressão das universidades e entidades dos educadores com relação ao governo federal, foi alterado em 2000 mediante o Decreto n. 3.554, que substituiu o termo *preferencialmente* no lugar do *exclusivamente*.

Em 2000, o então Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, em entrevista, disse:

Devemos levar em consideração que há um conservadorismo na área de formação de professores. Quando eu lancei a idéia de que a formação de professores de 1ª a 4ª série se daria em Curso Normal Superior (uma modalidade nova de curso superior prevista pela Lei de Diretrizes e Bases), houve uma reação muito grande das faculdades. Tivemos que fazer uma concessão tirando a palavra 'exclusividade' do decreto que estabelecia que a formação desses profissionais se daria apenas nesses cursos por pressão (*Folha de São Paulo*, 29/11/2000).

Maria Inês Laranjeira²⁸ (*Folha de São Paulo*, 2000) escreveu que a partir do ano 2007, quem quisesse ser professora deveria, obrigatoriamente, ter um curso superior e que não haveria alterações para professores que já estivessem lecionando e esta mudança promoveria uma melhor formação.

²⁸ Maria Inês Laranjeira foi coordenadora da formação de professores na Secretaria de Educação Superior do MEC de 1996 até 2004.

Essa discussão sobre a formação de professores teve ampla repercussão, deslocou-se do CNE e chegou aos grupos privatistas, às associações docentes e científicas e às universidades públicas. Por isso, os processos de "transformação" dos Cursos de Pedagogia em Curso Normal Superior - resolução nº 133/2001, foram seguidos pela proposta de (re)transformação dos Cursos Normais Superiores em Cursos de Pedagogia.

Ainda sobre a criação do Curso Normal Superior, o Jornal *Folha de São Paulo* (12/08/2001) publicou:

Os debates se deram com a criação dos Institutos Normais Superiores, determinada pelo MEC, uma espécie de reedição do antigo magistério em nível superior. Com isso cogitou-se que os cursos de Pedagogia não formariam mais professores.

O mesmo jornal, em (31/07/2003), noticiou que, desde 2000, o número de cursos normais superiores cresceu e que, naquele ano, havia apenas 110 cursos no país. O censo realizado pelo Ministério da Educação em 2001, indicou a existência de 306 cursos. Passados dois anos, ou seja, em 2003, havia 668 cursos normais superiores.

A expansão do Curso Normal Superior nos Institutos Superiores de Educação (ISE) trouxe novos receios, pois a proliferação dos cursos superiores, especialmente em instituições privadas, em prédios adaptados, sem biblioteca, sem laboratórios e com corpo docente improvisado, ameaçava não alcançar sequer a qualidade equivalente a de nível médio das velhas escolas normais.

Muitas das críticas ao Curso Normal Superior giraram em torno do fato de que a ele foi atribuída a docência como uma metodologia, ou seja,

como uma maneira de proceder no ato de ensinar, provocando um esvaziamento teórico na formação. A educação vai além da sala de aula, e os processos educativos acontecem também no cotidiano, com os meios de comunicação e na família. Por isso, aperfeiçoar cada vez mais a formação de professores demanda coragem e inventividade para a construção de projetos educacionais que são cada vez mais urgentes para a qualidade na educação do país (LIBÂNEO E PIMENTA, 1999b).

A mudança na LDB foi a culminância de um processo de extensão da escolarização de toda a população brasileira. A formação docente não seria diferente. A maioria dos cursos técnicos transformou-se em curso superior, nos últimos anos. São muitos os cursos de tecnólogos, um grau intermediário, entre o médio e o superior pleno. Uma graduação curta. Mas, para o caso da formação docente, essas transformações foram precedidas por um longo processo de desvalorização profissional, expresso por baixos salários e péssimas condições de trabalho.

Com todo o debate e as mudanças não esclarecidas para as estudantes que se preparavam para iniciar sua carreira, a imagem da profissão foi se modificando. A vida profissional dessas moças passou a ser conduzida por um vazio, uma falta de referência profissional, uma incerteza de seu lugar social. A constituição de sua imagem oscilou e oscila, ora pela da normalista de prestígio, referência ética e moral, ora pela da professora desqualificada e extenuada de olhar vazio, quase sem horizonte.

A criação, na LDB, das novas modalidades de cursos de formação - Institutos Superiores de Educação (ISE) e o Curso Normal Superior - pretendeu atender ao objetivo de diversificação das Instituições de

Ensino Superior (IES), imposto pelos organismos financiadores internacionais imposto a diferentes países dependentes de financiamentos, visando reduzir os altos custos com a formação desenvolvida em instituições universitárias voltadas para investigação e a pesquisa, e a partilhar a ampliação da oferta de ensino superior com instituições privadas, tornando mais ágil, prática e eficiente a formação dos quadros do magistério.

Realizava-se assim uma adequação da oferta de educação aos mecanismos de mercado da sociedade capitalista. A questão da educação deixava de ser tratada como um direito da população e um dever do estado para converter-se em um serviço diferenciado pelos distintos segmentos de mercado.

Basicamente o que caracterizava os cursos de formação docente oferecido fora das universidades era a eliminação da pesquisa como base da formação, a exigência de menores níveis de formação para os professores e um volume menor de horas nesses novos cursos de formação superior comparados com as licenciaturas e Pedagogia oferecidas nas universidades.

Tem-se aí uma política de extensão da escolarização encobrindo um rebaixamento da qualidade dos cursos ofertados aos futuros docentes. Tais medidas só podiam gerar fortes reações nos meios educacionais.

No entanto, se por um lado houve uma expansão das faculdades particulares e isoladas, por outro, no estado de São Paulo, muitos docentes ligados às universidades públicas consideravam que a exigência da formação exclusivamente no Curso Normal Superior para os

professores do Ensino Fundamental e da Educação Infantil era uma atitude autoritária e desrespeitosa com a história das Faculdades de Educação, além do que feria os direitos garantidos às universidades pelo artigo 207 da Constituição que prevê sua autonomia. Além disso, o cancelamento ou descredenciamento de um curso para tal formação, como por exemplo, o de Pedagogia, só poderia ser feito caso fosse comprovada sua má qualidade.

Sobre estas discussões a *Folha de São Paulo*, publicou:

É um ato autoritário porque o presidente desconsiderou a análise da matéria concernente à formação de profissionais da educação infantil e do ensino fundamental que estava sendo realizada pelo Conselho Nacional de Educação (...) O decreto 3.276/99 atropelada as discussões sobre as novas diretrizes curriculares que deverão nortear os cursos de graduação, em especial o de Pedagogia. Desarticula encaminhamentos que estão sendo feitos a partir da LDB. Antecipa-se a eventuais resultados de avaliação da situação existente no país. Ignora movimento se efetuados por entidades de ensino superior e associações nacionais. Por que este ato? Que interesses imperiosos estariam em jogo a ponto de não esperar as decisões de um órgão governamental incumbido de opinar sobre as questões educacionais? (*Folha de São Paulo*, 05/02/2002).

Essas discussões sobre a formação de profissionais de Educação Infantil e Ensino Fundamental I ganharam ainda mais vigor por interpretações, muitas vezes distorcidas, da LDB nº 9394/96 que, no seu artigo 87, § 4º, propõe que até o final da "década da educação" (1997-2007) somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados em serviço (KISHIMOTO, 1999).

A partir de 2007, os docentes das quatro primeiras séries escolares serão obrigados por lei, a ter diploma de ensino

superior. Por enquanto, basta o certificado do curso normal, que corresponde ao ensino médio. A grande maioria ainda precisa se enquadrar na nova regra, estabelecida em 1996 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB 9394). Na rede pública, cerca de dois terços dos oitocentos mil professores de ensino fundamental não tem o superior completo, segundo o Ministério da Educação e Cultura (*Folha de São Paulo*, 27/08/2002).

Esse tipo de informação veiculada pelos jornais de grande circulação no país demonstram que as políticas educacionais estavam voltadas para a idéia de que era para o ensino superior que deveriam encaminhar-se as futuras professoras.

Entretanto, o Ministro da Educação, Cristovam Buarque aprovou, no dia 30 de julho de 2003 o Parecer do CNE que dispensou 733 mil professores de obter diploma universitário para trabalhar na rede de ensino para a Educação Infantil e as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental.

O Parecer (CNE/CEB03/2003) reconhecia a existência de uma contradição em dois artigos da LDB de 1996. O primeiro (artigo 62) dispõe que os professores da Educação Infantil e da primeira etapa do fundamental precisavam apenas do Curso Normal (antigo magistério). O segundo (artigo 87, inciso IV, parágrafo 4º) diz que somente seriam admitidos professores com diploma de graduação (*Folha de São Paulo*, 01/08/2003).

Assim, a "década da educação", que deveria ser a década de valorização dos profissionais da educação e de avanço dos direitos de todos à educação, acabou por ser marcada por uma série de lutas e

desencontros entre os diferentes grupos políticos que atuam nesse campo.

As alunas que se formaram na Escola Estadual Oscar Villares viveram esse momento e revelaram o significado dessa história para a sua formação profissional. Suas expectativas com relação à docência foram abaladas e elas foram tomadas de apreensão e insegurança. Elas não se sentiam capazes de acompanhar as discussões que vinham acontecendo sobre a transição do Ensino Médio para o Superior, mas ouviam os ecos. Depositaram, então, suas esperanças de uma formação profissional na nova etapa, o ensino superior.

Ao conversar com elas percebi que não sabiam muito bem o que havia acontecido com o Curso de Magistério e que não entenderam porque ele havia acabado. Quando estavam cursando o último ano, a escola as informou, de maneira muito vaga, que havia uma exigência legal para realizarem o curso superior e quem não fizesse, até o ano de 2007, quando terminaria a "década da educação", não poderia exercer a profissão.

Quando perguntei sobre como ficou sabendo que o curso acabaria, Débora, formada em 2004, contou-me: "Ficamos sabendo por cochicho dos outros, de fora da escola, e no meio do ano, um professor avisou que ia acabar o magistério". Outra aluna, Natália ressalta:

A gente ficou sabendo assim no meio do segundo ano e foi uma coisa assim de vai não vai, vai não vai, a gente não acreditava muito. Ah, a gente não tava muito ligado nisso. Tipo, sempre tinha um ou outro professor dando alerta, vocês tem que aproveitar porque é a última turma, mas nunca ninguém sentou,

conversou com a gente assim, olha responsabilidade de vocês como turma é essa, essa, essa.

O que é possível destacar com as observações de Débora e Natália é que estas alunas, que deveriam conhecer legislação educacional pelo fato de estudarem num curso que forma professores, não sabiam que esta mudança fazia parte de uma discussão de algumas décadas.

Então a pergunta que se faz é: como estas moças poderiam estar tão distantes de sua realidade educacional? Como poderiam desconhecer as políticas públicas de formação de professores e o processo de ampliação da formação docente no ensino superior?

E ainda: qual era a leitura que estas moças faziam de si, de sua profissão? Aqui cabe pensar nas trajetórias escolares e familiares e nas possibilidades que estas trajetórias lhes asseguravam.

No questionário aplicado havia algumas perguntas relativas às condições de acesso cultural das alunas e das famílias. Foi perguntado especialmente sobre leitura e viagens. O resultado mostrou que elas lêem pouco, embora tenham afirmado o gosto pela leitura. Afirmaram também que gostavam muito de viajar, mas não o faziam, ora por falta de tempo, ora por questões financeiras. Sua rotina é trabalho, família e escola. A diversão, o lazer, as leituras específicas são secundários.

Essa realidade é diferente das alunas de 1957, que tiveram uma outra formação na Escola Normal e no Ensino Superior, além de outras oportunidades profissionais. Estas professoras aposentadas, ao contrário das futuras professoras, conhecem muito bem as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e não foram surpreendidas, pois acompanham

as mudanças na educação. Comentaram que esta já era uma iniciativa conhecida. E que não entendiam porque os educadores criticavam tanto o Ensino Superior, uma vez que era um grau a mais na formação da futura professora. A leitura que elas fazem sobre esse assunto está de acordo com a visão da escola e da universidade de seu tempo.

Um exemplo interessante é que Nova Escola foi citada como uma das revistas que as 75 alunas entrevistadas jovens mais gostavam de ler. Elas se apropriavam dos artigos desta revista para fazer seus trabalhos escolares, além de, em muitos momentos, utilizarem este material como "receita" na sala de aula. A forma instrumental como se dá a leitura neste caso expressa a educação escolar que elas receberam.

A professora que pesquisa em livros, artigos e prepara as aulas é então substituída por um novo tipo, que aceita a fórmula pronta, única forma de estudar a que foram encaminhadas na escolarização que tiveram, fórmula própria das faculdades distanciadas da pesquisa. Resultado ainda da docência realizada em várias escolas e em jornadas de 40 ou mais horas de sala de aula.

Quando conversava sobre o fim do Curso de Magistério, percebi que ele não tinha nenhum valor especial para elas, não significava nenhuma perda. Fiquei perguntando por que não via qualquer nostalgia naquelas meninas. Débora diz:

O Normal Superior não pegou por que geralmente as pessoas pensam assim, ah, que o Normal Superior é a mesma coisa que o magistério (...) Pedagogia vai ser um pedagogo, vai ter mais habilitação, já é um nome forte, né? (...) Pedagogia é um nome concorrente, onde vou trabalhar, onde vou levar meu currículo,

não vão querer pegar um Normal Superior, mas sim um pedagogo.

Luciana, por sua vez, comenta:

Olha, a gente aceitou como justificativa que tava dando muita despesa, então o retorno, porque a intenção da escola é colocar o aluno estudando para ser professor, pra não faltar professor, só que na medida em que o aluno entra, mas não vira não se torna professor, começa daí gasto indevido, então assim, a gente chegou à conclusão de conversar e falar acabou porque tava dando uma despesa sem retorno para o governo. A maioria das alunas que estavam lá terminavam o curso e iam trabalhar em loja, né, buscava outros caminhos, não ia para o magistério, não ia dar aula.

Segundo Silvia²⁹, espalhou-se pela escola a notícia de que quem fizesse o Curso de Magistério “não poderia mais dar aula”, mas somente quem concluísse o nível superior (Curso Normal Superior ou Curso de Pedagogia³⁰) Conscientes da necessidade de concluir um curso superior, começaram a freqüentar uma faculdade particular³¹, com o intuito de

²⁹ Silvia foi uma das alunas que se formou no curso de magistério em 2004. Ela é uma aluna dedicada, participa das aulas, faz inferências coerentes, mas ainda não trabalha como professora. Ela vende flores.

³⁰ Artigo 62 da lei de Diretrizes da Educação Nacional publicada no ano de 1996, a saber: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal” (BRANDÃO, 2005, p. 136). O art. 62 gerou e tem gerado muitas polêmicas e sua interpretação tem sido um pouco confusa, pois ele não exige que o professor que não tenha o ensino superior precise realizá-lo. No entanto, na Escola Normal de Mococa, não foi essa a interpretação difundida. Procurei relacioná-lo às histórias de vida de alunas que freqüentaram o curso de magistério e que o interpretaram de uma outra maneira.

³¹ Segundo Freitas (2003, p. 86), “quando observamos a expansão do ensino superior no Brasil de 1960 a 2002, ou seja, nos últimos 40 anos percebemos que houve uma expansão

cursar Pedagogia. Porém, puderam inscrever-se no Curso Normal Superior, que foi proposto como "o substituto", da Escola Normal e do Curso de Pedagogia.

Inseguras com as mudanças ocorridas nessa alteração de nomenclatura e habilitação, as alunas aqui estudadas comentaram que, depois do encerramento do Curso de Magistério, não imaginavam que passariam novamente por uma crise em sua formação, pois estavam no ensino superior e não sabiam se era melhor cursar Pedagogia ou Normal Superior. Elas não aceitavam muito bem o nome Normal Superior. Esta preocupação, embora pareça sem importância, refere-se à imagem desvalorizada do Curso Normal.

Débora comentou que, na faculdade, se discutia mais sobre o nome do curso do que sobre a "qualidade" oferecida para sua formação. Nela os professores também pareciam desmotivados e já não sabiam o que comentar, pois não tinham clareza sobre o assunto.

Essas alunas, descontentes com a falta de informação da faculdade onde estudavam, demonstravam medo de concluir um curso sem validade e, depois, não poderem inscrever-se num concurso, fixar-se numa escola, exercer a profissão. Algumas, por outro lado, comentaram que

das matrículas nos cursos de graduação". Nota-se que na rede privada estas cresceram até 59 vezes, enquanto na pública 20 vezes, o que demonstrou que o Brasil é um país com alto índice de privatização desse nível de ensino. Com a Lei 5540/68 adotou-se o modelo de expansão do ensino superior que foi intensificado com a Lei nº9394/96 durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Com este crescimento houve uma maior mercantilização, com graves conseqüências sobre sua qualidade oferecida. O setor privado teve uma grande explosão. Cresceu no período 5,3 vezes contra 1,9 para a rede federal, 3,9 para a estadual e 1,4 para a municipal". (MEC/INEP).

independentemente das mudanças não pensavam que, um dia, voltariam a estudar e que aquilo já teria sido um grande passo.

Independente da quantidade de tempo necessário para uma graduação satisfatória, a preocupação dessas futuras professoras também estava na manutenção do emprego na escola onde algumas já trabalhavam. Preocupavam-se, também, com os anos que ainda teriam que pagar a mensalidade para continuar estudando, pois, com poucas exceções, eram pessoas de renda parca, que se esforçavam para continuar os estudos.

Para que estas futuras professoras possam interiorizar o seu papel é fundamental apropriarem-se do significado que ele tem na sua vida. A imagem profissional vai se formando com o olhar do outro. Se não é importante ser professora, como atribuir-lhe valor? Como identificar-se com uma profissão que desprestigia e desvaloriza quem a exerce?

PALAVRAS FINAIS

Quando comecei a investigar a história da Escola Normal de Mococa, muitas possibilidades de análise se abriram e, aos poucos, fui fazendo meus recortes e escolhendo o caminho que gostaria de seguir.

Nos dois primeiros anos de pesquisa, vasculhei o arquivo da escola, conversei com funcionários, professores, alunos. Subi e desci várias vezes a sua escada em forma de caracol e caminhei devagar por seus corredores. Vi os alunos nos intervalos, ora jogando bola, ora correndo de um lado para o outro, ora sentados conversando, ouvindo música. Percebi que a história daquele lugar ia além de seus portões, era mais ampla que sua fachada e muito mais interessante do que as informações que os documentos puderam me dar.

O que me trouxe para bem perto deste trabalho foram as fotos encontradas. Elas tinham movimento e diziam-me adeus. Elas também me permitiram comparar dois momentos importantes da história daquela instituição: a sua inauguração e o encerramento do curso das normalistas.

Com este movimento, optei por deixar de contar apenas a história daquela instituição, para inseri-la numa discussão mais ampla. Do prédio, desviei minha pesquisa para as pessoas. Da imagem historicamente construída da normalista, sobrou-me bem pouco. Depois que conheci as

alunas do Curso de Magistério que se formaram em 2004, comecei a entender alguns motivos para que ele acabasse não somente em Mococa, mas em todo o país.

A idéia, que vem desde a primeira metade do século XX e que até chegou a se efetivar em São Paulo, era que deveria existir um Curso Normal Superior, para oferecer às professoras formadas pelas Escolas Normais uma educação mais extensa. Seria uma forma de aprofundar a formação estendendo a escolarização dos docentes. No entanto, essa tentativa não vingou talvez porque uma simples extensão da escolarização não signifique melhoria de qualidade na formação.

A imagem da professora respeitada, formada nas escolas normais dos anos 1950 foi construída com muita propaganda, muito otimismo pedagógico e muita idealização da idéia de nação, desde os anos 1930. A qualidade dos profissionais da educação e da escola tinha um fundo de verdade assentado sobre a forte exclusão, os altos índices de evasão e repetência e sobre a ideologia da ascensão social pela escola.

Tudo isso ficou comprometido com a expansão da escolarização, o controle da evasão e da repetência que garantiu a frequência à escola a toda a população brasileira. A pobreza física e cultural foi exposta e deixou ver as relações entre escola e cultura.

A imagem idealizada da normalista não resistiu às mudanças nas políticas públicas para a educação. Essa imagem, transformada, deu lugar a outra de uma professora mal formada e desesperançada. As próprias escolas que formavam professores em nível médio foram perdendo seu

lugar na sociedade, ficaram abandonadas ou marginais no sistema até se fecharem por completo.

Por trás da falência deste nível de ensino, surge a justificativa de elevação da formação das, principalmente, moças desejosas por se tornarem professoras. Nesta nova proposta de formação, foram criados pelo país cada vez mais cursos superiores em escolas privadas, noturnas ou de fim de semana. Tais escolas foram o fruto da política pública de expansão do ensino superior de forma fácil e pouco responsável, que liberou a educação superior para a exploração mercantil, desresponsabilizando, em boa medida, o Estado da tarefa de formar professores.

De 1997 a 2007, a chamada "década da educação", prevista pela LDB da Educação Nacional assistiu-se a expansão dos cursos de formação de professores, principalmente Pedagogia, Normal Superior, assim como o encerramento do Curso de Magistério, o antigo Curso Normal.

Essa pesquisa indica que a expansão simples da escolarização para os professores não significa melhor formação profissional, assim como se pode deduzir que parte da formação profissional dos profissionais da educação ocorre no tempo e no espaço da atuação profissional. Mas, o que de mais importante essa pesquisa trouxe foi o lugar reservado para os aspectos simbólicos na construção da imagem de uma profissão.

Constatei, com o pequeno grupo de entrevistadas, que tanto o primeiro como o segundo grupo eram procedentes, em sua maioria, de famílias de baixa escolarização e de situação sócio-econômica até

precária, entretanto, há uma diferença quanto à fé na educação e na escola que se observa em cada um dos grupos.

Outra coisa também importante é que os dois grupos tinham formação superior, a diferença é que um a buscou como formação inicial e obrigatória e o outro como formação complementar, ao longo de sua vida profissional.

A idéia de qualificar os professores no ensino superior é mais do que positiva hoje e já está, em certa medida, estabelecida, entretanto, a qualidade e os compromissos dessa formação produzida no espaço mercantil é mais do que duvidosa. Por outro lado, a institucionalização da formação continuada dos professores também não tem conseguido superar a relação de troca entre a escola e seu entorno cultural. Na transição do Curso de Magistério para a formação superior com a tentativa de implantação do Curso Normal Superior repudiada por educadores e usuários da escola deixa em aberto esse tema que segue necessitando de estudos mais detalhados de parte de sociólogos, historiadores e cientistas da educação. O desconsolo dos ex-alunos do Curso de Magistério é apenas um dos indícios capazes de revelar a situação da formação profissional dos professores.

Este trabalho, por meio da pesquisa realizada junto à ex-Escola Normal de Mococa, atual Escola Estadual Oscar Villares, junto ao jornal local *A Mococa* e à *Folha de São Paulo*, à bibliografia e legislação específicas e, sobretudo, através de questionários e entrevistas realizados junto às formandas desta escola em Mococa, percorreu a história da educação brasileira no que diz respeito à formação de

professores. Nessa pesquisa, vieram à tona dados importantes sobre as políticas públicas educacionais e alguns de seus efeitos, bem como a imagem dos educadores, seja na figura das antigas normalistas ou professoras primárias, seja na posição de graduados e graduadas em nível superior.

A normalista tornada professora primária, que habitou positivamente o imaginário de várias gerações de alunos, no Brasil, cedeu sua posição a um novo tipo de profissional, que começou a ser visto, inclusive pela própria classe, como mal qualificado e mal remunerado. Por fim, os cursos de magistério encerraram definitivamente suas portas. Se as políticas públicas, por um lado, tentaram garantir um lugar social diferenciado aos professores dos hoje chamados Educação Infantil e Ensino Fundamental, por outro acabaram por desestabilizar a própria imagem positiva que antes tinham tais profissionais. Isso se deu de tal forma que, atualmente, é o ensino privado que tem formado professores para esses níveis, em sua maioria. O deslocamento do público ao privado, na formação de professores, teve efeitos negativos não só em relação à imagem dos profissionais da educação, mas sobretudo no acesso que membros de classes sociais menos favorecidas tinham para entrar no mercado de trabalho.

As últimas décadas de funcionamento do magistério mostram-nos que a maior parte dos alunos era composta por mulheres que vinham de famílias das classes baixas. O Estado, através da Escola Normal, garantia-lhes uma formação gratuita e, conseqüentemente, uma possibilidade de posição qualificada no mercado de trabalho. Hoje, porém, quem quer ser

professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental deve, na grande maioria dos casos, arcar com os custos de sua própria formação em nível superior, e sem ter garantias de que conseguirá um posto de trabalho quando formado. Caso consiga, porém, novos problemas surgem: no plano econômico, o salário nem sempre compensa o esforço empreendido bem como o dinheiro aplicado e, no plano social, a imagem que se tem como profissional, encontra-se desprestigiada. E esses são problemas que acabam por comprometer a própria qualidade da educação oferecida no país. Para eles ainda estamos devendo, enquanto nação, uma solução.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

1. Fontes Primárias

1.1 Material Documental Institucional

Atas da Maratona Intelectual dos alunos do curso ginasial- 1941.

Atas dos Exames de Madureza-1970

Atas dos Exames Finais- 1966-1971

Atas dos exames de adaptação- fevereiro de 1953 a janeiro de 1976.

Atas de prova oral- dezembro de 1969- 1973.

Atas do curso normal- 1939- 1942; 1942-1948

Atas dos exames orais- 1939, 1942, 1950

Atas dos exames de admissão- 1943, 1944, 1945

Inscrições aos vestibulares do curso Normal de professores.

Livro do ponto- novembro de 1948 a janeiro de 1949;

Instruções para a execução do decreto-lei nº 1750 de 8 de novembro de 1939.

Departamento Nacional de Educação

Portaria nº 466, de 18 de novembro de 1939.

Livro de recortes- 1961 a 1971

Circular nº 13 (27 de dezembro de 1943, Ministério da Educação e Saúde,
Departamento Nacional de Educação, Divisão do Ensino Secundário)

Circular nº 12 (10 de dezembro de 1942, 30 de novembro de 1943, 01 de
dezembro de 1943)

Fonte: Arquivo Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios", pasta 08,
livro 147, janeiro de 1902.

Arquivo Histórico e Pedagógico "Marquês de Três Rios", Pasta 09, 1902.

Sociedade Mocoquense Auxiliadora de Instrução. Ata da Assembléia da
Fundação. Mococa, 01/10/1937.

Livro de Inscrição dos exames de adaptação

Aulas excedentes

1939/1961

1968/1971

Folhas de pagamento

1948-1955

1954-1957

Boletim de frequência

1953-1969

1954-1961

1962-1965

1966-1971

1972-1974

Mapa de movimento

1939-1944

1945-1950

1951-1958

1959-1971

1.2 Jornais

Gazeta de Mococa

08/07/1939-25/06/1940

A Mococa

A Mococa, (05/01/1940 - 09/01/1949)

A Mococa, (01/12/1950 - 25/06/1959)

A Mococa, (01/07/1956 - 01/12/1956)

A Mococa, (12/01/1960 - 20/12/1970)

A Mococa, (30/05/1959)

A Mococa, (20/08/1939)

A Mococa, (28/12/1937)

A Mococa, (30/07/1898)

A Mococa, (09/10/1898)

A Mococa, (20/11/1898)

A Mococa, (11/04/1937)

A Mococa, (31/05/1912)

A Mococa, (31/06/1910)

A Mococa, (13/08/1902)

A Mococa, (13/11/1903)

A Mococa, (14/07/1902)

A Mococa, (14/07/1902)

A Mococa, (24/01/1937)

A Mococa, (07/02/1937)

A Mococa, (04/04/1937)

A Mococa, (11/04/1937)

A Mococa, (04/04/1937)

A Mococa, (04/01/1970)

A Mococa, (19/09/1971)

A Mococa, (13/08/1972)

Folha de São Paulo

Folha de São Paulo, (29/11/2000)

Folha de São Paulo, (12/08/2001)

Folha de São Paulo, (31/07/2003)

Folha de São Paulo, (05/02/2002)

Folha de São Paulo, (27/08/2002)

Folha de São Paulo, (01/08/2003)

1.3 Fotografias

De 1939 a 2004. (total: 700 fotos sobre a Escola Normal e sobre a escola Estadual Oscar Villares.)

2. Entrevistas

Dona Anette Miachon

Dona Marina Teresa Cassimiro de Paula Souza

Dona Odete Dib João

Sr. Mario Jorge

Sra. Isabel Nascimento

Sr. Thomaz Perri (in memorian)

Alunas do Curso de Pedagogia - FaFEM- Mococa- SP

Alunas do Curso de Magistério - 2004 (Silvia, Lúcia, Luciana, Marisa, Débora e Natália).

JORNAL A MOCOCA

	ANO	ESCOLA	MASCULINO	FEMININO	MISTO	PARTICULAR	PÚBLICA
1	1898	Atheneu Mocoquense	X			X	
2	1898	Grupo Escolar			XX		X
3	1898	São José do Rio Pardo		X			
4	1898	Collegio Americano			X	X	
5	1898	Collegio Nossa Senhora da Pompéia					
6	1898	Eschola Particular			X	X	
7	1902	Grupo Escholar	X				
8	1902	Grupos Escholares			X		
9	1902	Collegio	X				
10	1902	Collegio S. Paulo e Minas	X				
11	1903	Grupo Escholar	X				
12	1903	Collegio Paulistano Matricaria Externato para Meninas		X		XX	
13	1910	Órgão do Partido Republicano Grupo Escholar	XX				
14	1910	Cônsul Italiano			X		
15	1910	Grupo Escholar			X		
16	1910	Collegio Rosa					
17	1910	Grupo Echolar Barão de Monte Santo			X		
18	1911	Eschola Profissional			X		

JORNAL A MOCOCA

19	1911	Grupo Escholar			XX		X
20	1911	Collegio Rosa	XX				
21	1918	Gymnásio Municipal de Mococa (Antigo Collegio Rosa)	XX			X	
22	1918	Sociedade Auxiliadora de Instrução (Collegio para meninas)		X			
23	1937	Grupo Escolar Barão de Monte Santo			X		
24	1937	Gymnasio Municipal de Mococa			X		
25	1937	Escola Profissional "Cel. Francisco Garcia"			XX		
26	1937	Gymnasio Municipal e Escola Normal			XX		
27	1937	Gymnasio Municipal de Mococa e Escola Normal livre a Anexa			XX		
28	1950	Escola Normal			XX		
29	1950	Escola Normal de Mococa					
30	1952	Colégio Estadual e Escola Normal de Mococa			XX		
31	1952	Normal - Colégio - Instituto de Educação			XX		
32	1955	Escola Técnica de Comércio			XX		
33	1955	Colégio Maria Imaculada		XX			
34	1955	C.E.E.N. Oscar Villares			XX		

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

DATA	AUTOR (A)	TÍTULO	EDITORIA / PÁGINA	ASSUNTOS PRINCIPAIS
11/01/2000	TORERO, José Roberto	O diálogo dos tempos	Esporte Página: 4	
05/02/2000	GRINOVER, Ada P. et al	O perigo do apagão pedagógico	Opinião Página: 1-3	
05/02/2000	SOUZA, Paulo Renato	Cursos aprimoram a formação docente	Opinião Página: 1-3	
21/05/2000	s/a	Curso Normal superior é a novidade na região de Campinas	Campinas Página: 1-2	
05/11/2000	s/a	Região tem novas opções de cursos	Campinas Página: 1-2	
26/11/2000	CHAIM, Célia	Chega ao fim a era das normalistas	Cotidiano Página: C3	Escola de Samba Unidos da Tijuca; Escola Normal; Rio de Janeiro/RJ/
28/11/2000	s/a	MEC anuncia projetos para formação de docente	Cotidiano Página: C1	Governo Federal; Ministério da Educação; Paulo Renato; Ensino Fundamental, Qualidade; Projeto; Professor; Qualificação Profissional
29/11/2000	s/a	Projeto treina docente para alfabetizar	Cotidiano Página: C3	Educação; Alfabetização; Treinamento; Professor; Saeb/Sistema de Avaliação do Ensino Básico
29/11/2000	s/a	Projeto treina docente para alfabetizar	Cotidiano Página: C3	Educação; Alfabetização; Treinamento; professor;SAEB/Sistema de Avaliação do Ensino Básico/

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

04/12/2000	GOIS, Antonio	Ministro diz que esperava notas melhores	Brasil Página: A6	Educação; Paulo Renato Souza; Professor; Formação; Polêmica; SAEB /sistema de Avaliação da Educação Básica/
04/12/2000	s/a	Frases	Brasil Página: A6	Educação; Paulo Renato Souza; Professor; Formação; Polêmica; SAEB /sistema de Avaliação da Educação Básica/
12/12/2000	s/a	A formação do professor	Fovest Página: Especial-8	Educação; Vestibular; Magistério; Pedagogia; Professor; Carreira; Alteração; Formação; MEC/ Ministério da Educação
12/12/2000	FELINTO, Marilene	Quando os professores e os juízes erram	Cotidiano Página: C2	Educação; Formação de Professores; Juízes
12/12/2000	PELLIM, Roberto	Legislação altera cursos e a formação de professores	Fovest Página: Especial-8	Educação; Vestibular; Magistério; Pedagogia; Professor; Carreira; Alteração; Formação; MEC/ Ministério da Educação
12/12/2000	s/a	A formação do professor	Fovest Página: Especial-8	Educação; Vestibular; Magistério; Pedagogia; Professor; Carreira; Alteração; Formação; MEC/Ministério da Educação
15/12/2000	s/a	Programa quer melhorar formação de professores	Cotidiano Página: C4	Ministério da Educação; Formação; Professores; Alfabetização

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

28/12/2000	s/a	Secretário quer formação à distância	Cotidiano Página: C4	Prefeitura; Marta Suplicy/Prefeita;/ São Paulo/SP/, Fernando José de Almeida/ Secretário da Educação
23/02/2001	NISKIER, Arnaldo	Qual é o futuro do magistério?	Opinião Página: 1-3	
25/10/2001	s/a	Lei atribui importância à universidade	Fovest Página: Especial-8	Educação; Professor; Licenciatura; Curso; LDB/Lei de Diretrizes e Bases/ Universidade; Diploma
24/05/2002	s/a	12 mil docentes não fizeram até a 8ª série	Cotidiano Página: C4	Educação; Ministério da Educação; Censo Escolar 2001; Qualificação; Professor; Docente
09/06/2002	s/a	Antiga FFLCH era referência nacional	Cotidiano Página: C9	Educação; USP; FFLCH / Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/; História
23/07/2002	PILAGALLO, Oscar	A mestre rebelde, com carinho	Folha Sinapse Página: 38	Educação; Anísio Teixeira
27/08/2002	NUTI, Silvana	Professor corre atrás do diploma	Folha Sinapse Página: 24 a 25	Educação; Ensino Fundamental; Professor; Diploma
27/08/2002	s/a	Entenda as mudanças	Folha Sinapse Página: 24	Educação; Ensino Fundamental; professor; Diploma
30/08/2002	s/a	Formação de professores está melhor	Cotidiano Página: C3	Educação; Melhoria; Formação; Professor

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

30/08/2002	GOIS, Antonio	Ensino médio cresce 4,6%, diz Censo Escolar	Cotidiano Página: C1	
08/09/2002	SOUZA, Paulo Renato	Melhor educação para todos	Opinião Página: A3	
20/10/2002	s/a	Ter experiência em docência valoriza carreira	Especial Página: 4	
16/01/2003	NICOLETTI, André	Escola não é único local de trabalho após graduação	Fovest Página: Especial-8	Educação; Vestibular; Mercado de trabalho; Carreira; Pedagogia/Curso/
30/07/2003	STRAUSS, Luis Renato	CNE dispensa diploma para 773 mil docentes	Cotidiano Página: C1	Educação; Professor Leigo; Qualificação; Diploma; LDB/ Leis de Diretrizes e Bases para a Educação/; Ministério da Educação; Parecer
30/07/2003	s/a	Para conselho docente tem direito adquirido	Cotidiano Página: C1	Educação; Professor Leigo; Qualificação; Diploma; LDB/ Leis de Diretrizes e Bases para a Educação/; Ministério da Educação; Parecer
01/08/2003	STRAUSS, Luis Renato	Aprovado parecer que dispensa professor de ter grau universitário	Cotidiano Página: C7	Educação; Cristovam Buarque; CNE/Conselho Nacional de Educação/; professor; Diploma Universitário
02/08/2003	s/a	Qualificar o professor	Opinião Página: A3	
29/08/2003	PEREZ, Maria A.	Escola é aluno, professor e comunidade	Opinião Página: A3	
12/11/2003	BUARQUE, Cristovam	MEC lança rede de formação para professores	Cotidiano Página: C4	

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

15/12/2003	s/a	Para ministro, crise é mais profunda	Cotidiano Página: C4	
07/01/2004	STRAUSS, Luis Renato	Sobram vagas para formar professores	Cotidiano Página: C4	
10/01/2004	MARTINS, Ives Gandra et al	Painel do leitor	Opinião Página: A3	
12/03/2004	COLLUCCI, Claudia	MEC prepara aperfeiçoamento de professores	Cotidiano Página: C4	
13/10/2004	s/a	Painel do leitor	Opinião Página: A3	
15/10/2004	CHALITA, Gabriel	Mensagem a quem professa o magistério	Opinião Página: A3	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Márcia Ângela da S. O conselho nacional de secretários de educação na reforma educacional do governo FHC. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 80, set. 2002.

AGUIAR, Márcia Ângela da S. et al. Diretrizes curriculares do curso de pedagogia no Brasil: disputas de projetos no campo da formação do profissional da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 96, out. 2006.

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALENCAR, Chico & GENTILI, Pablo. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ALMEIDA, Maria Izabel de. Docentes para uma educação de qualidade: uma questão de desenvolvimento profissional. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 165-176, 2004.

ALVES, Nilda. **Formação do jovem professor para a educação básica**. Cadernos CEDES, São Paulo, n. 17, 5-20, set. 1995.

_____. Imagens de professoras e redes cotidianas de conhecimentos. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 19-36, 2004.

ARANTES, Antonio (org). **Produzindo o passado**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARGAN, Giulio. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza. **Escola Normal "Carlos Gomes": memória e formação de professores (1903-1936)**. Campinas, 2005 188 p. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

BADARÓ, Murilo. **Gustavo Capanema: a revolução na cultura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BAPTISTELLA, Ana Cristina Salibe. **A produção de conhecimento nas escolas de magistério**. Campinas, 2003. 318 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.

BARBOSA, Irene Maria Ferreira. **Enfrentando Preconceitos. Um estudo da escola como estratégia de superação das desigualdades**. Campinas: Unicamp, 1997.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928)**. *Educare*, Curitiba, n. 18, p. 103-141. 2001.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Vol. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TA Queiroz, 1983.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Trad. Ana Rabaça. Portugal: Publicações Euro-América, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **A Reprodução. Elementos para uma teoria do ensino**. São Paulo: Vega, 1983.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Escritos de Educação**. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Carlos da F. **LDB passo a passo**. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971**. São Carlos: EdUFSCAR, INEP, 2002.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 35, mai/ago. 2007.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lúcia Gaspar. **Feminização do Magistério: Vestígios do passado que marcam o presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da história. Ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Elpídio M. et al. Críticas aos fundamentos filosóficos, sociológicos e históricos do currículo do magistério de 2º grau. **Educar**, Curitiba, n. 9, p. 133-159, 1993.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Importância educacional da geografia. **Educar**, Curitiba, n. 9, p. 121-125, 1993.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula. Gênero e trabalho docente nas séries iniciais.** São Paulo: Xamã, 1999.

CATANI, Denice Bárbara et al. **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação.** 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, S.A. Memória e Sociedade, 1990.

CORTEZ, Maria Cecília; SOUZA, Christiano. **Escola e Memória.** Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco. 2000.

CRUZ, Rosana Evangelista da. Banco mundial e política educacional: cooperação ou expansão dos interesses do capital internacional? **Educar**, Curitiba, n. 22, p. 51-75, out. 2003.

CUNHA, Célio. **Educação e autoritarismo.** São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1981.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição.** São Paulo: Cortez, 1987.

_____. Os desafios da formação docente. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 221-230. 2001.

D' ALESSIO, Márcia Mansor. **Reflexões sobre o saber histórico:** Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

DEITOS, Roberto Antonio. **Ensino Médio e Profissional e seus vínculos com o BID/ BIRD. Os motivos financeiros e as razões ideológicas da política educacional.** Cascavel: EDUUNIOESTE, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **Mulheres no Brasil Colonial.** São Paulo: Contexto, 2003.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. Formação, competência e cidadania. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 60, p. 51-63, dez./2007.

DIAS, Rosanne Evangelista; LOPES, Alice Casimiro. Competências na formação de professores no Brasil: o que (não) há de novo. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 85, p. 1155-1177, dez. 2003.

DREYFUS, Francine Muel. **Le métier d'éducateur**. Paris: Les Éditions de minuit, 2005.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, out. 2004.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaio. Estado, processo, opinião pública**. Tradução: Sérgio Benevides. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EVANGELISTA, Olinda; SHIROMA, Eneida Oto. Professor: protagonista e obstáculo da reforma. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 3, set./dez. 2007.

FAGUER, Jean-Pierre. **Khâgneux pour l'avie: une histoire dês années soixante**. s/l: Nouvelle série, 1995.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org). **Arquivos, Fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados, 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. A universidade no Brasil: das origens à reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36. 2006.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus-USP, 1966.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Diretrizes curriculares para o curso de pedagogia no Brasil: a gestão da educação como gérmen da formação. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 97, p. 1341-1357, set./dez. 2006.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Literatura Escolar e História da Educação: cotidiano, ideário e práticas pedagógicas**. São Paulo, 2000, 280 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo - USP.

FORQUIN, Jean Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Michel. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

FREITAS, Edgar. **Mococa, 100 anos de História (1847 - 1947)**. Mococa: Gráfica, 1947.

FREITAS, Fernanda de Lourdes de. **A constituição da identidade docente: discutindo a prática no processo de formação**. Campinas, 2006. 144 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 100, out. 2007.

_____. A reforma do Ensino Superior no campo da formação dos profissionais da educação básica: As políticas educacionais e o movimento dos educadores. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 68, dez. 1999.

_____. Certificação docente e formação do educador: regulação e desprofissionalização. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 85, dez. 2003.

_____. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 80, set. 2002.

FREITAS, Marcos Cezar (org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000a.

FREITAS, Marcos Cezar de (org). **Memória Intelectual da educação brasileira**. 2. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção (org). **Memória de Professoras: história e histórias**. Juiz de Fora, Minas Gerais: UFJF, 2000b.

GENTILI, Pablo. **Pedagogia da Exclusão. Crítica ao neoliberalismo em educação**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GOMES, Luiz Cláudio Gonçalves. A história da educação através de imagens fotográficas e outras fontes complementares: vários espelhos de um mesmo objeto. **Vértices**, Rio de Janeiro, n. 2, mai/ago. 2003.

GOUVEIA, Aparecida Joly. **Professoras de Amanhã: um estudo de escolha ocupacional**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1970.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos. Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 67-85, 2004.

HALBAWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOLANDA, Sérgio B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INEP (BRASIL). *Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Profissional de Professores e Garantia de Qualidade na Educação: Relatório Final*, Brasília: 1999. 31 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Política de formação profissional para a educação infantil: Pedagogia e Normal Superior. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 68, dez. 1999.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange J. (org.). **Histórias de professores: Leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 2003.

KRAWCZYK, Nora Rut. Políticas de regulação e mercantilização da educação: socialização para uma nova cidadania?. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 92, out. 2005.

KUENZER, Acacia Zeneida. A formação de educadores no contexto das mudanças no mundo do trabalho: Novos desafios para as faculdades de educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 63, ago. 1998.

_____. As políticas de formação: A constituição da identidade do professor sobrando. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 68, dez. 1999.

KUENZER, Acácia Zeneida et al. Porque não queremos uma LDB na contramão da história: uma análise do Substitutivo Darcy Ribeiro. **Educar**, Curitiba, n. 11, p. 107-115, 1995.

KULESZA, Wojciech Andrzej. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, n. 193, p. 63-71, set./dez., 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 4ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEI Nº 4024, DE 1961 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

LEI Nº 5692, DE 1971 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

LEI Nº 9.394, DE 1996 - Estabelece as Diretrizes da Educação Nacional.

Lei Orgânica do Ensino Normal. Decreto-Lei 8530, de 02/01/1946.

Lei Orgânica do Ensino Primário. Decreto-Lei 8529, de 02/01/1946.

LIBÂNEO, José Carlos et al. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 68, p. 239-277, dez. 1999a.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001.

LIBÂNIO, José Carlos ; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 68, dez. 1999b.

LISPECTOR. Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

_____. **A Paixão Segundo G. H.** Rio de Janeiro: ROCCO, 1998b.

MACHADO, Evelcy Monteiro. Avaliação no curso de Pedagogia. **Educar**, Curitiba, n. 9, p. 169-176, 1993.

MANCIBO, Denise et al. Crise e reforma do Estado e da Universidade brasileira: implicações para o trabalho docente. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 37-53. 2006.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula. O fazer e o compreender**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MELO, Maria Teresa Leitão de. Programas oficiais para formação dos professores da Educação Básica. **Educação & Sociedade**, n. 68, p. 45-72, dez. 1999.

MICHELOTTO, Regina Maria. Políticas para a educação superior no Brasil, em fase de transição. **Educar**, Curitiba, n. 22, p. 153-172, out. 2003.

MIRANDA, Sonia Maria Guariza de A. Educação especial. **Educar**, Curitiba, n. 11, p. 127-128, 1995.

MENEGHEL, Stela M. et al. A relação entre avaliação e regulação na Educação Superior: elementos para o debate. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 89-106. 2006.

MONARCHA, Carlos. **A escola normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Unicamp, 1999.

MOROSINI, Marília et al. Universidades Comunitárias e sustentabilidade: desafio em tempos de globalização. **Educar**, Curitiba, n.28, p. 55-700, 2006a.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior- Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124. 2006b.

MUNAKATA, Kazumi. Educação e modernidade: sob as figuras do relógio e da tipografia. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 43-52. 2001.

NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães. (org). **Estado e políticas Sócias no Brasil**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Schola Mater: A Antiga Escola Normal de São Carlos 1911-1933**. São Carlos: EdUFSCAR, 2002.

NÓVOA, Antonio. (org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora: 1995.

NUNES, Andréa Caldas. Autonomia na Universidade. **Educar**, Curitiba, n. 11, p. 125-126, 1995.

NUNES, Andréa Caldas et al. Curso de magistério: vítima da dispersão e descontinuidade. **Educar**, Curitiba, n. 12, p. 19-38, 1996.

OLIVEIRA, João Ferreira de et al. Avaliação, desenvolvimento institucional e qualidade do trabalho acadêmico. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 71-87. 2006.

OLIVEIRA, Maria Cecília Martins de. Cotidiano e formação de professores: ruptura ou articulação. **Educar**, Curitiba, n. 9, 1993.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

PACHECO, José Augusto et al. Políticas educacionais nos anos 90: a formação de professores no Brasil e em Portugal. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 185-199, 2001.

PALADINI, Carlos Alberto. **Assim nasceu Mococa**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1995.

PAVAN, Diva Otero. **Duas histórias relacionadas: as professoras primárias paulistas e o sistema nacional de ensino (1930-1980)**. Campinas, 2003 213 p. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

PENA-VEJA, Alfredo et al. **Edgar Morin: Ética, Cultura e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

PEREIRA, Luiz. **O magistério primário numa sociedade de classes**. São Paulo: Pioneira, 1969.

PINTO, José Marcelino de Rezende. Financiamento da educação no Brasil: um balanço do governo FHC (1995-2002). **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 80, p. 109-136, set. 2002.

_____. O acesso à educação superior no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 88, p. 727-756, out. 2004.

PONTE, João Pedro da. Pesquisar para compreender e transformar a nossa própria prática. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 37-66, 2004.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

PRADO, Bento Jr. **Alguns ensaios. Filosofia, Literatura Psicanálise**. São Paulo: Max Limonad, 1985.

QUEIROZ, Humberto de. **A Mococa. De sua fundação até 1900**. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1913.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T A. Queiroz, 1991.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação. Trad: Carlos Eduardo Silveira. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 13-28. 2001.

REIS FILHO, Casemiro. **A educação e a ilusão liberal**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira. A organização escolar**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

RISTOFF, Dilvo; GIOLO, Jaime (org.) **Trajetória da mulher na educação superior brasileira/ 1991-2004**. Brasília: s/e, 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SAVIANI, Demerval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: 2004.

SCHEIBE , Leda; AGUIAR, Márcia Ângela. Formação de profissionais da educação no Brasil: O curso de pedagogia em questão. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 68, p. 220-238, dez. 1999a.

SCHEIBE, Leda et al. Formação de profissionais da educação no Brasil: O curso de Pedagogia em questão. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 68, p. 221-238, dez. 1999b.

SCHEIBE, Leda. O projeto de profissionalização docente no contexto da reforma educacional iniciada nos anos 1990. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 177-193, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo**. São Paulo: Augurium Editora, 2004.

SCOCUGLIA, Afonso C.; MACHADO, Charliton J. dos S. **Pesquisa e historiografia da educação brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Magistério e mediocridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

SILVA, Geraldo Bastos. **A educação secundária: perspectiva histórica e teoria**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

SILVA, José Luiz Werneck. **O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Reformas do Estado e da educação e as políticas para a formação de professores a distância: implicações políticas e teóricas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, set./dez. 2003.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. A nova lei da educação superior: fortalecimento do setor público e regulação do privado/mercantil ou continuidade da privatização e mercantilização do público?. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 29, mai/ago. 2005.

SIMÃO, Ana Margarida Veiga et al. Contextos e processos de mudanças dos professores: uma proposta de modelo. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 90, p. 173-188, jan. / abr. 2005.

SIMSON, Olga R. de Moraes Von (org). **Experimentos com histórias de vida: Itália - Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

SIMSON, Olga R. de Moraes Von. **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Unicamp, 1997.

Sociedade Brasileira da História da Educação (org.). *Educação no Brasil: história e historiografia*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOLOMON, Joan. Desenvolvimento profissional de professores: prática evolucionária, reforma curricular e mudança cultural. **Educar**, Curitiba, n. 14, p. 137-150. 1998.

SOUZA, Paulo Renato. *Na contramão da História*. In: O Estado de São Paulo. 23/01/2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. **O Direito à educação**: lutas populares pela escola em Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Fotografias escolares: a lei de imagens na história da escola primária. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: CIA. Editora Nacional, 1976.

_____. **Ensino Superior no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

_____. **Educação não é privilégio**. 3. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

TOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, Geni A. Nader (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 78, abr. 2002.

VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, Luciano M. de. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2005.

VINCENT, Guy et al. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, jun. 2001.

WEBER, Silke. Notas sobre o CNE e a qualidade do Ensino Superior. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 80, p. 91-108, set. 2002.

_____. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 85, p. 1125-1154, dez. 2003.

WEREBE, Maria José Garcia. **Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil**. São Paulo: Ática, 1997.

XAVIER, Maria E. et al. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado et al. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.